

MARIA LAURENTINA FAGULHA VAZ

**ECOS DA CULTURA DE RAÍZ PORTUGUESA
EM TERRAS DO CANADA**

em

***My Darling Dead Ones* de Erika de Vasconcelos e**

***A Casa das Rugas* de Eduardo Bettencourt Pinto**

Mestrado em Estudos Americanos

Orientadora da Dissertação: Prof. Doutora Maria Filipa da Palma Reis

**Universidade Aberta de Lisboa
2005**

Resumo

Este trabalho tem como pano de fundo as sucessivas vagas migratórias de portugueses para o Canadá, um desafio que envolveu o confronto entre os mundos deixados e aqueles descobertos nas novas realidades do país de acolhimento. Fizemos uma leitura das inevitáveis consequências sociais e culturais reflectidas nas obras de dois escritores luso-descendentes, *My Darling Dead Ones*, de Erika de Vasconcelos e *A Casa das Rugas* de Eduardo Bettencourt Pinto. Ambas são paradigmáticas de um passado perdido mas que se recria nas convergências e divergências de uma nova identidade numa sociedade diferente, pelo que nos propomos analisar o resultado dessa vivência na literatura contemporânea, numa reflexão acerca da importância e da sobrevivência da língua portuguesa como identidade de um povo no espaço multicultural e pluri-étnico canadiano. Salientamos o lugar que a literatura de raiz portuguesa ganhou naquele país, reflectindo as suas origens e percursos, mas perfeitamente adaptada e contribuindo com as suas escritas próprias para a riqueza e diversidade desse espaço cultural.

Palavras-chave: emigração portuguesa; lusodescendentes; identidade; multiculturalismo; língua portuguesa; literatura.

Abstract

This thesis centres on the Portuguese migratory movement to Canada, a challenge which involved the confrontation between the worlds left behind and those discovered in the new realities of the hosting country. We made a reading of the inevitable social and cultural consequences while reflected in the works of two Portuguese-descendant writers, Erika de Vasconcelos' *My Darling Dead Ones*, and Eduardo Bettencourt Pinto's *A Casa das Rugas*. Both of these are paradigmatic of a lost past which recreates itself through the convergences and divergences of a new identity in a different society, enabling us to analyze the outcome of that life experience as portrayed in contemporary Literature, in a reflection about the importance and survival of the Portuguese language as identity of a people amid the Canadian multicultural and poly-ethnic space. We point out the place that Literature of Portuguese root has won in that country, reflecting its origins and evolution but perfectly adapted and able to contribute with its own writings to the richness and diversity of that cultural space.

Key words: Portuguese emigration; Portuguese-descendants; identity; multiculturalism; Portuguese language; literature

Résumé

Ce travail a pour but l'étude des mouvements qu'ont formé les migrations successives des Portugais vers le Canada, en mettant face à face les mondes quittés et les mondes découverts au milieu des nouvelles réalités du pays d'accueil. Nous avons fait une lecture des inévitables conséquences sociales et culturelles que l'on trouve dans des oeuvres d'écrivains, eux-mêmes descendants de Portugais, comme par exemple: *My Darling Dead Ones*, de Erika de Vasconcelos et *A Casa das Rugas* de Eduardo Bettencourt Pinto. Tous deux sont représentatifs d'un passé perdu mais qui se recrée au milieu des convergences et des divergences d'une société différente, ce qui nous permet d'analyser le résultat de ce vécu dans la littérature contemporaine, à travers une réflexion sur l'importance et la survie de la langue portugaise comme identité d'un peuple dans l'espace multi-culturel et multi-racial canadien. Nous soulignons le rôle que tient, la littérature de racine portugaise dans ce pays, littérature qui reflète ses origines et ses parcours tout en étant parfaitement adaptée à la richesse et à la diversité de ce nouvel espace culturel.

Mots-clés: émigration portugaise; descendants de Portugais; identité; multiculturalisme; langue portugaise; littérature.

AGRADECIMENTOS

Ao terminar a presente dissertação, desejo expressar o meu reconhecimento a todos os que a tornaram possível: à minha Orientadora, Professora Doutora Maria Filipa Palma dos Reis, à Escritora Teolinda Gersão, às Professoras Doutoradas Helena Paiva Correia, Maria Teresa Cid, Maria de Deus Duarte, aos Professores Doutores George Monteiro e Fernando Nunes e à Colega Dinah, agradeço a partilha do saber e das fontes, os reparos avisados, as sugestões acertadas, e o empréstimo amigo de bibliografia.

O meu agradecimento é também devido ao Escritor Eduardo Bettencourt Pinto pelos esclarecimentos que se dignou prestar-me, relativos à sua obra literária.

A Mme. Louise Dowling, bibliotecária do Centro Cultural Canadano de Paris, a quem dei a conhecer a escritora Erika de Vasconcelos, agradeço a prontidão com que sempre respondeu aos meus pedidos.

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Índice Geral	2
Prólogo	3
Introdução	6
Epígrafe	9
Capítulo I - Cultura de Raíz Portuguesa no Canadá	
1. Migrações e Viagens dos Portugueses	11
2. O Papel da Mulher no País de Partida e de Chegada	26
3. Recordação e Mito	30
4. Assimilação-Integração-Multiculturalismo	32
5. Vida Cultural das Comunidades	39
6. Inserção dos Luso-Descendentes na Sociedade Canadiana	44
7. Criação Literária	51
Capítulo II - <i>My Darling Dead Ones</i>. Atitude da Segunda Geração perante as Origens	
1. A Questão da Identidade e o Advento de Novos Discursos	63
1.1. O Estranhamento do Nome	65
2. Fiona e a Cumplicidade das Mulheres da Família	75
3. A Mulher e a Escritora	89
Capítulo III - Eduardo Bettencourt Pinto, <i>A Casa das Rugas</i>. Persistência da Língua Portuguesa nos Movimentos Migratórios	
1. <i>A Casa das Rugas</i> . África e Portugal. O Confronto entre dois Mundos ...	109
2. A Procura do Pai e o Encontro com as Origens	137
Conclusão	148
Bibliografia	156
Webgrafia	166
Anexo	170

PRÓLOGO

Ao começar este trabalho de Mestrado, gostaríamos de enunciar de forma breve como se iniciou o meu percurso nesta jornada transatlântica.

O interesse por este tema surgiu no Seminário de Cultura Americana, durante o qual a Orientadora, Professora Doutora Maria Filipa Reis, a propósito dos temas a ser desenvolvidos nas dissertações, sugeriu o romance *My Darling Dead Ones* (1998)¹ da escritora luso-canadiana, Erika de Vasconcelos, de que tínhamos tido conhecimento durante a sua estada nos Estados Unidos.

Em relação a Eduardo Bettencourt Pinto, autor de *A Casa das Rugas*,² tivemos oportunidade de o conhecer pessoalmente quando do lançamento deste romance em Novembro de 2004, em Lisboa. A sua obra tinha-nos sido indicada pela escritora Teolinda Gersão, leitora atenta deste autor. Trata-se de um escritor que tem mantido uma participação particularmente activa nos encontros dos Açores sobre a Literatura da Diáspora.³ Decidimos então utilizar a sua obra como a segunda representação dos ecos da experiência e presença portuguesa no Canadá, a tratar de forma contrastiva relativamente ao romance de de Vasconcelos.

Vários meses mais tarde tivemos oportunidade de conhecer alguém que tinha emigrado para o Canadá nos anos cinquenta; os seus relatos informais, resultado de uma conversa amena que não tinha ainda em vista a sua utilização neste trabalho, levaram-nos a pensar que tínhamos entre mãos um outro romance em embrião, uma outra biografia ficcionada, passiva de várias leituras, e que constituía, de certo modo, um documento presencial da emigração portuguesa no espaço canadiano. Baseando-me nestes três exemplos – embora muito diferentes,

¹ Edição utilizada neste estudo: *My Darling Dead Ones*. Toronto: Vintage Canada, 1998.

² Edição utilizada: *A Casa das Rugas*. Porto: Campo das Letras, 2004.

³ Vamberto Freitas dedicou-lhe alguns estudos críticos na obra *Mar Cavado. Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas*. Lisboa: Salamandra, 1998.

à sua maneira paradigmáticos de percursos humanos e literários que estabelecem uma ponte cultural entre Portugal e o Canadá, prosseguimos viagem.

Aos testemunhos orais e escritos mencionados juntou-se a nossa curiosidade natural pelo Canadá, alimentada pelos relatos de um dos colegas de Mestrado e sustentada por leituras subsequentes ao impulso e curiosidade iniciais. Consideramos enriquecedora a investigação acerca de um país ao qual nunca tínhamos prestado especial atenção. Recordamos vivamente a visita à Universidade Aberta da Professora Charlene Diehl-Jones, da Universidade de Manitoba, Canadá, em particular a leitura de alguns dos seus poemas e sobretudo uma pergunta sua: – o que era uma charneca? Para mim, era o espaço árido de terra pobre e vegetação rasteira que conhecia do meu país natal. Mas a Professora Charlene referia-se à charneca canadiana, coberta de neve durante largos meses e que, com a chegada da Primavera, se convertia numa terra fértil coberta de flores. Naturalmente, estávamos a falar de duas realidades/conceitos diferentes, o que por si revela a pluralidade de leituras e significados que percorrem os discursos relativamente a esses espaços, também produto da diversidade migratória.

O conjunto de ilações retiradas perante o confluir da História, da vida e do acaso permitiu-nos pensar na emigração portuguesa para essas terras longínquas em diferentes épocas, fundamentalmente motivada pelas mesmas razões de sobrevivência que levaram os primeiros habitantes do actual território do Canadá a fixar-se nele, constituindo o núcleo humano hoje conhecido pelo termo *First Nations*. Cumprem-se assim vários ciclos de vida em permanente transmutação e ligação, que têm vindo a desenvolver-se até aos nossos dias, dando lugar a um espaço social identitário multiétnico onde também se abrigaram milhares de portugueses.

Perante a importância da presença humana como fazedora de novas realidades no continente norte-americano e, em especial, da presença lusa no Canadá, surgiram algumas questões: “A viagem terá valido a pena?” “Qual o produto final da diáspora?” “Como está ela agora representada?”

Desenvolve-se assim o nosso interesse pela emigração portuguesa para o Canadá, sobretudo no que diz respeito à presença e ao contributo na outra margem de um mar “outrora navegado”, de onde nos chegam os ecos da cultura de origem.

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende recuperar uma visão física e temporal distante, numa tentativa de aproximação à realidade cultural de um país do extremo Norte do continente americano com que se confrontaram várias gerações de emigrantes portugueses, raramente percebida.

O alcance deste estudo justifica-se pela emergência de novos discursos narrativos que conduzem o leitor a nova perspectiva da integração transnacional, sobretudo no que respeita a uma nova visão do mundo e a uma nova maneira de abordar esse poderoso elemento cultural que é a memória. Por outro lado, o Canadá, que podemos considerar como um país novo, permanece de alguma forma oculto, ofuscado pela exuberância mediática dos Estados Unidos da América, o seu parceiro de fronteira. Verifica-se contudo que aquele país, área de lacuna e que tem sido silenciado no campo dos Estudos Americanos, merece ser mencionado devido ao seu notório desenvolvimento e riqueza literária.

Começaremos por uma sinopse relativa ao nascimento do Canadá como nação e às sucessivas vagas migratórias, as quais configuraram o que hoje se transformou num controverso e rico aglomerado de nações convivendo na partilha das suas línguas e culturas, numa singular identidade nacional que mantém as respectivas ancestralidades.

Faremos menção aos primeiros contactos portugueses com as vastas regiões costeiras do Canadá no decorrer das viagens de expansão e descobrimento, na tentativa de encontrar uma alternativa para o Oceano Pacífico. Acompanharemos as viagens ousadas das embarcações pesqueiras que partiam anualmente em busca da rentável, mas arriscada, faina do bacalhau nos grandes bancos ao largo da costa canadiana, motivo de cobiça e disputa por parte de outras nações numa terra de ninguém.

Prosseguindo uma orientação dirigida pela memória escrita e histórica, falaremos do percurso evolutivo da emigração, das dificuldades experimentadas

pelos pioneiros desse movimento recorrente na sociedade portuguesa, das migrações internas e da fixação definitiva em centros urbanos com a consequente criação do característico bairro português de Toronto, *Little Portugal*.

A inserção e assimilação dos emigrantes na malha étnica canadiana são motivo do nosso interesse, pois referem-nos a reconstrução de uma outra identidade baseada na (re)criação dos costumes e tradições do continente, Açores e Madeira, a qual se foi esboroando com a mudança do espaço geográfico.

Afigurou-se pertinente a inclusão da referência aos povos nativos no primeiro capítulo, dado que não só estes mas também os seus símbolos (con)viveram e (con)vivem com os emigrantes que se estabeleceram no Canadá – como o exemplo do nosso entrevistado Joaquim de Matos,¹ habitante da cidade de Kitimat cujo topónimo ‘people of the snow’ é proveniente dos Haisla, um dos mais antigos povos nativos ou *First Nations*. E ainda nos ocorre a situação mais flagrante do português pioneiro Joe Silvey que casou com nativas das tribos Squamish e Sechelte.

É nossa intenção conceber uma reflexão sobre a importância da língua enquanto identidade de um povo e como meio de comunicação e trabalho num espaço multilingue como o Canadá.

Neste percurso, e em consequência da referência à língua como expressão primeira das nossas necessidades e afectos, faremos menção à sua utilização no âmbito literário, através de um elenco breve de autores luso-canadianos que espelham o produto final dessa epopeia, resultante das primeiras incursões lusas em terras canadianas.

Propomo-nos estudar dois autores luso-canadianos, Erika de Vasconcelos e Eduardo Bettencourt Pinto, dos quais apuramos não existir nenhum estudo de fundo com excepção de um ensaio da Professora Isabel Maria de Sá Nena Patim sobre *My Darling Dead Ones* de Erika de Vasconcelos e de alguns artigos dispersos sobre ambos os escritores.

¹ Cf. *Entrevista*, em **Anexo**, pp. 172-181.

Foi exactamente *My Darling Dead Ones* que escolhemos assim com *A Casa das Rugas* de Eduardo Bettencourt Pinto que tentaremos analisar do ponto de vista histórico e sócio-cultural o percurso das respectivas personagens no deambular das suas vidas em trânsito, e no confronto entre o Velho e o Novo Mundo, em itinerários traçados em torno da sobrevivência e da importância de uma língua imbuída de universalidade: o Português e a adopção da língua inglesa para transmissão da memória lusitana.

Reforçamos assim a nossa intenção do tratamento dos textos como veículo de expressão de autores descendentes de portugueses integrados na sociedade canadiana, quer pela situação de nascimento, quer por opção vivencial e /ou amorosa; é decerto uma expressão diferente, mas concludente das suas origens e percursos e do seu visionamento do espaço português, deixando a oportunidade de uma futura análise literária dos mesmos a quem, após ter lido este trabalho, julgue propício continuar com o labor por nós iniciado, e que poderíamos denominar como *work in progress*.

As siglas que utilizaremos ao longo deste trabalho e em relação às obras *My Darling Dead Ones* e *A Casa das Rugas*, serão, respectivamente, *MDDO* e *CR*.

Crónica

Eram barcos e barcos que largavam
Fez-se dessa matéria a nossa vida
Marujos e soldados que embarcavam
E gente que chorava à despedida

Ficámos sempre ou quase ou por um triz
Correndo atrás das sombras inseguras
Sempre a sonhar com índias e brasis
E a descobrir as próprias desventuras

Memória avermelhada dos corais
Com sangue e sofrimento amalgamados
Se rasga escuridões e temporais
Traz-nos também nas algas enredados

E ganhou-se e perdeu-se a navegar
Por má fortuna e vento repentino
E o tempo foi passando devagar
Tão devagar nas rodas do destino

Que ou nós nos encontramos ou então
Ficamos uma vez mais à deriva
Neste canto que é o nosso próprio chão
Sem que o canto sequer nos sobreviva

Letras do Fado Vulgar

Vasco Graça Moura

Capítulo I

Cultura de Raíz Portuguesa no Canadá

Ethnic communities have been present in every period and continent and have played an important role in all societies. Though their salience and impact have varied considerably, they have always constituted one of the basic modes of human association and community.

John Hutchinson & Anthony D. Smith. "Introduction", *Ethnicity*.

Clearly, ethnicity, far from fading away, has now become a central issue in the social and political life of every continent. In *Preface*.

"Preface". *Op cit.*

São canadianos pelos jeans, as French Fries, a junk-food que nunca se serve em casa. Enfim, toda uma sub-cultura que leva à homogenia. É necessário estudá-los, fazer pesquisa, apresentar directivas mais científicas sobre estas questões de identificação de indivíduos cujas identidades ficam por identificar.

Laura Bulger. *Vaivém*.

I. 1. Migrações e Viagens dos Portugueses

Falar de um país como o Canadá dando a conhecer a sua dimensão geográfica, parece-me a forma mais clara de abordagem inicial num trabalho em que a presença lusa naquele país será um vector essencial.

Este território de quase 10.000.000 de km² estende-se entre dois oceanos, limitado ao Norte pelo Ártico e ao Sul pelos Estados Unidos da América. Um vasto território extremamente frio, de longos e rigorosos invernos, era habitado por várias tribos (Hurons, Iroquois, Sioux, Assiniboinés, Algonquins, Mistassins, Chippewa, entre outras) apelidados de índios pelos primeiros exploradores europeus, que julgaram tratar-se dos habitantes da muito procurada Índia, no mítico Oriente.¹ Estes nativos, descendentes das sucessivas migrações asiáticas através do Estreito de Bering, eram muito diferentes dos habitantes da zona

¹ Jennes, Diamond. *Indians of Canada*. Bulletin 65. Ottawa: National Museum of Canada, rev., 1955. *Encyclopedia Britannica*. Walter Yust, ed. London: V. 9, pp. 696-697.

ártica junto dos grandes lagos, possuidores de uma cultura diferente e designados por Esquimós.²

O conjunto destes povos – oriundos de outros continentes distantes – é fruto de uma transumância contínua, uma emigração provocada por factores alimentares tendo em vista a sua sobrevivência, constituindo os elementos ancestrais que irão formar um novo país: o Canadá.

A pluralidade populacional sempre se fez sentir neste território, chegando até aos nossos dias e definindo a vasta riqueza que caracteriza as diferentes culturas e atitudes mentais visíveis no território do actual Canadá. Esta multiplicidade étnica permite que um povo como o canadiano esteja imbuído de valores culturais e de uma originalidade que se afirma, não só através dos costumes e das mentalidades, mas também através da expressão literária.

Neste contexto multicultural, a presença dos portugueses fez-se sentir no novo continente; sendo no século XVI, no âmbito dos Descobrimentos, que se efectua o contacto primordial com o território desconhecido.

Em 1535, o navegador francês Jacques Cartier referiu-se a estas novas terras utilizando o termo “kanata”, que significava aldeia ou conjunto de casas. Mais tarde os cartógrafos popularizaram o nome de “Canadá” para denominar aquele conjunto de territórios, nome formalmente ratificado pelo *Constitution Act* de 1867: “[They] Shall form and be One Dominion under the name of Canada (...)”.³ Em 1604, Samuel de Champlain, o pai da Nouvelle France, fundou a primeira colónia francesa, Port Royal, e quatro anos depois surgia o Québec. Os primeiros colonos, de origem francesa, dedicaram-se ao comércio das peles e à exploração das florestas e foram penetrando no território onde mais tarde se fixaram, fundando povoações. No entanto, estes locais não passaram de entrepostos comerciais, sem que o estabelecimento de colonos fosse importante.

² Cf. Edward S. Curtis. *En Kayak entre los Hielos*. El Indio Norteamericano. Esquimales. Vol. 20. Ed. José J. de Olañeta. Barcelona: La Pipa Sagrada, 1999 [1930], pp.21-22.

³ Cf. National Library of Canada. “Origins of Canadian Words”. Ottawa: National Library of Canada. 21 Outubro 2004. <<http://www.nic-bnc.ca/8/11/r11-203-e.html>>.

No século XVIII, a rivalidade existente entre a Grã-Bretanha e outras potências europeias fez-se sentir inevitavelmente nas colónias do Novo Mundo. A França tentava desenvolver as suas colónias – Québec e Montréal – e estabelecer uma fronteira criando uma linha de fortes, mas o número de habitantes franceses era muito menor do que o de ingleses; a imigração não tinha sido incrementada devidamente e a França, a braços com a guerra dos Sete Anos, não tinha recursos suficientes para se defender da invasão britânica.

Pelo Tratado de Paris (1763), o Canadá passou a ser uma colónia britânica com instituições britânicas e o uso do Inglês como língua oficial, excepto nas áreas de colonização francesa. Constituíram-se assim, os dois principais grupos fundadores do Canadá, dando lugar a que através de sucessivas alterações da Constituição se formassem as bases de um país bilingue sob a soberania britânica, ao qual mais tarde foram chegando sucessivas vagas de imigrantes naturais do Reino Unido: escoceses, irlandeses e ingleses, que se fixaram no Ontário, bem acolhidos por pertencerem à cultura dominante.

Em 1 de Julho de 1867 criou-se o Domínio do Canadá, confederação política bicultural e dividiu-se a antiga colónia (Upper and Lower Canada) em duas províncias: Ontário e Québec. A criação da Confederação foi uma medida defensiva perante a ambição expansionista americana dando verdadeiramente início ao país moderno, embora ainda pouco povoado, com uma economia frágil e dependente de duas culturas em conflito. Este novo estado é membro da Commonwealth e tem, por isso, um estatuto de monarquia *in absentia*.

A vastidão do território exigia mais habitantes, o que levou à implementação de uma severa política migratória destinada a assegurar uma determinada continuidade racial. Em 1885 foram concluídas as obras do caminho de ferro Transcanadiano unindo as costas Leste e Oeste e só então a conquista do território ficou concluída.

No século XX, a crise financeira de 1929 trouxe a fome e o desemprego, quebrando a tradicional estabilidade social, além de restringir a admissão de

estrangeiros. Anos mais tarde, a II Guerra Mundial provocou novas ondas de emigrantes provenientes de vários países europeus o que fez mudar a política de imigração até aí imperante. Essa imensa vaga era constituída por refugiados que pretendiam escapar às perseguições políticas, à fome e ao desemprego, ou vinham à procura de novas oportunidades, de justiça e de liberdade. Gradualmente, a população foi-se fixando numa estreita faixa ao longo da fronteira americana estendendo-se do Atlântico ao Pacífico.

A economia canadiana estava orientada para a agricultura e para a indústria madeireira, precisava de mão-de-obra experiente nestes tipos de trabalho e de homens que pudessem suportar as temperaturas negativas do Inverno canadiano, não podendo prescindir da imigração que ocorria de acordo com as necessidades existentes e sempre sob as orientações governamentais.

A Costa Leste do Canadá foi reconhecida e navegada pelos portugueses desde o início do século XV.⁴ Na sua procura de uma passagem marítima para a China, João Vaz Corte Real terá explorado a costa nordeste de Newfoundland em 1470 e em 1493, Pedro de Barcelos seguiu o seu trilha. Os filhos de Corte Real – Miguel e Gaspar – fizeram uma viagem de reconhecimento, tendo desaparecido neste intento. A partir de 1501, e após a descoberta de quantidades abundantes de bacalhau nas costas de Newfoundland, os portugueses iniciaram viagens periódicas destinadas à pesca do bacalhau, tal como é referido por alguns testemunhos: “An Englishman, John Rut, wrote from St. John’s on August 3, 1527, that his companions had ‘found eleven saile of Normans, and one Britaine, and two Portugall Barkes all a-fishing’”.⁵ Esta situação alterou-se com o crescimento de tensões entre a Inglaterra e a Espanha, o que deu lugar à pirataria e à guerra marítima. Em 1598 ainda partiram de Viana do Castelo e do Porto

⁴ “It has been claimed that in 1452, acting on orders of Prince Henry of Portugal, Diogo de Teive set out from Lisbon with a Spanish pilot to explore far into the Atlantic”. Cf. Grace M. Anderson and David Higgs. *A Future to Inherit-Portuguese Communities in Canada*. Toronto: McClelland & Stewart, 1976, p. 4.

⁵ Judah, Charles. *The North-American Fisheries*. Urbana: University of Illinois, 1933, p. 14. *Apud, op. cit.*, p. 10.

cinquenta barcos de pesca, mas no fim do século XVIII a pesca do bacalhau nas costas de Newfoundland e nos Grandes Bancos foi abandonada. O comércio deste peixe, de grande importância para a alimentação dos portugueses, passou para as mãos dos ingleses.

Durante o século XIX e com o desenvolvimento da pesca da baleia nas costas atlânticas americanas foram contratados pescadores açorianos, bem conhecidos pelo seu bom desempenho nas fainas. Estes homens aprenderam Inglês, viajaram até às costas do Canadá e tiveram notícia das colónias da Nova Inglaterra. Tornaram-se assim numa preciosa fonte de informação acerca destas paragens, tendo sido os primeiros a dar a conhecer as oportunidades que a América e o Canadá ofereciam.

No século XX a pesca do bacalhau foi retomada. A frota pesqueira era conhecida pelo nome de *White Fleet*, devido às suas velas brancas. Apesar das duas Guerras Mundiais, a pesca continuou ao longo da costa canadiana:

In 1940, Jorge Simões, a Portuguese journalist, travelled from Lisbon to Newfoundland with the *White Fleet* and wrote an account of his experiences. (...) Until the early 1950s the annual arrival from Portugal of schooners, fishing from April to October, and trawlers, which fish twice a year, was the most important single link between Canada and the Portuguese world.⁶

Durante muito tempo não foram fundadas colónias, mas a passagem dos navegadores e pescadores portugueses ficou registada pelos nomes atribuídos a diferentes locais ao longo da costa – Bacalhaus (Baccalieu Island); Cabo Rei (Cape Ray); Frei Luís (Cape Freels); Ilha Roxa (Red Island); Fogo (Fogo Island); St^a Maria (Cape St. Mary's); Terra Nova (Newfoundland) e Labrador (Terra do Lavrador) –, todos eles testemunhos das navegações dos portugueses por aquelas

⁶ *Ibidem*, p. 13.

paragens. Posteriormente, presume-se que tenha havido uma diminuta fixação de pescadores na faixa costeira.

A partir de 1940, a imigração portuguesa foi gradualmente aumentando até 1953, década que conhece um rápido crescimento. As províncias de destino viriam a ser Québec, Ontario e a British Columbia. António Quintal figura entre os primeiros registos da chegada de um português à costa oeste. Em Agosto de 1939, um veleiro inglês acostou na Madeira à procura de um membro para a sua tripulação; Quintal ofereceu-se e foi contratado como tripulante. O veleiro atravessou o Canal de Panamá chegando a Vancouver em Setembro de 1940. Uma vez ali, António Quintal trabalhou num rebocador e, mais tarde, no barco do piloto, obtendo a nacionalidade canadiana em 1947.

Um outro caso de épocas anteriores que merece registo é o de Pedro da Silva ⁷, o qual chegou a Nouvelle France antes de 1673 e se radicou perto do rio São Lourenço, o que lhe permitiu trabalhar na descarga de navios e na entrega de mercadorias e, mais tarde, na de correspondência. Em 1705, o intendente de Nouvelle France nomeou-o primeiro correio daquele território. Por este motivo, os correios canadianos criaram no ano de 2003 um selo comemorativo cuja data de emissão coincidiu com a da chegada a Halifax do navio *Saturnia* que trouxe os primeiros imigrantes portugueses, ao abrigo de um acordo Luso-Canadiano. ⁸

Este acordo foi decisivo para a fixação oficial dos portugueses neste país, que até então fizeram parte de uma segunda vaga de emigrantes.

Aliou-se a este facto um acontecimento no vale frutícola de Okanagan, na província da British Columbia. Na década de 1950 registou-se uma acentuada falta de mão de obra para a colheita de maçãs; a cooperativa frutícola da povoação de Osoyoos suspendeu os trabalhos de embalagem para dar apoio aos fruticultores, e até a escola secundária local foi encerrada por forma a que os

⁷ Shehla Burney. “First Canadian Postman”. *Across the Atlantic. The Story of Portuguese Canadians*. Toronto: Difference Press Canada, 2003, p. 5.

⁸ Canada Post-Press Releases – Archives 29 May 2003: “Celebrating Portuguese Canada’s first letter carrier”. Canada Post, 21 Outubro 2004. < <http://www.canadapost.ca/textonly/personal/corporate/about/newsroom/pr/archiveasp?prid=856>>.

estudantes pudessem ajudar. Esta foi uma solução transitória para uma anomalia que voltaria a repetir-se e já não era novidade. Os trabalhos eram sazonais e nem sempre se conseguia obter apoio de trabalhadores nas épocas necessárias. Como consequência, decidiu-se na Convenção de fruticultores de Osoyoos que seria conveniente a contratação de mão de obra mexicana e filipina, com a condição de que estes trabalhadores sazonais fossem levados de regresso aos seus países de origem no fim das colheitas. Temia-se que a sua fixação naquele lugar fosse prejudicial.

Enquanto se procurava uma solução para este problema, deu-se a chegada dos navios *Saturnia* e *S.S Hellas* em 1953, o *Homeland* em 1954, e o *Rosa Star* em 1955,⁹ todos eles levando a bordo numerosos emigrantes portugueses.¹⁰ A vinda destes portugueses, como foi já mencionado, surgiu em consequência de um acordo bilateral luso-canadiano e a oportunidade subjacente foi motivada pela urgente falta de mão-de-obra para a agricultura e para a construção dos caminhos de ferro, que conheciam um momento de forte expansão. Este programa incluía trabalhadores rurais e pequenos comerciantes dos Açores e de Portugal Continental, que foram chegando entre os anos de 1954 e 1957, num total de 4.000.

O primeiro grupo foi enviado para o Vale de Okanagan (British Columbia), onde viria a trabalhar para os pomicultores e outros agricultores da região, por 50 cêntimos à hora. Esses portugueses atravessaram o Canadá de comboio vindos de Halifax, onde tinham chegado ao célebre Cais 21 vindos de Portugal. Enquanto estes empregos duraram, os imigrantes preencheram as necessidades de mão-de-obra do mercado de trabalho canadiano e contribuíram, de certa forma, para o aliviar das tensões sociais que se faziam sentir em Portugal nessa época. Os seus destinos em terras canadianas dividiram-se. Alguns permaneceram no Vale de Okanagan, apreciado pelo seu clima ameno, quando

⁹ Cf. *Entrevista* em **Anexo**. Navio e data de partida do nosso entrevistado.

¹⁰ Domingos Marques e João Medeiros. *Portuguese Immigrants: 25 years in Canadá*. Toronto: West End YMCA, 1980, p.27

comparado com as restantes temperaturas do Canadá. Outros conseguiram reunir dinheiro suficiente após vários anos de trabalho e compraram pequenas quintas. Um deles, José Martins, lembra-se de ter conseguido comprar o pomar Walter Cardston em 1967: “It took nine years of working in the orchards of other people and saving the money before I could buy a farm”.¹¹

No início da década de 1960, a falta de mão-de-obra na apanha da fruta e a má situação económica, causada pelas sucessivas geadas das décadas de 1950 e 1960, levou a que muitos proprietários canadianos idosos se tivessem reformado e vendido as suas propriedades – alguns deles eram veteranos de guerra e tinham comprado as suas terras ao abrigo do “Veteran Land Act”. Para poderem sustentar as recém adquiridas propriedades, os imigrantes portugueses contaram com a ajuda da família e foi assim que as tornaram rentáveis. Mais tarde, em 1987, já habitavam 1.200 portugueses naquela região do Okanagan. Estes factos evidenciam histórias de algum sucesso.

Outros portugueses foram à procura de novos empregos noutras locais de acordo com a oferta, pois uma vez terminada a época da colheita não havia mais emprego. As condições de vida desses primeiros anos de imigração foram extremamente difíceis. Como habitação tinham uma cabana com um fogão a lenha, sem água corrente. Percorriam distâncias consideráveis, por falta de veículo próprio e de outros transportes. Mas a maior dificuldade estava no desconhecimento da língua do país de acolhimento,¹² para além da falta de escolaridade de muitos deles, e ainda da diferença de culturas e de costumes. No entanto, estes imigrantes constituíam um grupo relativamente coeso.

Houve também os que foram separados logo à partida, e então o seu isolamento tornou-se-lhes em mais uma agravante. Colocados em quintas e territórios extensos, longe dos centros urbanos, eram explorados pelos agricultores, obrigados a trabalhar longas horas à intempérie, a fazer todo o tipo

¹¹ “Ethnic Agricultural Labour in the Okanagan Valley: 1880s to 1960”. 18 Outubro 2004.
<http://royal.okanagan.bc.ca/cthompson/living_landscapes>.

¹² Cf. *Entrevista* em **Anexo**, p. 175.

de serviços desde alimentar o gado, limpar as vacarias, cortar árvores, sem que lhes fosse proporcionado vestuário adequado ao clima frio, nem refeições substanciais para o esforço requerido, ou um intervalo razoável para as refeições. Algumas vezes eram transferidos de um agricultor para outro sem que pudessem tomar alguma decisão:

I was taken to a farm around Sherbrooke in Quebec. In the morning, after milking the cows, the boss would take me away somewhere, hand me an axe and a saw and through gestures, made it understood that I was to cut down those trees. At night, he would come back and pick me up for dinner. This was in May and the ground was still covered with melting snow. The boots I had brought over from the Azores were simply useless for spending the whole day chopping wood in those conditions.

Four days later, I got a surprise. The boss called me, told me to pack my bags, gave me eight dollars, put me in his car and took me to another farm. But in that place, if I hadn't run away, I would have starved to death.¹³

Alguns conseguiram escapar a esta situação de semi-escravatura e procuraram a companhia de outros portugueses para obterem apoio e informação sobre possíveis empregos. Os emigrantes açorianos, que constituíam a maioria, eram pobres e tiveram de contrair empréstimos para pagar a viagem e obter os cem dólares canadenses – para despesas pessoais – requeridos pelas autoridades canadianas. De início, apenas os homens solteiros eram contratados; mais tarde, foi autorizada a ida de homens casados, o que fez com que as mulheres se reunissem. Foram anos de trabalho duro e privações para poderem juntar dinheiro e fazerem chegar até si a família que tinha ficado na terra.

Estes emigrantes eram, na sua maior parte, contratados para trabalhar nas equipas dos Caminhos de Ferro Canadianos durante 1 ano, a 98 cêntimos à hora, incluindo alojamento em velhos vagões de carga. Trabalhavam em grupos de 20 a 120, faziam-no arduamente para poupar dinheiro e partir para as cidades onde poderiam ter melhores condições. Muitos sentiam-se tentados a fugir para os

¹³ “The Stowaway: General History”. 10 Outubro 2004.

<<http://www.whitepinepictures.com/seeds/ii/22/history1.html>>.

Estados Unidos da América; no entanto, o receio dos inspectores da imigração refreava-os de tais intentos.

Começou então o êxodo das populações para os centros urbanos. De acordo com o Censo Canadiano de 1996, os portugueses constituíam um dos mais importantes grupos étnicos. Calcula-se, por exemplo, que 50.000 portugueses habitassem a província do Québec estabelecendo-se a maior parte na capital, Montréal, e sendo na sua maioria de origem açoriana. Em Vancouver, o número de residentes portugueses era de 100 na década de 1950, estimando-se em 16.000 na actualidade, concentrados no continente. No total, contam-se 23.380 em British Columbia. Em Alberta estariam registados 9.755 portugueses e luso-descendentes, e 9.530 em Manitoba. Na Província do Ontario, onde actualmente vive a maior parte da população portuguesa, o seu número era estimado em 231.805, enquanto que o Censo da Área Metropolitana de Toronto indicava 161.685 portugueses. Segundo este mesmo censo, o Português era uma das linguas mais faladas a seguir ao Chinês e ao Italiano. As autoridades portuguesas no Canadá calculavam que o número de luso-canadianos (da primeira, segunda e terceira gerações) se situasse entre os 400.000 e 550.000. Destes, dois terços eram emigrantes dos Açores ou descendentes de emigrantes açorianos.¹⁴

Uma forma de combater a exclusão foi a criação de bairros portugueses, à semelhança do que acontecia com outras etnias. Foi o caso de *Little Portugal*, localizado na cidade de Toronto:

When the residents of metropolitan Toronto think of the Portuguese, they usually call to mind the colourful Kensington Market with its Portuguese stores spilling over onto the sidewalks. Chickens can be bought, still alive, from cages. Fresh fruit stores, vegetable stands, and fish shops are there in abundance. The delicious aroma of Portuguese pastries floats from the bakeries. Everywhere... there is bustle and animated conversation. The groups jostle each other... blocking the free flow of pedestrian traffic on the

¹⁴ “The Portuguese in Canada”. 10 Outubro 2004. <<http://www.ub.es/geocrit/sn.94-77e.html>>.

crowded sidewalks. Occasionally a car attempts to make its way down the road... Many visitors come to the area to see the “Portuguese district”.¹⁵

A zona de fixação inicial foi a Oeste do centro da cidade, por ser considerado um local bem posicionado, na proximidade da área de emprego, havendo facilidade de alojamento e de transportes.

Os próprios emigrantes foram abrindo estabelecimentos, organizaram as suas instituições sociais, culturais e religiosas, tendo vindo a expandir-se desde a sua fixação nesta zona de 1960 a 1970. A actual cidade de Mississauga, nos subúrbios de Toronto, onde se encontra o aeroporto internacional, é uma zona comercial e industrial de sucesso, tendo deixado de ser um dormitório para se tornar numa área de habitação com vida própria e tendo-se registado um aumento considerável da população. Para além de Toronto e Mississauga, onde se encontram registados 160.000 portugueses no Consulado Português, existem outras comunidades portuguesas espalhadas por Montreal, Hull, Laval, Winnipeg Ottawa e Vancouver.¹⁶

Os portugueses que nessas terras se estabeleceram exercem as mais variadas profissões e actividades, desde limpezas, construção, manutenção de edifícios, comércio, agências de viagens, serviços de restauração, actividades que se estendem a outras menos numerosas como professores, políticos, advogados, médicos e artistas.

Se é certo que a história destas pessoas enriquece o imaginário social e cultural português dando lugar a obras literárias de diversa índole, ela também constitui um documento deturpador da realidade “contada” e “ouvida” da vida para além fronteiras. Nem tudo o que parece é, e a criação de sonhos lisonjeiros perturba a visão clara do esforço e sucesso daqueles que partem.

¹⁵ Grace Anderson. *Networks of Contact: The Portuguese and Toronto*. Waterloo, Ontário: Wilfried Laurier University Press, 1974, p. 167. *Apud* Leo Driedger, *Race and Ethnicity: Finding Identities and Equalities*. Ontario: Oxford University Press, 2003, p. 160.

¹⁶ “Consulate General of Portugal in Toronto – Emigration”. Toronto: Consulado Português. 11 Outubro 2004. <<http://www.cgportugaltoronto.com/emigration.html>>.

De acordo com a análise de Caroline Bretell sobre a emigração portuguesa no Canadá, emigrar é sempre um processo de partida, permanência e regresso:

(...) from the novel *Emigrantes*, Ferreira de Castro has captured both the realities and the dreams of Portuguese migration – a social phenomenon rooted in process of leaving, staying behind, and returning. What is fictionalized by Ferreira de Castro, and by a hoist of other Portuguese writers of the past and the present, has its roots in centuries of the cumulative experiences of Portuguese citizens who have departed for places unknown, hoping one day to return to the bosom of the known.¹⁷

Seria pertinente um olhar sobre a realidade nacional coeva cuja característica mais saliente, segundo José Mattoso,¹⁸ seria a diversidade das duas grandes áreas – Norte e Sul – que a compunham e que uma ideologia centralizadora e nacionalista teimava em ocultar e ignorar, destruindo os valores culturais profundos que estavam na base da identidade nacional. Seria a tendência centralizadora do país que impediria as práticas necessárias a que cada região criasse o desenvolvimento adequado e desejado. Esta opinião confirma-se com o rumo tomado pelo país a partir de 1930.

Após os anos incertos da República, surgiu uma personalidade de relevo que ocupou o cenário político durante perto de quarenta anos. António de Oliveira Salazar, nomeado Primeiro-Ministro em 1932, foi o criador do chamado Estado Novo. Como responsável pelo Governo, exercia funções executivas e legislativas e era o líder da União Nacional, única organização política legal. O seu objectivo primeiro era o de sanear as finanças e acabar com a dívida externa. Com esta finalidade aumentou as taxas, controlou o crédito e o comércio, cortando também na despesa pública e no consumo interno. Ao fim de alguns anos de prossecução

¹⁷ Caroline Bretell. “Leaving, Remaining, and Returning: The Multifaceted Portuguese Migratory System”. David Higgs. Ed. *Portuguese Migration in Global Perspective*. Ontario: The Multicultural History Society of Ontario 1990, p. 61.

¹⁸ José Mattoso. *O Essencial sobre A Formação da Nacionalidade*. NCM, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa: 1986, 2ª ed., p. 51.

desta política severa, Salazar tinha conseguido os seus objectivos; para isso tinha condenado o país ao subdesenvolvimento e à pobreza, e o meio rural português e a classe trabalhadora eram das mais pobres da Europa:

Desejaria que os Portugueses vivessem ‘habitualmente’.¹⁹ A expressão tornou-se célebre; Salazar desejava manter o País no estado patriarcal e arcaico das sociedades pastoris (...) desenvolveu essa ideia, que inspirou a sua acção económica – ou, melhor dizendo, a sua inacção.²⁰

O princípio de não abertura do país ao exterior impediu os investimentos estrangeiros que poderiam ter estado na origem de mais emprego. O temor de uma nova recessão e a necessidade de escoar os desempregados rurais levaram à adopção de novas orientações, sendo a mais importante a emigração para as colónias portuguesas, porque cumpria duas finalidades. Por um lado, fornecia postos de trabalho para a população portuguesa desempregada e, por outro, desenvolvia a economia das colónias para proveito de Portugal.

Trinta anos mais tarde teria lugar o primeiro levantamento contra o poder português em Angola, resultante da referida tendência. As colónias, que também tinham ajudado ao equilíbrio financeiro de Portugal, iriam tornar-se independentes e os imigrantes iriam “retornar”.

Se o balanço destes anos poderia, deste ponto de vista, ser optimizado, o certo é que o país sustentava o mesmo ritmo emigratório:

Todos os indicadores concordam e formam no seu conjunto um verdadeiro libelo acusatório: educação, saúde pública, recursos alimentares, nível de salários. O resultado de tudo isto é a emigração cada vez maior, esvaziando o País da sua substância e acentuando a condenação, não apenas da política adoptada mas também do próprio país, cujo futuro cada vez mais se esfuma na linha do horizonte.²¹

¹⁹ Tal como vem citado em: Fernando Rosas. “O Estado Novo”. *História de Portugal*. Direcção de José Mattoso. Lisboa: Estampa, 1994, p. 419.

²⁰ Jacques Georgel. “Capítulo I. O Patriarquismo”. *O Salazarismo*. Prefácio de Mário Soares. Lisboa: Dom Quixote, 1985, p. 293.

²¹ *Op. cit.*, “Capítulo II: “O Miserabilismo”, p. 325.

De acordo com Jacques Georgel, o analfabetismo confinaria o homem a si mesmo; desconhecedor dos seus direitos, não reivindica e limita-se a aceitar o que lhe é imposto, até porque Salazar considerava que os portugueses apenas precisariam de saber ler, escrever e contar. A sua participação na vida socio-política do país não lhes era requerida, havia quem tomasse as decisões por eles.

Com o intuito de manter uma escolarização mínima, mandou suprimir as creches, as escolas normais para professores ²² e impôs a redução do ensino primário para três anos. ²³ De facto, a escolarização apenas iria prolongar-se dos sete aos onze anos em 1970, e até aos dezasseis em 1971. ²⁴ No que diz respeito aos jovens filhos de famílias pobres do interior do país, a sua escolarização era quase nula, e os poucos que pretendiam prosseguir estudos, só o conseguiam fazer em algumas instituições como os Seminários, o Exército, a Guarda Nacional Republicana ou a Polícia. ²⁵

São tempos de aguda miséria se tivermos em conta, em primeiro lugar, a alimentação insuficiente da população, por vezes, no caso das comunidades rurais, proveniente apenas da agricultura de subsistência praticada; depois, a habitação exígua e insalubre, sem instalações sanitárias nem electricidade; e finalmente, a saúde pública, considerada durante muito tempo de menor preocupação, e que estava dependente do Ministério do Interior.

²² Decreto nº 11 731, de 15 de Junho de 1926. O ponto máximo de repressão atingiu-se, porém, a nível de formação dos professores, com o encerramento durante sete anos da escola do Magistério Primário (1935-1942). 2 Maio 2005. <www.malhatlantica.pt/germanobagao>. Pelo Decreto-Lei de 5 de Setembro de 1942 as escolas do Magistério Primário reabriram, mas apenas em Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, e o curso passou de três para dois anos.

²³ Decreto nº 13 619, de 17 de Maio de 1927. Decreto nº 16 077, de 26 de Outubro de 1928. Decreto nº 16 730, de 13 de Abril de 1929 (todos eles referentes ao ensino primário elementar). (...) extinção do ensino infantil oficial (Decreto-Lei nº 28 081, de 9 de Outubro de 1937) e a redução da escolaridade obrigatória para 3 anos (situação que se manteve até 1956 para o sexo masculino e até 1960 para o sexo feminino). 2 Maio 2005. <www.malhatlantica.pt/germanobagao>.

²⁴ Jacques Georgel. *Op. cit.*, p. 327.

²⁵ António Figueiredo. *Portugal, Cinquenta Anos de Ditadura*. Lisboa: Dom Quixote, 1976. *Apud* Jacques Georgel. “Capítulo II: “O Miserabilismo”, p. 325.

No que diz respeito às condições materiais da vida familiar das primeiras gerações de emigrantes – e razão da sua partida –, Edite Noivo comenta:

(...) the material conditions they (first-generation members) believe largely hindered their marriages and parenting. Born into poverty-ridden peasant families, most first generation subjects had, as young children, already experienced the cause-effect relationship of family and migration. Since emigration has been a constant in recent Portuguese history, many immigrants came from families whose main provider had reacted to Portugal's political economy by migrating to Brazil, Argentina, or the United States. But few of the married men who left fulfilled their promises and responsibilities to support their family households. Most never sent remittances nor returned to their families.²⁶

A este panorama desolador juntava-se o abandono dos campos, o aumento da mortalidade infantil, a fuga para os centros urbanos, a emigração,²⁷ o aumento das famílias monoparentais, como consequência da ausência do pai de família, o que sucedia nos casos em que o trabalhador migrante partia clandestinamente ou era “chamado” por parentes, não tendo inicialmente condições para se fazer acompanhar da família ou para conseguir o reagrupamento familiar; esta situação de desamparo originava o aparecimento da “caridade oficializada”, que pretendia confortar os pobrezinhos. O poder consolava as suas vítimas, arrogando-se uma posição protectora.

Quanto à emigração, os homens partiam pensando regressar passados dois ou três anos: porém, a realidade contrariava essa vontade. A adaptação aos países de acolhimento tornava-se mais árdua em virtude da falta de educação desses emigrantes, que se viam confrontados não apenas com um meio físico diferente mas, também, com uma língua que desconheciam e cuja aprendizagem se tornava difícil, por falta de tempo para estudar e por carecerem de bases para tal actividade. Eram absorvidos por uma voragem que os ia levando e muitos deles nunca regressaram. Outros houve que nos deixaram o seu legado,

²⁶ Edite Noivo. “Family Life: Before and After Migration” in *Inside Ethnic Families. Three Generations of Portuguese-Canadians*. Montréal: McGill-Queens University Press, 1997, p. 42.

²⁷ Fernando Rosas. *Op. cit.*, p. 421.

permitindo-nos desenvolver estudos e tirar conclusões acerca destes movimentos migratórios. São abundantes as publicações de contos, poemas e relatos realizados por emigrantes portugueses um pouco por todo o Mundo.

Houve uma época em que o total da emigração portuguesa atingiu números tão surpreendentes que o Governo teve de reconsiderar a sua posição no que se referia à saída de emigrantes, proibindo-a.²⁸ Segundo Fernando Rosas, calcula-se que entre 1946 e 1973 terão emigrado quase dez milhões de pessoas. Quem desejasse emigrar devia solicitar autorização aos Serviços de Emigração; as diligências a efectuar eram morosas e complexas, as pessoas tinham de se deslocar sem dispor de meios para isso. Desta forma, surge o aumento da emigração ilegal, como alternativa. Por este motivo, o número certo de pessoas que abandonaram o país nunca será conhecido:

A política puramente repressiva falhou, (...) A primeira razão é que um homem novo, que sabe que está condenado assim como a sua família à miséria, transporá qualquer obstáculo para sair do seu martírio. A segunda razão é a guerra no Ultramar, que aumentou para quatro anos a duração do serviço militar; e muitos jovens, politizados ou não, recusaram-se a consagrar um período tão longo das suas vidas a um conflito de que nem sequer tinham a certeza se lhes dizia ou não respeito.²⁹

Em relação à proibição da emigração como forma de estancar a hemorragia, já Eça de Queirós se tinha pronunciado ironizando: “Como solução a um problema económico – o governo acha uma fechadura. A governação do Estado torna-se questão de serralharia! Um trinco é um princípio: um parafuso uma instituição!”³⁰

²⁸ Jacques Georget. *Op. cit.*, p. 332.

²⁹ *Op. cit.*, pp. 332-333.

³⁰ *Apud* Isabel Pires de Lima. “Nota Introdutória”. Eça de Queirós, *A Emigração como Força Civilizadora*. Lisboa: Dom Quixote, 2001, p. 17.

2. O Papel da Mulher no País de Partida e de Chegada

A ausência dos homens foi causadora de grande impacto no papel económico da mulher. Dentro dos moldes de uma sociedade patriarcal, o poder de decisão cabia ao homem e o papel da mulher era sempre secundário, ou antes, não reconhecido. Com a partida do chefe de família, a mulher passou a ocupar um lugar preponderante, vendo-se obrigada a tomar decisões no que dizia respeito ao governo do lar, à educação dos filhos, ao trabalho do campo ou ao desempenho de outras tarefas profissionais, como acontecia nas cidades. Isto porque era necessário ganhar dinheiro para sustentar a família enquanto as remessas do marido não chegavam e porque a viagem de emigração endividara a família.

Tratava-se de uma verdadeira divisão do trabalho que relacionava a ocupação laboral com a poupança do marido emigrante por um lado e, por outro, o labor da mulher e a sua presença e a dos filhos no país de origem, o que permitia a continuação do lar como representação do núcleo familiar. Estas famílias enfrentaram severas privações económicas, devido sobretudo ao alto nível de natalidade. Eram comuns as famílias com dez ou doze filhos, muitas vezes entregues a parentes chegados perante a impossibilidade da sua manutenção e educação. Noivo comenta a este respeito:

The most common was the placement of children in households with more means. Several of our first and second generation were raised by kin or by childless couples seeking companionship and / or child labour. (...) some visited their immediate family only yearly, while others, residing nearby, saw them frequently. Individuals from both groups recalled visiting their families and feeling a sense of “outsideness” within a setting where they felt entitled to belong.³¹

³¹ Edite Noivo. *Op. cit.*, p. 43.

O nosso entrevistado, Joaquim de Matos,³² era filho de um médico e fazia parte de uma família de oito irmãos; embora a profissão do pai apareça normalmente associada ao bem estar económico, há oitenta anos ser médico rural significava trabalho árduo e baixos rendimentos, pelo que poderíamos concluir que esta foi decerto uma das razões da sua ida para casa de uma tia que vivia no Norte, local onde passaria a sua adolescência.

A situação económico-social imposta pelas circunstâncias e pelo afastamento dos membros das famílias era traumática tanto para a mãe como para os filhos, o que aumentava as dificuldades a gerir pela mulher que ficava na “terra”.

Por outro lado, a mulher de aldeia cujo marido estava ausente via o seu espaço de movimentação mais limitado, o seu estatuto de mulher casada cingia as suas idas e vindas, à igreja, à casa, e à família que morava próximo. Com o tempo esta situação irá sofrer uma grande alteração por força da obrigação de contactar com o mundo exterior: deslocação dos filhos para as vilas por causa dos estudos, afazeres respeitantes à gestão da economia familiar e o início de uma actividade urbana ou semi-urbana que a irá afastar do meio rural.

Do ponto de vista socializante, o contacto da mulher com o mercado de trabalho irá desenvolver as suas capacidades de interrelação e aprendizagem de outras tarefas que não as meramente domésticas. A sua independência económica acentua-se a par do seu poder de aquisição e decisão, beneficiando desta forma a orientação dos filhos, por se ter tornado mais permeável às vivências sociais. Ao mesmo tempo, o contacto com outras mulheres de emigrantes irá criar um circuito informativo interno acerca de novas oportunidades de trabalho e de habitação no país de acolhimento, que irá quebrar o isolamento dos trabalhadores e ajudá-los na sua instalação. Acontecia, por vezes, que a desejada reunião familiar no país de acolhimento nem sempre se tornava realizável. Não se tendo cumprido no espaço de dois ou três anos projectados, o casal preferia que os filhos permanecessem a

³² Cf. Entrevista em **Anexo**.

estudar no país de origem, em lugar de serem transferidos para um outro país, o que poderia acarretar dificuldades escolares. O casal avistar-se-ia apenas durante as férias e o marido iria enviando as suas remessas para a construção da tão desejada casa de família, despesas familiares e dinheiro para poupança, sempre com o pensamento nas dificuldades que poderiam sobrevir. Poupar era uma regra familiar, um hábito que sustentava a razão do trabalho.

Estas mulheres apenas se reuniam aos maridos quando estes tinham empregos estáveis, o que não acontecia logo de início, visto que os homens eram colocados em locais ermos e afastados dos centros urbanos, devido ao tipo de trabalho que desempenhavam. O movimento dos migrantes para o Oeste canadiano como consequência do aparecimento de trabalho na construção das novas linhas férreas veio adiar mais o esperado encontro familiar, uma vez que as grandes distâncias tornavam as viagens mais dispendiosas e impraticáveis para o emigrante que mandasse vir a mulher e os filhos. Este facto está na origem do movimento migratório de regressão para a costa Leste e para cidades como Montréal e Toronto, mais próximas da costa atlântica. Contudo, a reunificação familiar nem sempre se tornava possível, e o projecto inicial via-se confrontado com as realidades da emigração – problemas de trabalho, desenraizamento e doenças; houve muitas vezes um desfasamento entre as aspirações e as possibilidades reais de realização.

Quando as mulheres se reuniam aos maridos no Canadá, já não aceitavam o reassumir do papel de mulher dependente do marido. Tendo já obtido a sua independência monetária, pretendiam continuar a trabalhar, facto que as levaria a contactar com outros usos e costumes praticados nas casas de família onde exerciam a sua profissão de empregada doméstica, a qual muitas vezes preferiam, para poderem conciliar o trabalho com os afazeres domésticos e o apoio à família. A par dos novos conhecimentos surgiram novas aspirações e um

maior contacto com a língua da sociedade de acolhimento, facilitando a sua integração.³³

Surge desta forma uma geração de mulheres fortes de espírito, verdadeiros suportes da família e continuadoras das tradições dos seus locais de procedência, quer fossem as Ilhas ou o Continente. De facto, são as mulheres originais dos Açores quem mais resistência oferecia quando, já depois de os maridos estarem reformados, estes pretendiam efectuar o regresso à terra natal. Elas estavam cientes de que o espaço social que as aguardava era diferente e que poderia redundar numa limitação das vantagens adquiridas até esse momento. O não regresso ocasiona desequilíbrios sociais no país de partida, que refletem a saída continuada de trabalhadores e das suas famílias. Segundo Maria Helena Carvalho dos Santos,³⁴ a emigração fará baixar a nupcialidade e a natalidade estabelecendo por outro lado um equilíbrio monetário, económico, demográfico e, finalmente, social e político, em detrimento da exclusão dos homens que partem. Esta afirmação é contrariada por Carlos Almeida e António Barreto, que consideram que:

(...) a expatiação de fortes excedentes de mão-de-obra contribui para acentuar os desequilíbrios socio-económicos e culturais do país de emigração, sendo pura ilusão pensar-se que se poderá basear um qualquer fomento económico em certos 'benefícios' da emigração. Estes últimos, caso se manifestem, exercem uma influência apenas a curto prazo, vindo rapidamente a induzir fenómenos contrários aos objectivos do desenvolvimento económico. Há aqui implícita a ideia, que urge combater com energia, que o desenvolvimento económico e sócio-cultural do país poderá ser desencadeado a partir de factos e de medidas sectoriais e conjunturais (...) (como seria o caso da emigração).³⁵

³³ Cf. Grace M. Anderson and David Higgs. *A Future to Inherit*, *Op. cit.*, p. 130 e João António Alpalhão e Victor M. Pereira da Rosa. *Da Emigração à Aculturação. Portugal Insular e Continental no Quebeque*. Angra do Heroísmo: Diáspora, 1983, pp. 14-16.

³⁴ Maria Helena Carvalho dos Santos, *Emigração. Uma constante da Vida Portuguesa*. Cadernos F.A.O.J. Série A. nº 11. Lisboa, 1978, p. 27.

³⁵ Carlos Almeida e António Barreto. "Prefácio à Segunda Edição". *Capitalismo e Emigração em Portugal*. Prelo: Lisboa, 1976, p. 20.

Aparentemente, os investimentos produtivos dos emigrantes são quase inexistentes. A partida destes homens e famílias ocasiona não apenas o desaparecimento da mão-de-obra especializada, mas também o aumento dos salários e o encarecimento dos produtos produzidos. A verdadeira solução estaria numa reactivação da indústria e no desenvolvimento nacional, que também passaria pela valorização educacional, permitindo a criação de empregos, temas estes que ainda hoje são debatidos.

3. Recordação e Mito

O afastamento do país de origem durante alguns anos, durante os quais o tempo se encarrega de diluir as agruras e momentos de penúria que por vezes alguns homens, mulheres e crianças experimentaram, confrontados com as diferenças encontradas nas sociedades de acolhimento, é causador do início do mito da terra, das origens, que irá ganhando força com o correr do tempo e que adquire a forma de um talismã da irrealidade numa sociedade real e estranha.

Segundo o sociólogo Aires Gameiro “as situações em que as pessoas mudam de cultura repentinamente afecta-as, ligeira ou profundamente, no seu equilíbrio biológico, psicológico e espiritual”;³⁶ embora as dificuldades não se façam sentir logo de início, quando tudo é novidade. Mais tarde, a nostalgia do que se deixou, a família, a casa, a aldeia, ameaça a estabilidade emocional do emigrado, tal como afirma Rocha-Trindade:

(...) there is a need to visit Portugal, to locate family, and to maintain permanent contact with acquaintances in the faraway country of origin. Many emigrants recall or recreate types of behaviour and cultural features evocative of their ancestral legacy, which is thus continued and renewed, sometimes in hybrid and syncretic forms. Even when the Portuguese language has been lost, there still remains a tendency to seek the company of other people of the same origin, in associative groups that take different

³⁶ Aires Gameiro. *Emigrantes. Psicologia Social Conflitos e Desafios Culturais*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1984, p. 54.

forms in each place and in each period and have varied purposes and types of activities.³⁷

Tal acontece sobretudo se a emigração se opera de um mundo rural para outro industrializado, ou se o emigrado parte só deixando atrás a família, índices de estabilidade importantes que não podem ser descurados. Gera-se, desta forma, a criação, no imaginário, de uma pátria ideal que ao longe ganha um efeito apelativo: “The nation is imagined because most of its members will never meet each other, yet in the mind of each lives the image of their communion: this means that the nation is thought up (imagined) by people”.³⁸ Os conceitos de identidade e nação encontram-se interligados. Neste sentido, Jeff Spinner comenta:

El sentimiento de uno mismo ante los demás crea un marco que ralentiza, impide o facilita la integración del individuo en una comunidad que no siente como propia. Cada grupo social se caracteriza por una identidad social y cultural, por la existencia de interacción entre sus miembros y por una determinada producción social orientada a conseguir sus objetivos y satisfacer sus necesidades.³⁹

Cada minoria étnica é, ou representa, uma nação, apesar das diferenças regionais que os diferenciam e também separam. Porém, perante a força de uma outra identidade avassaladora como é a do país de acolhimento, as diferenças tendem a esbater-se e o sentimento de nacionalidade (portugalidade, neste caso) ganha relevo. Assim, a defesa anímica do emigrante reside na recriação do espaço original através da comida, dos cheiros e sabores que relembram o lar e a família, das flores que enfeitavam os espaços fronteiros das casas, serviam para enfeitar os altares da igreja, as ruas, no momento das procissões, e eram também reservadas

³⁷ Cf. Maria Beatriz Rocha-Trindade. “The Portuguese Diaspora”. *The Portuguese in Canada: from the Sea to the City 1953-1996*. Carlos Teixeira and Victor M. P. da Rosa. Ed. Toronto: University of Toronto Press, 1999, pp. 15-33.

³⁸ Jeff Spinner. *The Boundaries of Citizenship, Race, Ethnicity and Nationality in the Liberal State*. Maryland, USA: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 45.

³⁹ Jordi Garreta Bochaca. *La Integración Socio-Cultural de las Minorías Étnicas (gitanos e imigrantes)*. Barcelona: Anthropos, 2003, p. 13.

aos ritos de veneração dos “queridos mortos”. A indumentária, o folclore e a música, as festas e romarias, a língua e a cultura; os factos históricos; os valores e as crenças: a recriação atinge todos estes vectores, tudo o que diz respeito à socialização do indivíduo e ao seu arraigamento à terra dos seus antepassados, à sua ancestralidade. Surge desta forma o mito e a idealização do espaço abandonado, que dá origem ao conceito de portugalidade continuamente reelaborado e reinterpretado como resultado da movimentação dos emigrantes, dos *media* e dos objectos culturais.

4. Assimilação-Integração-Multiculturalismo

By making ethnicity the *raison d'être* of the state, modernity has given cultural identities a prominence they could not have had in earlier periods. (...) modernity promotes the conditions in which they become self-conscious entities-nations.⁴⁰

Hoje, mais do que nunca, os sociólogos debruçam-se sobre os fenómenos de aculturação recíproca que têm origem nos países de imigração devido ao convívio de múltiplas comunidades de nacionalidades e raças diferentes, assim como à contaminação de costumes e influências linguísticas originadas pelos emigrantes nas visitas regulares aos seus países de origem. Nos nossos dias poderíamos afirmar que estes viajantes inter-povos são os elos da internacionalidade da denominada aldeia global, que vieram substituir os antigos mercados portugueses dos anos das Descobertas.

O portugueses, tal como aconteceu com outros emigrantes, foram para o Canadá para trabalhar,⁴¹ a sua intenção era ganhar segurança financeira para eles e para os filhos, e o trabalho era tido como parte do sacrifício que a vida impunha. Actualmente, fazem parte de uma sociedade que, ao reconhecer a sua etnicidade, em parte os segrega – pois os insere num grupo étnico – e paralelamente os

⁴⁰ Jeff Spinner. *Op. cit.*, p. 45.

⁴¹ “O Canada é o destino preferencial da emigração insular”. Fernando Rosas. *Op. cit.*, p. 421.

admite, estratificando-os socialmente, passando a ocupar o seu lugar como uma das muitas “entidades-nações” constituintes do mosaico vertical da sociedade canadiana, com tudo o que isto acarreta de positivo e negativo. A definição de mosaico vertical, do canadiano John Porter, pretendia demonstrar que a democracia canadiana não era a sociedade igualitária e sem classes que parecia ser, mas antes uma sociedade altamente hierarquizada e estratificada – daí o significado de vertical, num mosaico de grupos étnicos. No seu trabalho pioneiro no campo da sociologia canadiana, Porter demonstrou como os primeiros emigrantes europeus foram alvo do preconceito e da discriminação, fazendo com que algumas minorias fossem vistas como pertencentes a uma raça diferente e inferior. Porter descreveu como tinha chegado ao título da sua obra:

In a society which is made up of many cultural groups there is usually some relationship between a person's memberships in these groups and his class position and, consequently, his chances of reaching positions of power. Because the Canadian people are often referred to as a mosaic composed of different ethnic groups, the title, *The Vertical Mosaic*, was originally given to the chapter which examines the relationship between ethnicity and social class. As the study proceeded, however, the hierarchical relationship between Canada's many cultural groups became a recurring theme in class and power.⁴²

Uma das conclusões que permitiu chegar à definição de *vertical mosaic* foi o lugar de elite mantido pelos canadianos de origem britânica em relação ao grupo francófono que partilhava o poder numa percentagem muito menor, o que estabelecia, à partida, uma ordem vertical de poder e visibilidade social. Esta mesma classificação de classe e poder estendeu-se às diversas etnias de emigrantes que se foram integrando na nova sociedade, conhecida pelos seus princípios democráticos e garantia de oportunidade de realização para todos os cidadãos. Presentemente, o Canadá continua a ser um lugar de eleição para muitos emigrantes, exilados, ou até para os que pretendem novas e melhores

⁴² “Introduction”. *The Vertical Mosaic Revisited*. Ed. Rick Helmes-Hayes and James Curtis. Toronto: University of Toronto Press, 1998, p. 8.

oportunidades de vida numa sociedade moderna e em pleno desenvolvimento – tais como investigadores, cientistas, escritores. Porém, o trabalho e a vontade pessoal são duas características necessárias para se singrar nessa sociedade multiétnica na qual a raça ou a nacionalidade não impedem o exercício dos mais altos cargos. Serve de exemplo a nova governadora do Canadá, a Senhora Michäel Jean, natural de Haiti, que será Chefe do Estado Canadiano durante os próximos cinco anos, país onde chegou em 1968, com a família. Durante os tempos de estudante (1979-1968), trabalhou num abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica e mais tarde criou uma rede de abrigos para mulheres e crianças. A sua experiência será muito válida para o desempenho das suas funções.⁴³

Não obstante as diferenças existentes, os portugueses integraram-se positivamente nessa terra que lhes deu a oportunidade que o país natal lhes negou. Esta poderia ser uma conclusão compensatória para o desenraizamento e sentimento de estranheza sofrido pelos primeiros emigrantes portugueses e que, poderíamos acrescentar, foi também experimentado por todos aqueles que não pertenciam ao grupo hegemónico franco-saxão.

A forma de protecção procurada pelos recém chegados – a fim de mitigar o choque com a diferença – foi o de perpetuar o sentimento de nacionalidade e de família nos seus membros, o que se revela claramente nos emigrantes da primeira geração; o mesmo já não acontece com os da segunda geração e, quando se trata da terceira geração, constata-se que os seus constituintes não falam a língua dos seus predecessores e que se consideram canadianos. Segundo a Lei de Hansen,⁴⁴ de Marcus Lee Hansen – estudioso da emigração nos Estados Unidos da América – a terceira geração de descendentes de emigrantes nascidos no país de acolhimento estaria mais interessada em conhecer as suas origens do que a

⁴³ Cf. *Ecos do Canadá*. Ed. Embaixada do Canadá. Lisboa, Nº 35, Outubro / Novembro 2005, p.2.

⁴⁴ Esta expressão foi popularizada por Will Herberg em *Protestant-Catholic-Jew*, referindo-se ao tema de Marcus Lee Hansen em *The Immigrant in America*. Ed. Arthur M. Schlesinger. Cambridge: Harvard University Press, 1950 [1940].

segunda geração, afirmando que aquilo que o filho quer esquecer, o neto deseja recordar.

De certa forma, esta seria uma consequência previsível, dado que os filhos – segunda geração desse núcleo familiar – encontram-se junto das fontes da memória ancestral e é no seio da família que recolhem as histórias que lhes são transmitidas – oralmente – pelos progenitores. Este recontar de histórias traduz-se numa afirmação do “eu” que foi transplantado para um espaço estranho; esta deslocação, e a ansiedade sofridas pelo emigrante, encetam a procura da busca de si próprio e do passado. Trata-se de uma catarse inevitável espelhada na descendência mais próxima – os filhos – que nem sempre são os melhores receptores destas mensagens, por se encontrarem perto dessa (re)criação da realidade e ainda não totalmente seguros da sua legitimidade como canadianos

O mesmo já não acontece com a terceira geração – netos do emigrante – por várias razões, como a de terem nascido no país que foi de acolhimento para os avós, de se sentirem na terra natal, de já não falarem a língua dos ancestrais e também porque muitos dos avós, embora garantes da continuidade das tradições do país de partida, foram lentamente assimilados pela sociedade em que se instalaram, o que é demonstrado na intrusão de palavras inglesas no discurso em língua portuguesa.

Decorrente do acima afirmado, cabe esclarecer que foi nosso intuito focalizar temáticas apresentadas nas narrativas de Erika de Vasconcelos e Eduardo Bettencourt Pinto que revelam aspectos da recuperação do espólio familiar – cartas, fotografias, documentos e objectos, todos eles representativos de uma raiz mais ou menos apelativa, mas sempre presente e reveladora da procura da identidade ancestral.

No segundo capítulo, reservado a Erika de Vasconcelos e ao seu livro *My Darling Dead Ones*, comprovaremos que esta escritora, membro da segunda geração de portugueses emigrados para Montréal, onde de Vasconcelos nasceu, recebe o legado familiar através das histórias contadas pelos pais, e pela recriação das festas tradicionais como o Natal, das respectivas iguarias da época natalícia,

assim como dos presentes que chegavam de Portugal, representativos do país ancestral, tal como é descrito no seu romance:

Montreal, Canada, 1995.

Leninha sits at the kitchen table with her two daughters, unwrapping packages that have come from another country. It is Christmas, and the house is all aglitter with decorations, gilded garlands and papier-maché boys and girls, some of them winged, dressed as though they belonged in nineteenth-century England, their mouths shaped like small, hollow Os: carollers. *The packages, though, are not from England but from Portugal; they sound lovely even simply being held, white tissue paper crackling under the coarser, brown exterior soft, like the onion-skin sheets her mother used to write letters on, so thin and transparent it was almost a wonder they made it across the Atlantic.* (MDDO, 167)⁴⁵

Cumpre-se desta forma a repetição de rituais que vêm desde tempos longínquos, agrupando os membros das famílias para ouvir contar as tradições como ecos das suas origens, patenteando as diversas identidades. No mesmo trecho evidencia-se a ligação perpetuada através da correspondência “her mother used to write letters” (MDDO, 167), indicação de uma outra forma de diálogo que pretende colmatar a separação familiar e perpetuá-los no tempo.

No terceiro capítulo desta dissertação iremos encontrar uma outra forma de identidade em *A Casa das Rugas*. O autor, Bettencourt Pinto, nascido em Angola, ex-colónia portuguesa, afirma-se intrinsecamente um luso-africano:

África, sendo fulgurante, desperta em nós o misticismo e a glória dos sentidos: uma verdadeira comunhão entre insuspeitáveis raízes de serenidade. De tão visível, é uma germinação da alma. Em alguns seres, tudo era África: no modo de respirar, estender a mão, de oferecer uma cama ao viajante desconhecido, um prato de comida.⁴⁶

Por razões histórico-culturais, este escritor faz parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, encontrando-se radicado no Canadá desde 1983.

⁴⁵ Itálico nosso.

⁴⁶ Eduardo Bettencourt Pinto. “O Senhor Tacanho”. *Um Dia Qualquer em Junho*. Lisboa: Instituto Camões, Coleção Lusófona, 2000, p. 81.

Actualmente com dupla nacionalidade, mantém um discurso – oral e escrito – bicultural, demonstrativo da sua integração no país de acolhimento, comportamento este que tenta incutir nos seus filhos, a segunda geração nascida na British Columbia.

Dentro do âmbito do tema da manutenção da identidade e tendo em conta a composição multiétnica do Canadá é de referir ainda os casamentos entre indivíduos de nacionalidades diferentes, que, no caso dos jovens, frequentemente vai contra a vontade dos progenitores, que prefeririam que os filhos mantivessem a sua descendência étnica como prolongamento da comunidade que representam. Preferi-lo-iam também por razões económicas, uma vez que o casamento do filho fora do círculo de amigos familiares determina o seu afastamento e a diminuição da sua contribuição para o grupo familiar. Outra característica das camadas mais jovens é a vontade de emancipação em relação aos pais. Pretendem organizar uma vida independente mais próxima dos padrões da nova sociedade onde se inserem e na qual nasceram. As novas gerações sentem-se canadianas, pois disfrutaram de uma escolarização canadiana, falam Inglês⁴⁷ e inseriram-se na sociedade e cultura locais através do convívio com outros jovens. Embora mantenham o uso da língua materna como forma de relacionamento com a família, já a não conseguem falar com total fluência.⁴⁸ Segundo Grace M. Anderson e David Higgs, comprova-se que um grande número de pais e crianças portuguesas que habitam Montréal, sobretudo na área portuguesa, situada na fronteira entre as comunidades de língua inglesa e francesa, são trilingues na sua socialização. Os que habitam a cidade de Toronto, são bilingues. Contudo o Inglês é a língua que maior expressão tem vindo a ganhar no seio da família e na vida pública.

⁴⁷ Cf. *Entrevista* em **Anexo**.

⁴⁸ A expressão ‘língua materna’ é usada para definir a língua ensinada em casa pelos pais (ou pelos avós) nos primeiros anos da criança. Na literatura respeitante ao assunto, muitas outras expressões são usadas, nomeadamente ‘primeira língua’, ‘língua não oficial’, ‘língua minoritária’, ‘língua étnica’, ‘língua de origem’, ‘língua comunitária’, ‘língua internacional’ e ainda ‘terceira língua’.

A integração foi tendo lugar de maneira gradual, mas inexorável. Estes mesmos jovens já não se revêm nos usos e costumes portugueses, e quando das suas visitas a Portugal ou às Ilhas também não são considerados portugueses pelos que aí ficaram. Basta comprovar esta realidade observando o comportamento dos jovens – segunda geração de portugueses – que frequentam cursos de Língua e Cultura Portuguesas em Portugal integrados nos cursos de Verão para estrangeiros.

Consideram-nos diferentes apesar das afinidades. Após vários anos de ausência, perderam o contacto com os familiares. As cartas, quando as houve, foram rareando. O Canadá fica distante, as viagens são dispendiosas, a sua experiência não é idêntica à dos que partiram mais tarde para os países europeus e que continuam a vir todos os anos passar férias a Portugal.

São recebidos como falhados ou como novos ricos, o olhar agudo dos que aqui ficaram troça dos “estrangeirados”, da sua maneira de vestir e de falar, de uma certa ostentação proveniente da satisfação de uma melhoria de “estatuto”. Partiram em busca do dinheiro, muitos não o conseguiram, ou então aparentam tê-lo conseguido, pois ninguém tem a coragem de demonstrar que não conseguiu singrar na nova sociedade. Porquê então, para quê partir? A nostalgia dos tempos da juventude faz com que regressem de vez em quando a uma sociedade que lhes foi próxima mas que, agora sofridas outras vivências, consideram subdesenvolvida, sobretudo quando comparam as grandes cidades onde habitam ou trabalham com os centros rurais que visitam. Valeu a pena? Para muitos sim. Alguns regressam e constroem a sua casa na aldeia para aí passar a velhice, outros integraram-se na nova sociedade e por isso não voltam. Afinal, conseguiram para os seus filhos aquilo que não poderiam conseguir na terra natal.

Desta forma, ficam com a auréola de benfeitores ao mandar fazer obras na capela da aldeia, são vistos como novos ricos ao aparecerem com vestimentas coloridas e ousadas, ou como ingratos porque nunca mais voltaram. O certo é que cada um sabe da sua história, e não se poderá deixar de considerá-los como seres

lutadores, persistentes e trabalhadores que não hesitaram em atravessar o Atlântico para iniciarem novas vidas e melhorarem os seus destinos.

5. Vida Cultural das Comunidades

A par da estabilidade económica, a vida institucional dos portugueses no Canadá tem vindo gradualmente a afirmar-se, o que veio fortalecer este grupo étnico. Possuem igrejas de culto católico, que constituem um espaço não apenas litúrgico, mas também de coesão, que responde ao sentir religioso dos emigrantes portugueses como afirmam Grace M. Anderson e David Higgs:

The sacred and profane were never neatly compartmentalized in the lives of Portuguese Catholics and the same has remained true in Canada. Community picnics, fairs, dances and the opportunities to meet old friends and neighbours are frequently associated with religious festivals.⁴⁹

Os mesmos autores afirmam que é frequente a existência de imagens da Virgem de Fátima e de Santo António em casa dos portugueses, o que confirma esse sentido arraigado de uma certa religiosidade que actua como apoio moral nos momentos de maior dificuldade.

Existem jornais em Português e estações de rádio e televisão que emitem programas portugueses. O primeiro jornal foi o *Luso-Canadiano*, que começou as suas publicações mensais em Montréal. O seu fundador, Henrique Tavares Bello, foi para o Canadá em 1955, com uma carta de chamada de parentes que já tinham emigrado para lá, e no primeiro número do jornal escreveu:

Another aim that the *Luso-Canadiano* sets itself to realise is the implantation among our immigrants of solidarity and mutual understanding, and at the same time to cooperate for a more perfect assimilation and integration of the Portuguese immigrant to Canadian life.⁵⁰

⁴⁹ Grace M. Anderson and David Higgs. *A Future to Inherit*, *Op. cit.*, p. 143.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 163.

Esta declaração indica a convergência dos objectivos do jornal com a política de integração do referido país. A função plurifacetada deste jornal fez com que ele actuasse como mensageiro da vida e cultura canadiana – através de artigos sobre arte, história, geografia e comércio – em língua portuguesa, a fim de melhor facilitar o conhecimento do Canadá aos imigrantes portugueses e às suas associações espalhadas por todo o país. O jornal *Luso-Canadiano* constituiu um elemento de livre pensamento e crítica ao Estado Novo e à política colonialista o que, em determinado momento, não agradou ao Governo de Lisboa. Tavares Bello não atendeu às pressões exercidas pelo pelo Governo Português; este, actuou então de forma subreptícia através de um agente da PIDE que fez com que o tipógrafo do jornal se despedisse. As publicações tiveram de encerrar durante um curto espaço de tempo, retomando depois novamente a sua actividade. A publicação do *Luso-Canadiano* apenas irá terminar em 1971. Em Vancouver, a comunidade editou dois jornais, sendo *O Mensageiro* o primeiro bimensal a aparecer no Oeste Canadiano. As comunidades de Winnipeg e Edmonton também tiveram os seus jornais, que as mantinham informadas com notícias de Portugal e das restantes comunidades canadianas.

Serviços tão variados como os bancários, consultadoria, interpretação, auditoria e impostos foram e continuam a ser assegurados por elementos da comunidade portuguesa. Estas instituições definem a coesão deste grupo étnico em relação aos outros grupos. Existe um sentimento de defesa e segurança que faz com que todos os seus membros actuem dentro de normas de fidelidade e confiança a fim de preservar o seu valor de “establishment”, local onde tudo o que é português pode ser encontrado. No início, a rede de conhecimentos portugueses actuava como ponte entre os recém chegados e os que já habitavam no Canadá, proporcionando-lhes as informações necessárias para o começo das suas actividades. Depois, foram criados clubes e associações luso-canadianas em quase todas as comunidades lusas, por vezes mais do que uma, como acontece nas cidades de Toronto e Montréal, as quais remontam ao ano de 1956.

Inauguraram-se escolas comunitárias onde se ensina o Português, normalmente ao sábado ou após o horário escolar regular. A primeira escola comunitária portuguesa foi inaugurada a 10 de Outubro de 1964. Desde então, abriram mais 52 escolas no Canadá, desde Vancouver até à Nova Escócia. Actualmente, perto de 10.000 estudantes aprendem Português através do Programa Internacional de Línguas.⁵¹

Os luso-canadianos têm-se mostrado muito activos no que se refere ao apoio dos jovens da comunidade nas escolas públicas, e às crianças cujos pais trabalham a tempo inteiro. A Associação Portuguesa de Pais de Toronto, fundada em 1981, tem vindo a encorajar as famílias, os jovens e as escolas a fim de evitar o abandono escolar e a incrementar a continuação da sua formação. Com o apoio do Instituto Camões e do GAERI têm-se desenvolvido esforços na promoção da formação superior dos luso-canadianos.

A este respeito são pertinentes as declarações do autor do romance apresentado no nosso trabalho, Eduardo Bettencourt Pinto, na entrevista concedida em 2001 a Maria de Deus Duarte.⁵²

A vontade de salientar a herança portuguesa trazida pelos imigrantes e o valor da sua participação na sociedade canadiana e nas instituições que a suportam fez com que os imigrantes portugueses e a sua descendência procurassem integrar-se no chamado “Mosaico de Etnias” que constitui o povo canadiano:

(...) Canadian society is a cultural mosaic in which diverse cultures are encouraged to maintain their distinctiveness. It has been argued, most notably by John Porter in *The Vertical Mosaic*, that the maintenance of ethnic cultures is a sustaining factor in the Canadian class system.⁵³

⁵¹ Cf. Manuela Marujo. “Bilinguismo no Canadá – Desafios e Abordagens de uma sociedade Multicultural, Multiracial e Multiétnica”. *Actas do Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa: FCSH-UNL, 2001, pp. 499-512.

⁵² Eduardo Bettencourt Pinto, poeta, tradutor e contista angolano nascido na Gabela em 1954 e residente em Vancouver. A entrevista referida foi concedida no IX Encontro de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá (Toronto, Abril de 2001). Cf. Maria de Deus Duarte, “Uma voz portuguesa em Vancouver”. *Anais*, III. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2004, pp. 263-269.

⁵³ Leo Driedger, *Op. cit.*, p. 133.

É precisamente esta distinção entre os diferentes grupos étnicos que tem levado os portugueses no Canadá a manter as festas tradicionais como forma de valorizar e preservar a sua cultura: “Some processions through city streets, like that in Kingston in early May to mark the appearance of Our Lady of Fatima or that of the Christ of the Miracles in Toronto, may receive wider notice”.⁵⁴ Particularmente importantes no calendário religioso são os festejos e as procissões, como a da festa do Espírito Santo, e a do Santo Cristo, na Páscoa. Estas foram trazidas para o Canadá pelos imigrantes açorianos numa tentativa de recriar os costumes das Ilhas. Nos Açores, a Festa do Espírito Santo é celebrada nas capelas regionais açorianas chamadas “impérios” e constituem a grande festa local, na qual todos os habitantes do lugar socializam intensamente. As ruas são enfeitadas com flores e bandeiras e são preparados bolos típicos pelas mulheres da terra. A festa religiosa celebra-se ao som de músicas populares. Todos os anos é escolhido um hospedeiro para o Espírito Santo e uma pessoa da família é escolhida como “Rei” ou “Rainha”. As jovens, embelezadas com os seus longos vestidos brancos, conduzem a coroa do Espírito Santo.

Esta tradição, em particular, tem-se mantido nas comunidades portuguesas radicadas no Canadá, convivendo em harmonia com as festas das restantes etnias e nas quais todas as nacionalidades participam num intercâmbio social e religioso que as enriquece.

No Canadá, muitos imigrantes pioneiros já não pensam no regresso a Portugal.⁵⁵ Com a criação de laços entre si e com a população local, as famílias aumentaram e a descendência já é detentora de uma dualidade que não favorece a adaptação à realidade portuguesa, que lhes é hoje quase totalmente alheia. Paradigma desta repetida situação de não regresso e integração nas terras canadianas é a história primeva do jovem Joe Silvey, nascido nos Açores – “Portuguese Joe; Joseph Silva” –, que em 1850 foi para a British Columbia decidido a ficar, tendo casado com a neta do chefe índio Kiapilano e da sua

⁵⁴ Grace M. Anderson and David Higgs. *A Future to Inherit*, *Op. cit.*, p.144.

⁵⁵ Cf. *Entrevista* em **Anexo**, pp.178, 181.

mulher Homulchesun, de Mosqueam, a qual adoptou mais tarde o nome de Mary Ann. Em 1867, Joseph Silva naturalizou-se cidadão britânico, situação não comum que levaria à sua referência como “Portugee Joe Nº 1”, tendo tido através deste acto a possibilidade de se estabelecer nas terras compradas em Galiano Island, às quais deu o nome de ‘Maryanns Point’ em honra da mulher índia que desposara.⁵⁶

As oportunidades e vantagens de ordem financeira no país de acolhimento contam obviamente muito para a manutenção dos emigrantes numa sociedade mais estável do ponto de vista económico e social. Contudo, estas comunidades não deixam de sentir-se portuguesas, o que já não acontece com a segunda e terceira gerações que falam Inglês e se consideram definitivamente canadianas. As fortes raízes deixadas pelos portugueses em busca de sucesso são o melhor indicador da adaptação bem sucedida e da concretização de objectivos dificilmente alcançáveis no seu país de origem, como Lídia Jorge sintetiza através da ficção na voz do imigrante Walter Glória Dias, ao descrever à filha, em 1963, o maravilhoso sonho de futuro e de uma vida nova no espaço mais livre das terras canadianas cobertas de neve, onde poderá ter um futuro brilhante e encontrar um namorado que fale Inglês. Nesta narrativa de Lídia Jorge o Canadá surge como o *El Dorado*, o espaço mítico que arrastou milhares de homens para além do espaço de fronteira à procura da fortuna desejada. A par do lucro sonhado, surge a miragem de um namorado inglês, proveniente da cultura da maioria e bem posicionado socialmente em relação, porventura, a um português emigrante:

Diz que no Canadá os prédios são gigantes e as estradas cruzam neves a perder de vista. Que a vida é ampla, é livre, é outra. Tem tempo, para dizer, diante do Chevrolet. Diz-lhe que entre, que Toronto é uma cidade plana como ela não pode imaginar. Ali mesmo, ele estende, diante dela, uma civilização de distância, de poupança, de fortuna, de lucro e de ganho, de

⁵⁶ Cf. Jean Barman. *The Remarkable Adventures of Portuguese Joe Silvey*. British Columbia: Harbour Publishing. 2004, pp. 8-20.

experiência, lá onde ela pode ter um futuro brilhante e um namorado que fale inglês. Lá longe.⁵⁷

6. Inserção dos Jovens Portugueses ou Luso-descendentes na Sociedade Canadiana

Sendo a língua o emblema mais evidente de uma nação, é através dela que se gera a expansão da imagem e dos valores de um povo. A proclamação em 1971 do “Multiculturalismo em Contexto Bilingue”⁵⁸ como forma de reconhecimento das múltiplas etnias que enformam a sociedade canadiana, não teve a eficácia socio-política que se pretendia. A diferenciação entre a cultura saxónica dominante e as das restantes comunidades permanece, sendo que a projecção exterior de cada um destes grupos étnicos depende da sua dinâmica interior.

No que diz respeito à comunidade portuguesa, esta é reconhecida pela sua composição de homens e mulheres com um mínimo de escolarização, “sérios e trabalhadores”, que não experimentaram nenhum movimento ascensional na sociedade canadiana desde a sua chegada. Este facto deve-se ao desinteresse dos jovens pela prossecução de estudos secundários e superiores, segundo o que é veiculado pelos comentários de Manuel Armando Oliveira e Carlos Teixeira.⁵⁹

Esta faceta pode ter origem em conceitos tradicionais, relativamente aos quais apenas se consideravam trabalhadores aqueles que “tinham as mãos

⁵⁷ Lídia Jorge. *O Vale da Paixão*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 142. Itálico nosso. Cf., a propósito do tratamento do tópico da emigração para o Canadá em *O Vale da Paixão*, Maria de Deus Duarte, “História, Saga familiar e Auto-reflexividade romanesca: John Fowles e Lídia Jorge”. *Anais*, II. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, pp. 295-307.

⁵⁸ A Política de Multiculturalismo do Canada viu-se reforçada a 8 de Outubro de 1971, quando o Primeiro Ministro Pierre Trudeau anunciou na House of Commons: “National Unity, if it is to mean anything in the deeply personal sense, must be founded on confidence in one’s own individual identity; out of thus can grow respect for that of others and a willingness to share ideas”. 6 Junho 2004. “The Branding of Trudeau”. <http://www.bbk.ac.uk/lc/LCCS/Vol_18/Hunt.pdf>.

⁵⁹ Cf. Manuel Armando Oliveira e Carlos Teixeira. *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá*. Oeiras: Celta, 2004, pp.93-94.

calejadas”,⁶⁰ valorizando-se desta forma o trabalho manual em prejuízo do labor intelectual. De acordo com aqueles autores, os portugueses mostram-se orgulhosos da contribuição que prestaram para a construção do Canadá, através da realização das grandes obras que tiveram lugar – caminho de ferro transnacional e construção dos grandes aglomerados urbanos – não se considerando menos importantes do que outras etnias que mostram valores de sucesso mais elevados. Contudo, quando falamos da plena integração de uma comunidade imigrante na sociedade de acolhimento, a melhor forma de integração verifica-se, como refere Rocha-Trindade,⁶¹ quando os seus membros reproduzem os escalões da vida económica, social, cultural e política dessa sociedade, acrescentando a autora que esta situação só se verifica quando os jovens descendentes de emigrantes atingem a formação profissional e a qualificação académica similares às dos jovens da sociedade em que se inseriram.

Se é verdade que os jovens que chegaram ao Canadá tiveram dificuldades em se adaptar à nova língua, já o mesmo não aconteceu com os que aí nasceram, que logo se iniciaram na língua dominante embora, e por vontade das famílias, possam ter tido aulas suplementares de língua portuguesa dentro do Programa federal *Heritage Language Program*.

Um dos benefícios foi a instituição dos programas de Línguas de Origem, integrados no sistema escolar de várias províncias. (...) alguns críticos afirmam que, dadas as características linguísticas da criança filha de imigrante, seria preferível que esta recebesse instrução apenas na língua de comunicação, o inglês, sem interferência da língua materna.⁶²

Consideramos que esta afirmação não poderá ser generalizada dado que a situação das crianças/adolescentes não é de todo semelhante. Haveria a considerar

⁶⁰ Cf. Domingos Marques e Manuela Marujo. *With Hardened Hands: A Pictorial History of Portuguese Immigration to Canada in the 1950's*. Etobicoke, Ontario: New Leaf Publications, 1993.

⁶¹ Mra. Beatriz Rocha Trindade. “Prefácio”. *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá*. Manuel A.Oliveira e Carlos Teixeira Oeiras: Celta, 2004, p.xv.

⁶² Cf. Laura Bulger. *Canadianos ou Étnicos – Em Busca de uma Identidade*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, 1987, pp.9-10.

a época e as condições de chegada ao Canadá dessas crianças e a situação daquelas que entretanto nasceram em território canadiano, para quem o Inglês, ou o Francês, funcionaria como língua materna.⁶³ A substancial melhoria económica das províncias do interior de Portugal a partir dos anos setenta influenciara a posição dos pais em relação ao percurso escolar dos filhos. A situação enunciada por Ferguson tinha sido ultrapassada: “Children are part of the family working unit and are expected to contribute as soon as possible to the family income”.⁶⁴

Segundo as considerações de Manuela Marujo em relação às crianças e adolescentes emigrantes, seria importante para os aprendentes que chegam ao ensino com alguma escolaridade uma formação contínua na língua materna, de molde a permitir a aquisição correcta da língua inglesa. Também se comprovou que o sistema integrado da língua de origem facilita o percurso escolar do aprendente, que não é prejudicado pelo alargamento do horário escolar, como Laura Bulger refere: “(...) a criança em vez de frequentar uma escola comunitária (...) agora pode estudar a sua língua de origem gratuitamente, dentro de um sistema integrado, evitando, por conseguinte, horas extras de trabalho (...)”.⁶⁵

A este respeito, Eduardo Bettencourt Pinto declara, numa entrevista, que os estudos portugueses no Canadá são uma realidade e que tanto a disciplina de Português como a Licenciatura em Língua Portuguesa, são oferecidas por várias universidades canadianas existindo também, no quadro dos programas de Línguas Modernas do Ensino Secundário.⁶⁶ Ainda no âmbito da língua portuguesa, o autor de *A Casa das Rugas* refere ainda a conversa mantida com um amigo de ascendência portuguesa, Miguel Moniz, autor do volume 22 da World Bibliographical Series intitulado *Azores – apaixonado pelo arquipélago*, terra dos pais, Moniz ter-lhe-ia dito: “Não faças como os meus pais, que não me forçaram a

⁶³ Situação da escritora Erika de Vasconcelos nascida em Montréal, filha de pais portugueses.

⁶⁴ Ferguson, Edith. *Newcomers in Transition*. Toronto: The International Institute for Metropolitan Toronto, 1964, p.86. In *Portuguese-Canadians and Academic Underachievement: A Community-Based, Participatory Research Project*. Unpublished doctoral dissertation. Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto. Toronto, 1999, p.61.

⁶⁵ Cf. Laura Bulger. *Op. cit.*, p. 10.

⁶⁶ Cf. Maria de Deus Duarte. “Uma voz portuguesa em Vancouver”. *Op. cit.*, p. 268.

aprender o Português. Insiste com os teus filhos. Mais tarde vão-te agradecer”. Bettencourt Pinto acrescenta que o facto de o Prémio Nobel ter sido atribuído a José Saramago concedeu maior atenção à Língua Portuguesa, estando convencido de que quanto mais culta for a juventude, maior será o seu interesse pela cultura dos antepassados.

Das posições acima assumidas depreende-se a persistência da língua portuguesa por vontade das comunidades emigrantes e de muitos luso-canadianos, como valor ancestral e identitário no complexo mundo multicultural em que se encontram inseridas.

Em 1994, o nome de *Programa de Línguas de Origem* passou para *Programa de Línguas Internacionais*, por forma a realçar a importância das línguas no mundo actual.

Em relação à realidade acima enunciada, Laura Bulger considera que “a retenção da língua proporciona um melhor entendimento entre pais e filhos e traduz, ao mesmo tempo, um certo orgulho na herança cultural”.⁶⁷ A este respeito, na obra de publicação mais recente referente a este tema, Manuel Oliveira e Carlos Teixeira afirmam que os jovens – da segunda geração – acabam por adoptar uma dupla estratégia vivencial, também utilizada por muitos progenitores, a de assumir a identidade portuguesa dentro da comunidade e a canadiana “em público”.⁶⁸

Relativamente a este paradoxo identitário, gostaríamos de citar um passo de um artigo da revista *Ecos do Canadá* referente à tradução para o Português de livros canadianos escritos em Francês ou Inglês: “Vários escritores canadianos têm obras traduzidas para Português e publicadas por editores em Portugal, tal é o caso de: Margaret Atwood, Michael Ondaajte, Erika de Vasconcelos, (...)”.⁶⁹ Comprovamos desta forma que a escritora de Vasconcelos, núcleo importante no

⁶⁷ Laura Bulger. *Op. cit.*, p. 10.

⁶⁸ Manuel Armando Oliveira e Carlos Teixeira. *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá. Op. cit.*, p. 216.

⁶⁹ Cf. “Apoio à Tradução de Obras de Autores Canadianos”. *Ecos do Canada*. Ed. Embaixada do Canadá. Lisboa, Nº 35, Outubro/Novembro 2005, p.5.

nosso trabalho, já é considerada pelo país de acolhimento como canadiana, tal como ela própria se assume, apesar da sua ascendência portuguesa, e depreendemos que a autora do romance em língua inglesa *My Darling Dead Ones* soube integrar-se na sociedade canadiana por aquilo que esta valoriza: a educação. Julgamos que esta deveria ser a atitude dos que pretendem viver no Canadá: a integração através da(s) língua(s) do país de recepção, sem renegar o enriquecimento da língua de origem.

Esta realidade leva-nos a pensar se não será a retenção de valores ancestrais e raízes culturais o que coloca os jovens portugueses numa zona ambígua de assimilados, ou seja, a desvalorização da educação como fim, e apenas como um meio de arranjar emprego, levando-os a ser incluídos nos grupos étnicos que maiores dificuldades evidenciaram na sua adequação ao sistema escolar vigente e às Universidades ou Institutos Politécnicos.

O risco que estas camadas de novos canadianos ou luso-descendentes corre é o da sua permanência nas actividades económicas menos importantes e de menor relevo, numa sociedade que valoriza a instrução como meio de assertividade no mundo do trabalho. Aparentemente, o novo sistema de ensino canadiano revelar-se-ia demasiado exigente para grande número desses jovens, e há também o desinteresse, não já dos pais mas sim dos filhos, quanto ao adquirir de conhecimentos a nível superior, que lhes trariam benefícios no futuro e no seu posicionamento na sociedade canadiana.⁷⁰ Esta situação resultaria no encaminhamento destes jovens para cursos profissionais, o que nem sempre satisfaz os pais mais ambiciosos quanto ao futuro dos filhos.

O anteriormente comprovado não impede a crescente utilização da língua inglesa por parte dos jovens imigrantes, mesmo os que habitam em Montréal, e a sua adesão à cultura predominante, mostrando preferência por todos os aspectos canadianos e um elevado grau de satisfação com a vida no Canadá, o que está de acordo com o pensar dos seus progenitores

⁷⁰ Manuel Armando Oliveira e Carlos Teixeira, *Op. cit.*, pp. 89-99; 108.

As diferentes comunidades portuguesas no Canadá têm procurado manter as tradições que revigoram o seu sentir pátrio e os costumes do país que deixaram, Continente e Ilhas. Como já comentámos anteriormente, elas serviram como centro de socialização e de consolidação de relações entre os residentes e os que iam chegando, ficando assim referenciadas aos emigrantes da primeira geração.

Hoje, a realidade mostra que os luso-descendentes da segunda e terceira gerações não frequentam os clubes e as associações portuguesas porque não se reconhecem na atitude dos seus dirigentes e frequentadores, porque já não falam Português e, por último, porque elas não têm o mesmo grau de oferta que podem encontrar noutras instituições. Depreendemos que estes jovens, tal como já foi citado, se sentem realizados no convívio com pessoas das outras etnias, integrando-se na política multicultural do país. Este comportamento parece-nos mais lógico, uma vez que a vida futura desses jovens se irá desenrolar no país onde nasceram ou chegaram em crianças, o Canadá; sobretudo se considerarmos que são raros os que tencionam regressar a Portugal.

Nos últimos anos, e como consequência dos eventos internacionais realizados em Portugal, o país ganhou uma nova dimensão – de maior desenvolvimento e modernidade – tornando-o mais atraente para estes jovens que, no entanto, reconhecem, por comparação, o melhor nível de vida e a mais favorável evolução operados no Canadá. Não obstante, muitos deles sentem-se orgulhosos de serem portugueses (os que chegaram muito jovens) ou os que nasceram no país de acolhimento, por razões ancestrais, como já nos referimos ao falar na Lei de Hansen. A maior parte valoriza a história e a cultura portuguesa por ela fazer parte da “velha Europa”, pelas viagens das Descobertas, e pelas figuras históricas; noções que se esbatem na nova sociedade em que se torna necessário a construção de uma nova identidade, a fim de legitimar a hegemonia da nova nacionalidade. Aparte estas razões, existe uma outra mais pragmática, a que resulta do conhecimento da língua portuguesa como meio de obtenção de

determinados empregos em que as línguas são os insubstituíveis elos de relação e intercâmbio.⁷¹

De acordo com o anteriormente exposto, verificamos uma evolução tendencial para a integração bem sucedida por parte dos jovens luso-descendentes. Comportaria esta comprovação uma obliteração da portugalidade, do legado de tantos portugueses que tentaram manter os traços nacionais essenciais? Julgamos que não. Todas as culturas são suficientemente importantes para deixarem marcas da sua existência, as quais acabam por ser reconhecidas e reconhecíveis por parte de outros povos.

Por esta razão, cumpre reconhecer o trabalho realizado por aqueles que assumem ou procuram as raízes da cultura dos seus ascendentes – a cultura portuguesa – ou trabalham em prol da mesma, enquanto habitantes das terras canadianas. A história da emigração portuguesa para o Canadá constitui hoje um legado único, que começa agora a ser transposto para a Literatura e o Cinema. A este respeito poderíamos citar o documentário “1953 – Cais da Esperança”, da autoria de Leonilde Raposo, filha e neta de emigrantes açorianos e nascida na província de Quebec, onde é relatada a experiência dos pioneiros portugueses no Canadá.⁷²

7. Criação Literária

Ao longo deste primeiro capítulo tivemos oportunidade de lembrar a criação de jornais e outras publicações em língua portuguesa por parte das comunidades lusas em território canadiano. Esta produção escrita, sem pretender

⁷¹ *Ibidem*, pp. 195 -202

⁷² Cf. Cristina Fernandes Ferreira. “Documentário homenageia pioneiros da emigração para o Canadá”. *Tempo Livre*, nº 156, Janeiro 2005, pp 38-39. “Da mistura do manancial de histórias sobre os primeiros emigrantes que foi acumulando e da cada vez maior consciência de que os jovens de origem portuguesa no Canadá pouco ou nada sabiam sobre os seus ascendentes, nasceu a ideia do documentário: “1953 – Cais da Esperança”, que ganharia forma em 2003, ano em que se assinalaram os 50 anos da emigração portuguesa para o país”.

descurar a comunicação áudio-visual, é um sintoma da vontade de afirmação da etnia portuguesa. Ao falar das comunidades portuguesas referimo-nos ao termo etnia porque ele surge quase naturalmente num país de sociedade multicultural como é o Canadá, com uma característica importante, muitos dos emigrantes, refugiados e asilados que chegaram a este país não fazem parte do grupo Franco-Inglês – que se considera colonizador –, o que lhes confere uma condição social de subgrupo. Este modo de ver contraria o princípio de sociedade multiétnica assumido pelo Canadá, corroborada na seguinte citação:

While immigration has had a fundamental impact on ethnic stratification, Freda Hawkins reminds us that Canada is not simply a ‘nation of immigrants’. (...) this is not the central fact of Canadian history. The central fact is the existence of the two founding races (sic) and the relations between them.⁷³

A existência das duas “raças” fundadoras, a que Freda Hawkins se refere, não pode deixar de nos assombrar. Em primeiro lugar, porque o conceito de ‘raças’ se trata de uma noção antropológica que assenta em critérios estritamente biológicos, associando ao Homem ideias e critérios relativos à noção de raças animais que não têm em conta realidades históricas nem culturais, e, em segundo, porque os chamados fundadores (aproximação aos *Founding Fathers* americanos) também eram imigrantes e comerciantes à procura do bem estar económico a que não tinham acesso nos seus países de origem.

De facto, as chamadas peregrinações e viagens têm raízes imemoriais. Fazem parte da sobrevivência do Homem e basta debruçarmo-nos sobre a história europeia para nos apercebermos das interligações entre os diferentes povos que habitaram este continente nas mais diversas épocas. De todos eles ficaram vestígios, convergindo para a consolidação de uma civilização chamada europeia, mas com as suas raízes mergulhadas na Ásia, África e, porventura, no continente americano.

⁷³ Cf. *The Canadian Family Tree: Centennial Edition 1867-1967*. Ottawa: Canadian Citizenship Branch, Dept. of the Secretary of State and the Centennial Commission, 1967, p. 304.

O Canadá, por seu lado, também é o produto das migrações que decorreram em diversas etapas da sua história, tal como referimos no início deste trabalho. Sobressaem como protagonistas os povos que imprimiram os rasgos iniciais da cultura canadiana, actualmente denominados “First Nations”. Podemos assim concluir que, num primeiro momento, todos aqueles que foram residir nestes “[quelques] arpents de neige”⁷⁴ (e)migraram.

Todos eles são diferentes não só pela sua proveniência, mas também, pela diversidade de costumes e culturas que os separa da tal evocada identidade “two-nation” canadiana que em si mesma também sofre da sua diversidade. E, se inicialmente poderíamos pensar que o facto de não pertencer a esse bloco, que se pretende homogéneo, constituiria uma desvantagem, o tempo tem vindo a demonstrar justamente o contrário como concluimos a partir do texto de Smaro Kamboureli:

The recognition of cultural differences in the 1990s marks yet another beginning in Canadian multicultural history, the beginning of an attempt to understand how distinct identities can converge and dialogue with each other within Canada, how boundaries of difference must be repositioned — not in relation to the signs of ‘centre’ and ‘margins’ but in relation to new and productive alignments.⁷⁵

É certamente através das representações dos diferentes grupos de “nações” que se tem vindo a construir uma nova historiografia das letras canadianas, tendo como ponto de encontro as memórias geográficas construídas pela(s) diáspora(s).

⁷⁴ Voltaire (François Marie Arouet). Referindo-se à Acádia (zona de língua francesa, das Províncias Marítimas Canadianas), Voltaire teria dito: “La Nouvelle-France: quelques arpents de neige qui ne valent pas les os d’un grenadier français”. A citação, encontrada em *Candide*, é: «Vous savez que ces deux nations sont en guerre pour quelques arpents de neige vers le Canada, et qu’elles dépensent pour cette belle guerre beaucoup plus que tout le Canada ne vaut.» *Candide*, 1759. 3 Maio 2005. <http://www.canadiana.org/citm/imagepups/nf-1759_e.html>.

⁷⁵ Introduction. *Making a Difference: An Anthology of Canadian Multicultural Literature*. Ed. Smaro Kamboureli. Toronto: Oxford University Press, 1996. p. 12.

A este respeito, e no referente ao posicionamento da literatura de origem portuguesa no Canadá, António Augusto Joel ⁷⁶ comenta que os temas abordados e, por vezes, a forma literária, pecam por não terem conseguido afastar-se de meras descrições nostálgicas ou simples crónicas. Outro senão que essas obras partilham, segundo o autor, refere-se à publicação das mesmas em língua portuguesa sem o apoio de editores canadianos. Acrescenta ainda que são essas características que comportam uma auto-segregação, donde se depreende que o factor de comunicação comum, a língua inglesa, se torne necessário.

Aparentemente, e de acordo com Augusto Joel, a primeira publicação que relata a vida do emigrante português no Canadá surgiu sob a forma de diário escrito por um autor de ascendência italiana, intitulada *Dollar Fever: The Diary of a Portuguese Pioneer*. Esta seria uma suposta tradução de um diário em português e relata a viagem de três açorianos de São Miguel até Halifax e a sua fixação no Canadá.

Um outro autor responsável pela abertura da primeira escola de Português na comunidade portuguesa de Toronto nos anos sessenta, entretanto falecido, Lourenço Gonçalves, utilizou o pseudónimo L. Rodrigues como autor de *Os Bastardo das Pátrias* (1976). Já regressado a Portugal, publicou três outros romances: *As Três Horas em que Perdi a Alma* (1996); *Uma Mina no Gelo* (1999), e *Até Mais Ver* (2000). A temática destas obras é relativa à sua angustiosa experiência na sociedade canadiana como imigrante, e à sua inadaptação à terra natal, após o seu regresso:

Canadians receive us but they don't accept us
They need us but they don't want us
They recognize our value but they don't respect it
Our sweat made them prosperous and the rich, richer

⁷⁶ “Literature of Portuguese Background in Canada”. *Portuguese in Canada: from the Sea to the City 1953-1996*. Ed. Carlos Teixeira and Victor M. Da Rosa. Toronto: University of Toronto Press, 1999, p. 223.

But they hate the smell of our perspiration.⁷⁷

Durante a sua estada em Toronto como leitora de Português, Laura Bulger publicou *Vaivém*, mais tarde traduzido para Inglês com o título de *Paradise on Hold* (1987). Trata-se de um conjunto de contos que reflectem a adaptação dos imigrantes ao país de acolhimento, a transformação das suas vidas, a aquisição de maior independência por parte das mulheres à imagem da mulher da sociedade canadiana, e até o dilema em que o regresso os mergulha após vários anos de trabalho e poupanças acumuladas, nessa ambiguidade de não pertencer nem ao Canadá, nem a Portugal.

Também é pertinente fazer referência a Joaquim Vitorino Videira Eusébio, natural de Lisboa, licenciado em História pela Faculdade de Letras de Coimbra, que fixou residência em Montréal. Professor da Escola Secundária Lusitana nesta cidade, desde 1999 publicou em Junho de 2001 a monografia *Falando Português em Portugal*.

Um outro escritor promissor é Paulo da Costa, nascido em Luanda e crescido em Vale de Cambra, residente no Canadá desde 1989. O seu primeiro livro de contos, *The Scent of a Lie*, publicado em 2002 pela editora canadiana Ekstasis Editions, foi galardoado com o *2002 W. O Mitchell City of Calgary Book Prize* e o *Caribbean & Canada Commonwealth Writers Prize 2003-First Book*. A respeito de *Scent of a Lie*, Vamberto de Freitas refere:

Esta sua obra não trata propriamente a *experiência imigrante* ou *étnica*⁷⁸ portuguesa no Canadá, mas Paulo da Costa é neste momento outro reconhecido escritor luso-canadiano.⁷⁹

⁷⁷ Lourenço Rodrigues. *Os Bastardos das Pátrias*. 1976. "Literature of Portuguese Background in Canada". *Op. cit.*, p. 227. A narrativa – introduzida por este epígrafe – desenrola-se ao longo de duas décadas (1956-74) acabando com o suicídio de um emigrante enlouquecido.

⁷⁸ Em itálico no texto original.

⁷⁹ Vamberto Freitas. "Nova escrita da (Nossa) Experiência Transnacional: as Gerações Seguintes". In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. Nº 17., Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2001-04, pp. 213-227.

De facto, o livro foca uma grande variedade de assuntos, embora o tema central seja a experiência na comunidade. A primeira comunidade é a família e a problemática da sua coexistência, passando depois pela coexistência dentro da comunidade dos amigos e vizinhos, até círculos mais amplos. As duas aldeias portuguesas abandonadas, constituem uma metáfora de todas as comunidades, e é dentro desta perspectiva que os contos adquirem um carácter universal. Na recensão ao romance de Paulo da Costa, Vamberto Freitas escreveria:

(...) alguns dos melhores autores “imigrantes” do mundo anglo-saxónico vêm, nas palavras do ensaísta Pico Iyer, temperando vivamente, através da convivência de tradições linguísticas e culturais várias, as novas literaturas sem fronteira, como, por exemplo, Salman Rushdie e Bharati Mukherjee, entre outros. Como que dizer: estas são páginas de coração português em corpo ou forma outra.⁸⁰

Paulo da Costa não se fixa na portugalidade, contudo ela constitui uma referência para os seus contos, onde evoca os espaços conhecidos, numa procura da sua ancestralidade. Curiosamente, não recorreu à sua terra natal, Angola, mas antes a Portugal, lugar onde passou a sua adolescência e de que guardou memórias.

A sua ficção e poesia estão representadas em diversas publicações e alguns desses trabalhos foram traduzidos para Italiano, Esloveno, Espanhol, Servo e Português. Foi galardoado com o *Caribbean and Commonwealth Writers Prize 2003 – First Book* e vencedor do prémio *Cannongate 2001* para o conto (Festival Internacional do Livro de Edimburgo-Escócia) e é actualmente director da revista literária *Filling Station*. Em Português, tanto a sua poesia como a sua prosa foram galardoadas com o 1º Prémio Proverbo – 2003.⁸¹ Publicou muito recentemente um livro de poemas no Porto, intitulado *Notas de Rodapé* (Maio de 2005). Actualmente, tem em preparação uma antologia luso-canadiana de escrita e arte

⁸⁰ *Op. cit.*, p. 2.

⁸¹ Manuel Carvalho. Revista virtual *Saturnia*. 8 Janeiro 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com>>.

visual em colaboração com a escritora e editora Fernanda Viveiros, também residente no Canadá.⁸²

Dentro do âmbito da escrita em língua inglesa ou língua portuguesa e do que seria considerado como a defesa da língua materna num espaço estrangeiro, o autor Paulo da Costa refere-nos que escreve em Inglês apenas devido à sua vivência íntima com uma língua que, não sendo materna, lhe permite uma maior fluidez. Isto sucede, nas suas próprias palavras:

(...) por mera coincidência contextual geográfica. *A minha língua de vivência diária era e é o inglês e daí que naturalmente a minha veia criativa assim se expresse. Para mim não fazia sentido escrever em português já que as minhas reacções à vida, ao quotidiano, eram sentidas em inglês.*⁸³ e daí o fluir natural da escrita para a língua de vivência diária. O facto de a minha família se encontrar em Portugal e de eu também não ter contacto com a comunidade portuguesa de Alberta colocou a língua portuguesa numa situação secundária em termos da forma como digiro as minhas experiências, imagino os meus mundos literários, expresso as minhas visões do mundo.⁸⁴

A vivência da língua inglesa, tal como foi expresso por Paulo da Costa, revela-se similar à situação de Erika de Vasconcelos, o que nos leva a reafirmar a importância que a língua detém na elaboração do pensamento e na construção e transmissão do discurso, factores essenciais à recepção desse mesmo discurso pela comunidade que partilha a mesma língua, vectores a ter em conta relativamente à polémica acerca da manutenção da língua de origem do emigrante no espaço de imigração.

Outra luso-descendente, filha de emigrantes açorianos, é Fernanda Viveiros, escritora acima mencionada e colaboradora de Paulo da Costa na elaboração da antologia de Autores lusos ou luso-descendentes; reside em British Columbia, também escreve em Inglês e o seu poema *Lisbon Honeymoon* acaba de ser publicado em *The Fed Anthology*, pela Anvil Press.

⁸² Manuel Carvalho. 5 Março 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/antologia.htm>>.

⁸³ Itálico nosso.

⁸⁴ *Ibidem*. 5 Março 2005. <<http://www.paulodacosta.com/interview.htm>>.

As referências que temos vindo a fazer ilustram apenas uma parte dos escritores de origem portuguesa que utilizam tanto o Português como o Inglês nas suas obras. Escolhemos os mais representativos, de outra forma a lista seria bem mais longa, todos eles têm colaborado valorizando a presença portuguesa no conjunto étnico do Canadá. Interessa sim relevar a maturidade e a visibilidade que, desde os últimos anos, a literatura luso-canadiana tem vindo a ganhar, ocupando já, algumas das suas obras, um espaço na chamada literatura *mainstream*.

Pretendemos particularizar o nosso estudo através das obras de dois autores que se nos apresentam de grande interesse do ponto de vista da escrita e dos temas focados.

Erika de Vasconcelos, filha de pais portugueses, Maria Helena e Aurélio de Vasconcelos, nasceu em Montréal em Março de 1965.⁸⁵ Fez os seus estudos secundários em Francês e adoptou a sua terceira língua, o Inglês, quando foi para a universidade. Licenciou-se em História da Arte e Inglês na Universidade Mc Gill e mais tarde frequentou um curso de Design de Interiores. Aos 21 anos, e antes de finalizar o seu curso universitário, casou e foi viver para Toronto. Tem publicado artigos na *Toronto Life* e *This Magazine* e actualmente ensina 'Creative Writing' no Humber College.

Ao fim de oito anos de casamento, divorciou-se do escritor de origem italiana Nino Ricci. Foi durante essa época conflituosa e de grande perturbação do ponto de vista emocional que Erika de Vasconcelos escreveu o primeiro romance. Não sendo uma ideia nova, pois sempre tivera a intenção de escrever, aparentemente a escrita de *My Darling Dead Ones* ajudou a autora a ultrapassar essa fase difícil e a tomar um novo rumo.⁸⁶ Parte desta experiência pessoal surge

⁸⁵ *Vozes da Cultura*. Carmen Carvalho. "Tempo de entrevista com Erika de Vasconcelos". 11 Março 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/carmen1.html>>.

⁸⁶ Sandra Martin. "Death becomes her". Entrevista com Erika de Vasconcelos. "I was not only a single parent, but I was dealing with a custody battle," she (Erika) says of the 18 months it took her to write *My Darling Dead Ones*. "It was the worst possible scenario in a city where I have no family". She (Erika) thinks that writing the book was a way of keeping sane. "If I hadn't

na trama da narrativa, à medida que a sua memória desperta por associação, com ambientes, situações e objectos que nos levam desde a infância até à adolescência e, por fim, à maturidade da personagem principal: Fiona.

Este primeiro livro, escrito em Inglês e situado em Portugal – terra dos seus antepassados – e no Canadá, foi muito bem recebido pela imprensa. Foi publicado pela Knopf Canada em Abril de 1997, reeditado no ano 2000 e publicado em Português pela editora Gradiva com o título de *Meus Queridos Mortos*, em 1998. O seu segundo romance, *Between the Stillnes and the Grove*, foi também editado pela Alfred A. Knopf, em 2000. Nele fala-nos principalmente de Dzovig, personagem que surge no fim do romance anterior. Esta jovem de origem Arménia instala-se em Lisboa fugindo aos horrores do genocídio e aos conflitos políticos do seu país. Erika de Vasconcelos explica a inspiração para este romance:

Foi uma experiência pessoal, um reencontro entre duas pessoas de que ela [Erika de Vasconcelos] foi testemunha – e que a marcou tanto, ao ponto de querer escrever uma novela onde o tema pudesse ser desenvolvido. Porém, as personagens, o rico conteúdo histórico e o interesse humano são elementos que fazem desta uma história universal, capaz de ser apreciada por todos.⁸⁷

Eduardo Bettencourt Pinto que será objecto do III capítulo, nasceu na Gabela, Angola, viveu em Ponta Delgada já na idade adulta, entre Março de 1976 e Abril de 1983, ano em que se radicou em Vancouver. A mulher e a mãe são açorianas, o pai era natural de Montemor-o-Velho, perto de Coimbra, e o próprio autor tem dupla nacionalidade.

É editor da *Seixo Review*, revista de Artes & Letras na *Internet*, em várias línguas. Da sua obra fazem parte, no que diz respeito à Poesia e por ordem de data

had to focus on it I might have fallen into a deep depression.” 4 Março 2005. <http://www.quillandquire.com/authors/profile.cfm?article_id=710>.

⁸⁷ Carmen Carvalho. 11 Março 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/carmen1.html>>.

de publicação, os seguintes textos: *Emoção*. Ponta Delgada, Açores: 1978; *Razões*. Ponta Delgada, Açores: 1979 – ambas edição do autor –, *Poemas* (com Jorge Arrimar). Ponta Delgada: 1979, 2ª edição, Macau: Tipografia Martinho, 1993. *Mão Tardia*; Angra, Açores: Gaivota, SREC, 1981. (Prémio Revelação do Suplemento Cultural *Contexto* do Jornal *Açoriano Oriental*). *Emersos Vestígios*; Mira: Sete Estrelo, 1985, 2ª edição, Pitt Meadows, Canadá: Seixo Publishers, 1994. *A Deusa da Chuva*. Angra, Açores: Gaivota, SREC, 1991. Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1998 – para o original, então intitulado *Regresso do Olhar*. *Menina da Água* –. Ponta Delgada, Açores: Éter/Jornal da Cultura, 1997. *Tango nos Pátios do Sul*. Pitt Meadows: Seixo Publishers, 1999. *Um Dia Qualquer em Junho*. Lisboa: Instituto Camões, Colecção Lusófona, 2000.

Relativamente à Narrativa, cuja leitura se revelou mais importante no âmbito deste nosso trabalho, importa recordar: *As Brancas Passagens do Silêncio*. Signo, Ponta Delgada: 1988; os contos: *Sombra duma Rosa*. Lisboa: Edições Salamandra, 1998; as narrativas: *O Príncipe dos Regressos*, Lisboa: Edições Salamandra, 1999, e o romance *A Casa das Rugas*, Porto: Campo das Letras, 2004.

Refira-se ainda a edição de uma antologia de textos do escritor americano naturalizado canadiano, ex-Professor universitário, Michal Yates: *Oito Poemas de J. Michael Yates*. Apresentação e tradução com Rosa Pinto. Mira: Sete Estrelo, 1985.

Eduardo Bettencourt Pinto encontra-se presentemente a escrever um romance de cariz açoriano intitulado *Pés Descalços num Chão de Água*, não tendo no entanto deixado de escrever contos e poesia, esta última em Inglês.

Capítulo II

My Darling Dead Ones.

Atitude da Segunda Geração perante as Origens

Todos nós somos protagonistas duma história maravilhosa, mas só o artista pode desvendar a profundidade em que ela se desenrola, trazendo à superfície a suprema aventura da individualidade humana.

Agustina Bessa-Luis. *Contos Impopulares*.

We live our lives through texts. They may be read, or chanted, or experienced electronically, or come to us like the murmurings of our mothers...

Whatever their form or medium, these stories have formed us all; they are what we must use to make new fictions, new narratives.

Carolyn G. Heilbrun. *Writing a Woman's Life*.

“I am strong. I am invincible. I am a woman”

I am a woman.

Lyrics sung by Helen Reddy in 1972 .

1. A Questão da Identidade e o Advento de Novos Discursos

No novo século que se inicia, ao que tudo indica, haverá um aumento nos fluxos migratórios, com a crescente “desruralização” do mundo. Segundo o sociólogo Immanuel Wallerstein – criador das hoje tão empregadas categorias “centro” e “periferia” para a separação do mundo – a demografia vai mudar de forma dramática. Ele prevê para os próximos 50 anos uma cascata de fluxos migratórios mais veloz que nunca, e nós teremos “um efeito político mais radical, por causa de sua velocidade e de seu tamanho”. Essa aceleração do fluxo de indivíduos espalhando-se pelo mundo irá criar novas “zonas de contato”, novas cartografias, e culturas cada vez mais compósitas – o que certamente será refletido na arte produzida nesse século.¹

No artigo de Sônia Torres acerca dos novos discursos identitários e dos espaços de criação e de projecção existe a vontade de conciliar os textos teóricos e

¹ Sônia Torres. “Conclusão: Permanências e transformações na virada do século 20”, *Nosotros in U.S.A.: Literatura, Etnografia e Geografia de Resistência*. Ed. Jorge Zahar. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: 2001, p. 161.

literários referentes às migrações motivadas por causas tão diversas como a política, a economia e a religião, tal como mencionámos no primeiro capítulo. As “novas etnias”, como refere esta autora, têm exportado uma criação etnocêntrica que não se inclui no espaço onde habitam, não só porque os temas têm sabores e texturas de outras paragens, mas também porque narram espaços estranhos ao cânone instalado. O contributo destas expressões *geográficas*² leva a repensar a definição de nacionalidade num sentido mais lato, de forma a recuperar os discursos excluídos e adequando-se ao movimento de globalização em curso.

Os textos elaborados por estas “novas etnias” veiculam uma (re)significação das “antigas etnias”, implicando uma mudança das histórias das comunidades imaginadas, fossem elas as da cultura dominante ou das subculturas. A nova geografia cultural não está imbuída de nostalgia, é antes: “uma geografia de resistência, frequentemente de denúncia da discriminação cultural, linguística e sobretudo racial”.³ Esta amálgama humana que sentimos e presentimos ao transitar pelas grandes urbes é paradigmática da actual desordem mundial, um mundo sem fronteiras pejado de desigualdades e do qual muitos se tentam defender, como o “não” à Constituição Europeia deixou claramente entrever. Actualmente, são poucos os países que não sofrem fluxos migratórios. No que se refere à América do Norte e às suas duas potências vizinhas, Estados Unidos e Canadá, verificamos pontos de contacto no que diz respeito à polémica integração dos emigrantes e à situação dos “hyphenated citizens”, isto é, as segundas e as subsequentes gerações descendentes de emigrantes que, na sua grande maioria, ajudaram a construir aqueles países.

Em todo o caso, a antiga colónia franco-inglesa pretende ser mais liberal e acolhedora sob o manto do multiculturalismo, pelo qual se viu forçada a enveredar por razões políticas.⁴ Segundo Linda Hutcheon, após o referendo de

² Itálico nosso.

³ Sónia Torres. *Op. cit.*, p. 163.

⁴ “It is no accident, however, that it was Pierre Elliot Trudeau, the fierce federalist opponent of Québec separation, who formulated the policy statement about multiculturalism in the early 70s. Changing Canada’s self-image from bicultural to multicultural was not simply a matter of

1995 para a independência do Québec e devido à fácil disseminação das notícias através dos *media*, o mundo ficou com uma noção mais clara das diferenças políticas, culturais e de imagem nacional entre os E.U.A e o Canadá, assim como entre o Canadá Francês e o Canadá Inglês:

With no melting pot ideology and no equivalent of even a pluralist “American” national identity to rally around, Canadians — be they of British, Italian, Somali, Chinese or Pakistani origin — have only the paradoxically multiple model of multiculturalism in which to configure their sense of “self-in-nation”. This is probably one of the reasons why we Canadians suffer from our infamous and perpetual identity crisis, and why I too have had to think through what my ethnic identity means to me.⁵

Hutcheon refere-se aos sentimentos de pertença e não pertença experimentados pela confluência de duas correntes identitárias, como sejam a origem familiar e o nascimento num outro país de características diferentes e composição socio-histórica múltipla. A crise de identidade experimentada fez com que a própria autora se auto-questionasse acerca da sua posição e actuação na sociedade onde nasceu, cresceu e adoptou normas de vida, sem esquecer as suas raízes, tal como expressa quando apresenta o exemplo das diferenças antropológicas baseadas na oposição entre a culinária italiana e a anglo-saxónica.

1.1 O Estranhamento do Nome

Um outro factor marcante da diferença reside nos apelidos, e o que parece nem sempre é; poderíamos pensar que a origem do apelido de Linda é

recognizing a demographic reality; it had a purpose and, in some people’s eyes, a political result.” Linda Hutcheon. 27 Abril 2005. <http://athabascau.ca/cll/writers/hutcheon_essay.html>.

⁵ Linda Hutcheon. “A Crypto-Ethnic Confession”. *The Anthology of Italian-Canadian Writing*. Ed. Joseph Pivato. Toronto: Guernica Editions, 1988. 27 Abril 2005. <http://www.athabascau.ca/cll/writers/hutcheon_essay.html>.

escocesa, mas Hutcheon nasceu Bortolotti, como explica com muita ironia, descrevendo a pertinência dos ecos italianos na sua matriz identitária:

I am, therefore, what I like to think of as a hidden or “crypto-ethnic” — an Italian hidden beneath an Anglo name. (...) Beneath the Hutcheon, for me, hides a Bortolotti — something I first wrote about when thinking through the baffling issues surrounding Canadian multiculturalism while editing a book of interviews and short stories called *Other Solitudes* (...) — the name Bortolotti conjures up my father’s family from the Friuli (...) I often wonder whether it was from these Friuliani that I inherited some paradoxical desire to blend into the majority Anglo culture while still retaining my ethnic difference. Perhaps they also gave me a taste for incongruities and ironies. (...) So, as you can see, though I am Canadian-born, my familial cultural roots are pure Italian. I’m not sure if I’m second — or third — generation, but I have to admit that I don’t particularly feel lost in the shifting patterns of migrations and re-emigration.⁶

Da mesma forma, afirmar que de Vasconcelos é o nome de uma escritora canadiana pode ser problemático, e haverá até quem afirme: “— Então, não é canadiana!”. Aparentemente não basta ter nascido em solo canadiano para se adquirir a nacionalidade. Existem ainda os pré-requisitos da ascendência saxónica e um apelido adequado, facto que poria em causa a própria definição da nação canadiana como uma sociedade de integração de culturas e línguas. São estas conclusões algo precipitadas que pareceriam fragilizar o contexto multiétnico já citado. A este respeito Linda Hutcheon prossegue:

But what does it mean when you grow up in an Italian household where “the English” were seen to possess a distinct and different ethnic identity, where roast beef and Yorkshire pudding were considered foreign, but osso buco and polenta were the norm? “*The English*” were as different, as strange, to us as no doubt we were to them: they too were “ethnic”, other, alien — at least from our point of view. This is ethnicity defined as “positionality”.⁷

Hutcheon interroga-se a propósito da sua identidade tão étnica quanto a dos Ingleses, considerando que a sensação de estranheza era recíproca. Uma das

⁶ Hutcheon. *Op. cit.* 27 Abril 2005. <http://www.athabascau.ca/cll/writers/hutcheon_essay.html>

⁷ *Ibidem.* 27 Abril 2005. <http://www.athabascau.ca/cll/writers/hutcheon_essay.htm>.

formas de persistência da tradição no grupo familiar traduz-se na culinária: ⁸ a polenta (prato realizado com farinha de milho) é ainda hoje uma iguaria do Friul, que naturalmente não era comparável ao “Yorkshire pudding” do grupo saxónico; a mesma contradição parece operar-se quando Hutcheon se integra por motivos do exercício da sua profissão, como professora de Inglês na Universidade de Toronto, em Departamentos organizados segundo as tradições linguísticas tradicionalmente dominantes e relacionadas com as políticas de construção da nação canadiana do século XIX. Esta dupla forma de estar e ser leva-nos a pensar que ela resulta naturalmente do facto de a professora em questão ter nascido no Canadá e, por direito próprio, ter adquirido uma nacionalidade que o espaço geográfico lhe concede, como sucede noutros países de forte imigração do continente americano. Por outro lado, a autora não está preocupada em encontrar uma outra definição para etnicidade senão a de encontro de culturas, como acontece na multi-racial e multi-étnica Toronto. Ainda segundo a docente, as culturas interpenetram-se, dando lugar à transculturação, que se aproxima mais da inter-referência entre duas ou mais culturas ao mesmo tempo, propondo uma conjuntura em que todos seriam estrangeiros entre si; para ela, a etnicidade é um facto da vida para o qual não existe uma saída.

Esta mesma situação de cripto-etnia acontece com escritoras americanas de origem italiana como Sandra Gilbert, Cathy N. Davidson e Marianna Torgovnick, a qual publicou *Crossing Ocean Parkway: Readings by an Italian American Daughter* em 1994, dando a conhecer aquilo que o seu nome escondia: a ascendência italiana. É esta hereditariedade que Hutcheon partilha com as escritoras americanas anteriormente citadas e que foi silenciada devido a um costume social existente há muitos anos, de que resultava a adopção do apelido do marido. Este costume faz com que seja muito difícil localizar ascendentes femininas – porque elas perderam o nome; a maior parte dos assentamentos históricos foram criados por e para os homens. Essa atitude é significativa

⁸ No que se refere à culinária portuguesa consultar: Azevedo.C. *Uma Casa Portuguesa: Portuguese Home Cooking*. Toronto: Summerhill Press, 1990.

relativamente à pouca importância concedida ao trabalho e participação da mulher pioneira no Canadá, sem a qual não teria sido possível a conquista e colonização das pradarias canadianas, facto demonstrado pela abundante literatura especializada no tema.

Os exemplos das escritoras acima referidas justificam-se devido ao paralelismo sócio-cultural encontrado entre as comunidades lusas e italianas tal como expressa o título do estudo de Anne Sanderson, *What Would Canada be without the Portuguese and the Italians?*

No âmbito do que temos vindo a enunciar e, *grosso modo*, sob uma perspectiva transcultural, evidenciam-se as origens dos dois autores de que iremos ocupar-nos de forma mais aturada, não do ponto de vista da análise estritamente literária, mas antes dando relevo aos ecos da portugalidade subjacentes às suas vozes em *My Darling Dead Ones* e *A Casa das Rugas*. A este respeito, e em relação a Erika de Vasconcelos, poderíamos afirmar que a situação se afigura semelhante à de Linda Hutcheon. Canadiana, mas de ascendência portuguesa, nasceu numa outra época e não teve por isso que ficar com o apelido do marido ao casar com o escritor Nini Ricci.

Outras situações há em que o nome é revelador da origem. Assim, podemos referir a escritora Katherine Vaz, de ascendência luso-irlandesa, que em 1994 publicou o romance *Saudade*, com personagens situadas em Portugal e na Califórnia e, mais tarde, *Mariana*, baseado nas cartas da monja de Beja, assim como o Professor George Monteiro, docente já jubilado da Universidade de Brown.

Recordando Wolfe, constatamos que *You can't go Home Again*,¹⁰ mas que se torna quase impossível esquecer os espaços desenhados pelas palavras parentais. Numa das suas visitas a Portugal, e já em Lisboa, George Monteiro deixou-se embargar pela emoção, tal como nos evidenciam as suas próprias palavras:

¹⁰ Thomas Wolfe. *You Can't Go Home Again*. New York, London: Harper & Brothers, 1940.

The saddest thing
About being in
Lisbon today is
That right now
I'm about as happy
In Lisbon as I'll
Ever be. ¹¹

A memória situa Monteiro num espaço geográfico conhecido, numa cidade que sente como sua: “I’m about as happy / In Lisbon as I’ll / Ever be”, depois de reconhecer os limites dessa realidade: “The saddest thing / About being in Lisbon today is”, talvez aquilo que poderemos identificar com a sua ambivalência entre dois mundos, ou a sua capacidade de ser cidadão da sua não-pátria. O poeta exprime o seu sentimento de perplexidade, de não pertença, dos viajantes da diáspora. ¹² Nas palavras do autor: “My little poem: As I recall, that poem (written on the spot) meant both the peak of my emotion and the limit of my emotion. It evokes a moment of feeling, joy with a touch of sadness, which happened to occur in Lisbon.” ¹³ Ao escrever estas breves linhas, o autor esclarece-nos: “*I am reluctant to write in Portuguese, which is not my native tongue*”. ¹⁴ Sabemos que o Professor Monteiro, nascido nos E.U.A, filho de portugueses, compreende e fala o Português mas, sem renegar as suas raízes, optou pela língua inglesa para expressar a sua ligação à terra dos seus antepassados, o que também acontece com a autora de *My Darling Dead Ones*.

¹¹ George Monteiro. “Paper Thought”. *The Coffee Exchange*. Providence: RI, Gávea-Brown, 1982, p. 40.

¹² Cf. Ana Paula Beja Horta. “A Diáspora Portuguesa e a Política de Multiculturalismo do Canadá”. *Tempo Exterior*. N.º 5, segunda época, Julho-Dezembro 2002. CEMRI / Universidade Aberta. “(...) o significado de diáspora evoluiu e, o que começara por ser um conceito que descrevia a expansão e a dispersão que levou consigo a colonização grega em tempos pré-modernos, passou a ser utilizado num âmbito mais alargado, às experiências de escravidão, exílio e alienação dos judeus, africanos e arménios. O conceito foi reformulado em datas mais recentes, num novo contexto de mundialização, migração e transnacionalismo. Desta forma a diáspora pode ser considerada como uma «forma social», um «tipo de consciência» e um «modo de produção cultural»”. Nossa tradução.

¹³ E-mail de resposta em 17.04.05.

¹⁴ Itálico nosso.

A memória é, de facto, o melhor repositório que nos fica do passado e do que transmitimos ao longo das gerações. As sementes das conversas familiares germinam mais tarde em histórias revisitadas e reefabuladas. Erika declarou que não escolheu deliberadamente contar a estória de uma forma linear:

I wanted to write it in a way that reflects how memory is experienced, in those little flashes that we remember, or the stories that we hear and turn into scenes in our memory. And I wanted readers to come to a point at the end of the book where they felt they had all these scenes and they could make up the story of what that life was.¹⁵

Como leitores, acompanhamos a narrativa de de Vasconcelos, iluminados pelos *flashes* da memória da autora, com algumas dificuldades, dada a profusão de tempos não lineares que vão surgindo na construção da história familiar feminina, que tem como pano de fundo a sociedade portuguesa a partir dos anos quarenta – bisavó, avó e tias – e das famílias separadas pela emigração: Leninha e Joaquim, Celeste e Carlos, os sobrinhos que também emigraram.

Ao longo dos séculos e devido à descoberta e colonização, a identidade portuguesa sempre foi tendencialmente dispersa, neste caso deixando famílias nos locais originais e partindo para longínquas reconstituições de novas famílias cujos apelidos definem a origem. Segundo o parecer de Linda Hutcheon,¹⁶ a diversidade cultural dos movimentos migratórios do século vinte trouxe tensões sociais e riqueza cultural, que se expandem para além das questões do bilinguismo e biculturalismo da sociedade canadiana, levando-a a repensar a designação de Hugh MacLenan de *Two Solitudes* como sinónimo do Canadá. Até à segunda guerra mundial talvez os dois grupos etno-culturais, Francês e Inglês fossem maioritários – as duas solidões fundadoras a que MacLenan se refere – ainda que tal reivindicação possa sofrer contestação pelos povos nativos ou “First Nations”.

¹⁵ “Death becomes her”. Entrevista de Sandra Martin a Erika de Vasconcelos. 10 Abril 2005.
<http://www.quillandquire.com/authors/profile.cfm?article_id=710>.

¹⁶ Linda Hutcheon & Marion Richmond, eds. Introduction. I – “A Spell of Language”. *Introducing Other Solitudes. Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990, p. 2.

Passados muitos anos desde a designação de MacLenan, comprova-se que a natureza pluriétnica canadiana é uma realidade realçada pelo “Bill C-93” para a preservação do multiculturalismo no Canadá.

A diversidade de culturas de origem trazidas pelas novas migrações foi ganhando voz, assumindo representatividade e afirmando-se nas chamadas literaturas étnicas: “(...) with the cultural diversity that twentieth-century immigration has brought to Canada have come both cultural riches and social tensions that move far beyond those of bilingualism and biculturalism.”¹⁷ Ao referir-se ao bilinguismo, Hutcheon pretende mencionar as duas culturas ditas de origem do Canadá, a inglesa e a francesa, as quais, segundo a escritora, também são étnicas e diferentes, porque as suas raízes estão na Europa, foram trazidas pelos primeiros colonos e não pertencem originariamente ao Canadá. No seu entender, a classificação de multicultural é mais abrangente e permite reconhecer que a literatura depende da totalidade da cultura, da história e das tradições sociais, sem reduzir a diversidade a enclaves etnoculturais.

É neste contexto de diversidade social que os naturais ou descendentes de emigrantes e mesmo os refugiados de países europeus, latino-americanos e asiáticos – todos eles fruto duma diáspora sem fim que cria novas “nacionalidades”, afinidades e estranhezas – escrevem, para corporizar as suas histórias e reconstruir os espaços geográficos sedimentados através do tempo. Desta forma, a sua produção literária não deverá ser considerada periférica ou marginal em relação à já estabelecida literatura anglo-francesa ou literatura *mainstream*, classificação artificial e não consensual acerca do critério sobre a identificação do cânone defendida pelos críticos da Literatura Canadana, como refere o escritor canadiano-judeu Matt Cohen.¹⁸ Este autor julga que na actualidade já se não justifica falar de literatura étnica, o que significaria o acentuar de duas correntes, a Franco-Saxónica e a de um grupo de minorias que

¹⁷ Linda Hutcheon and Marion Richmond, eds., *Op. cit.*, p. 2.

¹⁸ Matt Cohen nasceu em Kingston, Ontario em 1942. Foi Professor na McMaster University e “Creative Writing Instructor” em várias universidades canadianas. No conjunto das suas obras destacam-se: *The Spanish Doctor; Nadine e Living on Water*.

ocupam uma posição marginal, precisamente porque é a língua materna que une os descendentes das várias nacionalidades já nascidos em solo canadiano. Aquilo que realmente é diferente é falar da experiência histórico-cultural de cada escritor, como Cohen esclarece:

So, although I was brought up in English and English is the natural language for me to write in, actual English words and syntax haven't historically being built to accommodate the kinds of experience that I might want to be writing about. So it is definitely different for me to write about being jewish in English than it is to write about, say, a farmer north of Kingston in English because the actual vocabulary and linguistic structures are more available for one than the other.¹⁹

Se é certo que nem todos os descendentes de emigrantes vão à procura das suas origens, uma grande parte fá-lo. Segundo refere Edite Noivo:

There is an old *cliché* that 'what the son wants to forget ... (about the ethnic culture and practices) the grandson wishes to remember' (Hansen 1939: 9-10). Youths tend to contest or reject ethnic identities, however, mostly because those identities are transmitted by those with greater (generational) power and also amid psychopolitical struggles and emotional confrontations.²⁰

A mesma autora sugere que a reapropriação da identidade cultural por parte destes jovens se realiza quando eles se tornam independentes do vínculo parental e se sentem menos constrangidos a optar por experiências familiares, sem por isso esquecerem a sua identidade. Deste modo, não é de estranhar que muitos dos jovens escritores do novo continente adquiram com facilidade a língua do país de acolhimento, onde nasceram ou chegaram ainda crianças, recriando as suas vivências ou histórias ouvidas, através de ficções biográficas ou historiográficas, como aconteceu com de Vasconcelos e é constatado por Alice Munro:

¹⁹ Matt Cohen. 'Racial Memories'. Interview by Mervin Butovsky. *Other Solitudes. Canadian Multicultural Fictions*. Ed. Linda Hutcheon & Marion Richmond. Toronto: Oxford University Press, 1990, pp. 173-75.

²⁰ Edite Noivo. "Diasporic Identities at Century's End". *The Portuguese in Canada: from the Sea to the City 1953-1996*. Carlos Teixeira and Victor M. da Rosa ed. Toronto: University of Toronto Press, 1999, p.161.

*Memory is the way we keep telling ourselves our stories and telling other people a somewhat different version of our stories. We can hardly manage our lives without a powerful ongoing narrative. And underneath all these edited, inspired, self-serving or entertaining stories there is, we suppose, some big bulging awful mysterious entity called THE TRUTH, which our fictional stories are supposed to be poking at and grabbing pieces of. What could be more interesting as a life's occupation? One of the ways we do this, I think, is by trying to look at what memory does (different tricks at different stages of our lives) and at the way people's different memories deal with the same (shared) experience.*²¹

E é nesta versão diferente de uma mesma história, mencionada por Munro, que encontramos a arte do narrador no que à atracção do leitor se refere. A reafabulação do real, que por sua vez já foi modificado, precisa de personagens e acções convincentes porque a interpretação e reacção do narratário a estes enredos é também influenciada por outro tipo de histórias que circulam nas famílias, comunidades, nações e diásporas, que, por associação, resultam numa verdade. A este respeito cabe destacar os trabalhos realizados a partir de recolhas de testemunhos de mulheres emigrantes, que ao valorizarem a voz feminina retratam as suas dificuldades e as transformações pessoais sofridas sob a influência da sociedade do país de acolhimento. O já mencionado conjunto de narrativas de *Vaivém* de Laura Bulger (situadas no Canadá) e *Stories Grandma Never Told*, de Sue Fagalde Lick, jornalista de ascendência açoreana residente na Califórnia, situam-se entre a ficção e a crónica jornalística e em cada uma delas apresenta-se uma experiência de vida, uma atitude ou um acontecimento, mas sobressaindo em todos os textos o tema da condição existencial.

Depreendemos uma outra intenção no romance de Erika de Vasconcelos a partir das declarações feitas durante uma entrevista em Toronto, quando da publicação do seu segundo romance *Between the Stillness and the Grove*, parte do qual é passado em Portugal, nas quais comenta que a sua intenção de escrita é a

²¹ “A Conversation with Alice Munro.” 19 Abril 2005. <<http://www.randomhouse.com/vintage/read/goodwoman/munro.html>>. Escritora canadiana. Wingham, Ontario 10.07.1931. Premiada por três vezes com o *Govern General's Literary Award*, recebeu também o *Lannan Literary Award* e o *W. H. Smith Award*.

representação da sua experiência pessoal e não a de reprodução linear da realidade. O seu texto não é um romance de imigração (marcado pela dor e a nostalgia) é antes uma narrativa de vida ficcionada, do ponto de vista de uma jovem mulher inserida numa sociedade nova por oposição à tradicional e velha sociedade das suas antepassadas e à procura da sua própria definição. A escritora deixa bem claro que não considerava ser sua obrigação escrever sobre o país de origem dos pais, e que não era nesse sentido que incluía elementos portugueses nos seus livros, como podemos constatar nas declarações de Carmen Carvalho, produto da sua entrevista a de Vasconcelos:

Não tendo contacto regular com a comunidade portuguesa, *os seus conhecimentos dos costumes, língua e geografia de Portugal vêm-lhe do convívio com a família de cá e de lá*, no seu caso em Portugal continental. Que os seus conhecimentos são sólidos tanto como o seu amor às raízes isso está bem patente no seu primeiro livro *My Darling Dead Ones*. Quando lhe perguntei se sentia “responsabilidade de escrever sobre os seus antepassados ou sobre Portugal, ela respondeu que não era nesse sentido que incluía elementos culturais portugueses nas suas novelas. *Ela escreve aquilo que a inspiração lhe dita através do que vê, ouve, lê e presencia.*”²²

Uma das escritoras em que de Vasconcelos se inspira é Alice Munro²³ e tal como esta mencionava, as histórias escritas e contadas obedecem a reconstruções de partes de um passado que já não é real, porque reconstituído a partir de vestígios de uma memória que se vai alterando com o tempo. O passado pode ser lembrado a partir de um recorte de jornal, de cartas, de fotografias,²⁴ de um postal colorido, elementos que se desdobram nas várias páginas onde pululam as personagens e é esta a estratégia assumida pela autora de *My Darling Dead Ones*, que nas notas prévias do livro agradece a partilha desse legado à mãe, Maria Helena de Vasconcelos: “who gave me so many of these stories and to whom this book belongs”. Dentro desta linha de pensamento, apresenta-nos uma

²² Carmen Carvalho. *Vozes da Cultura*. “Tempo de Entrevista com Erika de Vasconcelos”. 11 Março 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/carmen1.html>>. Itálicos nossos.

²³ Cf. “A Conversation with Alice Munro.” 19 Abril 2005. <<http://www.randomhouse.com/vintage/read/goodwoman/munro.html>>.

²⁴ Veja-se, a propósito, a capa de *My Darling Dead Ones*.

árvore genealógica entretecida pelos nomes das personagens reais a utilizar na ficção familiar, após o que passamos directamente para o palco da acção: um lar de idosos na pequena vila de Lousa.

1. Fiona e a Cumplicidade das Mulheres da Família

Fiona vai atravessar o Atlântico uma vez mais; desta vez não são as férias que a levam a Portugal – a avó doente e só, precisa do apoio familiar – e ela oferece-se para acompanhar a mãe nessa viagem e para acompanhar o leitor ao longo de *My Darling Dead Ones*. Fiona começa por nos descrever Lousa, a velha aldeia onde foi visitar a sua avó materna internada num lar de idosos e o porquê da escolha de um lugar afastado de Lisboa, onde a avó tinha passado a maior parte da sua vida:

We are an hour's bus ride away from Lisbon, where the nursing homes are overcrowded, or too expensive. In the spring the yellow stucco must look beautiful, the town as quaint as any other Portuguese town, winding roads climbing out of valleys, houses stuck together as if there were a scarcity of space, though we are in the middle of the countryside. But it is winter now, grey and damp. The rooms are cold here, my feet are frozen. (MDDO, 5)

O motivo da viagem e da visita à avó envolve a noção de um fim próximo e que porventura irá quebrar fisicamente a sua relação com o país ancestral. “I am kneeling before my grandmother. (...) she is sitting in her chair (...) this is the chair she will die in, later, though we don't know it yet. About the chair (...)” (MDDO, 5). Este diálogo com o leitor acerca da cadeira anuncia a proximidade da morte num trocadilho que surpreende, “This is the chair she will die in, later, though we do not know it yet. About the chair, I mean” (MDDO, 5).

A cadeira como objecto irá prosseguir a sua vida, a existência da avó como ser mortal irá ter um prolongamento que permanece desconhecido: subjaz a estes pensamentos a incógnita da vida humana. Na intenção de subtrair-se a um drama pessoal próximo, Fiona dirige o seu olhar para o espaço exterior ao quarto do lar e deixa-se envolver pela paisagem. O seu pensamento arrasta-se, observando demoradamente os muros das casas, conseguindo prever a transformação que a luz dourada da Primavera operará no “yellow stucco” que as cobre, agora despojado da sumptuosidade da folhagem verde, pelo ambiente “grey and damp” do Inverno. O frio minimiza a beleza do espaço e ao desconforto interior alia-se o desconforto do ambiente: “The rooms are cold here, my feet are frozen” (*MDDO*, 5), pensa ensemismada enquanto o seu olhar avança pelas ruas estreitas que nascem dos vales e que serpenteiam em torno do casario que se amontoa nas encostas e reproduz uma paisagem de postal, paisagem exótica porque diferente da imagem citadina do seu espaço vivencial: a moderna e heterogénea cidade de Toronto onde as ruas correm paralelas e não surgem emaranhadas e agarradas ao solo para não cair, nem os quartos são frios porque as casas têm aquecimento. A comparação não pode ser evitada e o seu pensamento voa de um espaço para o outro, a paisagem de Lousa perde o atractivo e o frio desconfortável faz desejar a partida que, contudo, não pode ser precipitada pois: “I have come as support, to help my own mother watch her mother die” (*MDDO*, 5); o ambiente cinzento e desolado acentua a tristeza das duas mulheres, já que Fiona e a mãe atravessaram o Atlântico mais uma vez, agora para ver morrer a avó Helena. Mas esta jornada levou-as a presenciar a desagregação do passado, começando a notar as ausências, como a da tia-avó Magdalena, inseparável companheira da irmã Helena. “This was the last goodbye, the last moment we ever saw them together” (*MDDO*, 69).

Magdalena, que morrera pouco tempo antes, ocupara-se sempre da irmã Helena. “My grandmother has spent her life being taken care of by servants, husbands, a sister” (*MDDO*, 6). Agora está só e doente, confinada a um lar de idosos. A filha vive no Canadá e apenas poderá visitá-la esporadicamente. É o resultado das famílias repartidas, afastadas pela emigração. No primeiro dia da

visita as três mulheres conversam enquanto Leninha, a filha de Helena, tenta ocupar-se arrumando o guarda-roupa da mãe. De lá surgem os pequenos tesouros de valor sentimental, objectos que as pessoas guardam sem razão ou valor aparente, mas que constituem a herança de uma vida. Entre elas estava uma caneta que a avó se dispunha a oferecer a Fiona, quando ao estender a mão reflecte: “Oh, but you can’t use it, you don’t write Portuguese!” (*MDDO*, 7). A avó associa o objecto – caneta – com a função da escrita; uma caneta portuguesa apenas serve para redigir em Português; a neta era estrangeira, falava Inglês. Para a avó os espaços estavam claramente divididos em países e línguas que não se reconheciam entre si.

Ao partirem, reparam na pequena bolsa preta que Helena segura com ambas as mãos; dentro está o seu “notebook” onde toma nota de tudo aquilo que pretende recordar. Também a tia Magdalena deixara um diário esclarecendo: “I have written down everything,” she says, “so that you know. It’s all here. In my memoirs.” (...) Magdalena rests her hand on a binder thick with papers. (*MDDO*, 21). Nesta época, a intimidade das vozes femininas era silenciada, não tinha vida pública. Diários, cartas e livros de pensamentos era o meio encontrado para as mulheres passarem à posteridade não só as suas vidas mas também as suas convicções. A escrita é apresentada como testemunho do momento passado e futuro; Fiona também costumava escrever em pequena e continua a fazê-lo pela mão da escritora, que se serve dos relatos da mãe para tecer a trama do seu romance, como já referimos neste capítulo. Neste âmbito Vamberto Freitas reflecte em relação a uma outra autora de ascendência lusa: “A narrativa vem da memória histórica da Katherine Vaz (não esqueçamos que antes do narrador existe o autor) e da sua memória pessoal, familiar, de experiências vividas e/ou imaginadas.”²⁵

²⁵ Cf. Vamberto Freitas. “Nova escrita da (Nossa) Experiência Transnacional: as Gerações Seguintes”. In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. Nº 17., Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2001-04, pp. 213-227.

A reunião familiar, de certa forma evocativa, que fomos levados a presenciar, introduz-nos no universo luso-canadiano de Fiona e da sua família, especialmente no mundo das mulheres. Elas geram os filhos e transmitem as tradições e os saberes oralmente ou por escrito.²⁶ As três gerações e os seus conflitos vão surgindo pela voz de Fiona, a personagem principal – para quem as mulheres da família são o motivo da escrita e o modelo de vida – e desta forma, enquanto reflecte sobre a sua vida pessoal, vai activando o passado para iluminar o presente. Para isto serve-se de avanços e retrocessos no tempo e no espaço, na primeira ou na terceira pessoa: os espaços geográficos sucedem-se, ora estamos na Beira, em Montréal ou em Toronto; tal como nos indica Isabel Patim na sua análise do romance, este está dividido em treze capítulos, com títulos em Português, Inglês ou Francês e cada um deles encontra-se subdividido em secções que correspondem a uma pluralidade de presentes e passados situados em diferentes espaços e constituindo diferentes histórias. Estas secções foram identificadas com títulos em itálico correspondendo a referências espaço-temporais:

(*Montreal Canada, 1988; Beira, Portugal, 1936; Toronto, Canada, 1991; Montreal, Canada, 1986; Toronto, Canada, 1994; Toronto, Canada, 1995; Montreal, Canada, 1995*). The point is that besides announcing these shifts through italicized titles, the narrative text skips in time and place following the memories, stories, and networks created by the characters and / or narrator.²⁷

Os capítulos mencionados e as suas subdivisões espaço-temporais, reflectem a vida familiar em Portugal – linha feminina ascendente – e no Canadá: as histórias dos pais, da irmã, dos amigos e de outros familiares que também emigraram para aquele país e que constituem um reflexo dessa viagem entre o passado e o presente que nos informa acerca da saga familiar, habitante do velho e

²⁶ “The transmitters of ethnic identities across generations are not so much families as women”. Edite Noivo. “Diasporic Identities at Century’s End”. *Op. cit.*, p. 161.

²⁷ Cf. Isabel Maria de Sá Nena Patim. “The Presence of Portugal and the Portuguese in the Fiction of a Canadian Writer of Portuguese Descent: Erika de Vasconcelos *My Darling Dead Ones*”. *Portuguese Studies Review* 11 (2) (2004), pp. 109-132.

do novo mundo. Segundo Isabel Nena Patim, é nessa saga que Fiona encontra a força para renovar o quotidiano:

(...) the text reflects her (*Fiona's*) *point of view*. As mother, daughter, granddaughter, grandniece and sister, *Fiona discovers in her own mother, grandmother and great-aunt the knowledge allowing her to go on with her life*. Her guides are strong and determined women filled with an

identical kind of energy, although contextualized and anchored in different geographical spaces – Portugal and Canada.²⁸

As mulheres da família são independentes e encontram-se fora do contexto da sociedade salazarista da época; escapam aos padrões das portuguesas desse tempo. Mostram emancipação emocional e sexual. Fiona conta acerca da sua avó: “She has had three husbands: divorced one and outlived two ... but it is my grandmother’s second marriage that interests me” (*MDDO*, 9). Annibal tinha mais trinta anos que Helena e o seu relacionamento tinha começado fora do casamento “(...) very daring in the 1930s. They only marry after my mother is born” (*MDDO*, 10) e, para surpresa de Fiona, a sua avó confessa-lhe com toda a naturalidade e sem qualquer pudor que Annibal aos setenta e cinco anos “could satisfy any woman”. Para essa época o reconhecimento de “the woman’s need ... is still surprising” (*MDDO*, 10). A forma descomprometida como a avó confia as suas convicções e intimidades à neta define a mulher decidida e liberal encarnada por Helena que fala de Annibal como um episódio sofrível da sua existência, que já foi ultrapassado. Mais tarde, irá encontrar o seu verdadeiro amor num homem casado, com família, que virá a ser o pai de Leninha. “Every woman has a moment of passion in her life” my grandmother says” (*MDDO*, 10). A sua certeza implica transgressão, porque é estranha aos princípios que a sociedade burguesa pretendia manter. A própria Fiona não faz senão seguir o percurso das mulheres da família. A viagem a Portugal dá-lhe uma oportunidade

²⁸ Isabel Patim. *Op. cit.*, p. 121. Itálicos nossos.

para reconsiderar o seu casamento, a mãe precisa de companhia e a irmã representa também um elemento de motivação: “Laura has that big exhibit coming up, you know that” (*MDDO*, 8), confia Fiona a Neil, o marido, como desculpa para o seu afastamento. “Passion. The glamour of it obscures everything. Particularly pain” (*MDDO*, 10). A cena de sexo explícito com um desconhecido, episódio erótico imbuído de manifesta atracção sexual, reflete a vontade anestésica dos sentidos.

A coragem de Fiona é a mesma das mulheres da família. Elas também se permitem escolher o tipo de amor condenado ou proibido que transgride o comportamento usual e socialmente aceite; porque é o perigo da liberdade que realmente as atrai. A liberdade da escolha para fugir ao desespero e à monotonia. Teresa Cid, numa reflexão sobre a obra de Katherine Vaz, diz-nos que este desejo de liberdade e de independência conduz a uma outra expressão do amor genuíno, apesar de toda a transgressão que também representa:

(...) – just another way of saying genuine love; it is about passion and about freedom, about discovering the world without coercively controlling others, about penetrating the depth of one’s being, always pushing the limits of dull everyday life a little further.²⁸

E a este respeito Erika de Vasconcelos declara:

(...) “I wanted to write a book about passion, on one level. Often the most passionate relationships are the most forbidden ones, and I wanted to make the point that you don’t always choose – that passion is something that can hit you at any time, that it’s the sort of beyond your control. When you’re married, you don’t set out to fall passionately in love with somebody else who is also married but it’s one of those things that when it hits you, you can’t ... you can’t shake it”.²⁹

²⁸ Teresa Cid. “Reading Katherine Vaz. Re-thinking the Portuguese Diaspora”. In *Feminine Identities*. Luisa M. Flora, Teresa F. A. Alves and Teresa Cid, eds. Cadernos de Anglistica 5. University of Lisboa Centre for English Studies. Lisboa: Colibri, 1999, p.263.

²⁹ Michelle Alfano. “Interview: By the Force of Their Own Will: The Women of *My Darling Dead Ones*.” *Paragraph. The Canadian Fiction Review*. V.19. 1998, pp. 3-9.

E Fiona encontra esse amor arrebatador, do qual não consegue afastar-se, num homem casado que um dia conhece num parque de Toronto, quando leva a filha a passear. A partir desse momento, a sua vida torna-se num desassossego, num contraditório forjar das correntes que tolgem a liberdade, aguardando sempre o momento do reencontro, perguntando-se se esse sentimento que surgiu é finalmente o amor que já não sente pelo marido: “I can’t stand his breath on me, Mom” (*MDDO*, 96).

Magdalena, a tia avó, também tinha uma amarga recordação do casamento, quando jovem e inexperiente tinha sido entregue a um estranho acreditando num amor para toda a vida: “How blind I was, like all the girls of my time” (*MDDO*, 23). A presença de Arthur no lar apenas formado, foi temporária, “But long enough to cause real damage” (*MDDO*, 23) foi a passagem suficiente para perder a sua inocência e os seus sonhos e que a fazem (re)pensar acerca da: “(...) strange force that compels two people to join each other in order to suffer” (*MDDO*, 23), reflectindo sobre factos que fazem parte de um passado que Magdalena pôs de lado definitivamente. Mais tarde, irá recuperar a felicidade junto de um outro homem fora da união conjugal. Alberto é “a man of means”, um juiz de renome, casado e com filhos, “Magdalena is the love of his life and he has kept her at his side” (*MDDO*, 25). Não podendo recorrer ao divórcio para legalizar essa união, o juiz limita-se a manter uma vida dupla salvando as aparências, afastando a sua família de uma posição incómoda, ao mesmo tempo que não fere a sua profissão nem a expõe perante o olhar da sociedade. Por ironia, um juiz que decide a vida dos outros... No que respeita à mulher do amado, esta aceita passivamente a vida extramatrimonial do seu marido: “She has understood, accepted.” (*MDDO*, 25).

Encontramo-nos perante dois tipos controversos de mulheres que optam por escolher os seus caminhos de acordo com as suas convicções ou por aquilo que a lei lhes concede como sendo próprio da condição feminina. Como assinala

Rose-Marie Lagrave,³⁰ os sistemas jurídicos esboçam modelos de mulheres muito diferentes e enquanto uns consideram o desejo de liberdade e emancipação das mesmas, outros mantêm liminarmente a sujeição ao chefe de família e às políticas de cada estado:

(...) constrangimentos ligados ao carácter confessional do direito (Itália, Espanha, Portugal) vão entravar a liberdade individual das mulheres em outros domínios (proibição legal do divórcio, do aborto ...). Por fim, em Espanha e em Portugal, a sobrevivência tardia de regimes ditatoriais de tipo fascista conseguirá tornar efectivo o amordaçamento jurídico das mulheres até meados da década de setenta.

(...) A desigualdade dos deveres não é menos flagrante quando se vê o tratamento diferencial do adultério. Embora o dever de fidelidade seja recíproco, as infrações a tal dever são sancionadas de um modo muito mais severo quando se trata da mulher. Quanto ao divórcio, continua, nessa época, a ser difícil nos países de direito laicizado e impossível nos países de direito confessional.³¹

As personagens femininas do romance (à excepção de Fiona) não se adaptam a estes condicionamentos e agem segundo as suas próprias regras, preservando os seus sentimentos e personalidade a fim de continuarem as suas vidas. Na época retratada existia uma clara repartição de tarefas. A mulher era a “fada do lar”³² e a mãe educadora e no seio das famílias modestas era a responsável pela administração do salário de miséria dos maridos. Um exemplo de como se podia viver bem com quase nada, o que as tornava ainda mais abnegadas e exemplares. Era esta condição de *non persona* que lhes tolhia a liberdade e as limitava ao espaço íntimo do lar onde trabalhavam de sol a sol ou então, no caso das famílias mais abastadas, as mulheres estavam remetidas ao espaço puramente

³⁰ Rose-Marie Lagrave. “Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX”. George Duby e Michelle Perrot eds. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XX*. Direcção Françoise Thébaud. Vol. 5. Porto: Afrontamento, 1995.

³¹ *Op. cit.*, p. 560.

³² Paradigma da mulher virtuosa que traz harmonia e felicidade ao lar transmitido pelo poema de Patmore que influenciou a sociedade dos séculos XIX e XX, representativo dos valores da classe média britânica. Cf. Patmore, Coventry. *The Angel in the House*. London: McMillan and Co. 2 vols., 1863.

feminino dos bordados ³³ e da culinária, ³⁴ raramente visíveis no palco intelectual ou literário.

Um conjunto generoso de textos académicos – fundamentalmente o trabalho das críticas feministas que dissertam depois das visões consagradas de F. R. Leavis e Raymond Williams – estabeleceu um papel importante para as escritoras no desenvolvimento da narrativa, evidenciando-o como uma forma conducente à expressão artística das suas experiências, aspirações, medos e desejos, que se inicia de forma mais profissional nos textos do séc. XIX e se desenvolve até às mulheres pós-modernas, não só enquanto escritoras, mas também, enquanto leitoras.

A crítica literária anglo-americana dos anos 70, preocupada em descobrir o que torna específica a experiência feminina e a sua escrita, insistiu num ponto essencial: durante séculos as mulheres e a história das suas criações e das suas leituras, tinham sido excluídas da história literária. O uso do pseudónimo tentava evitar a estigmatização; as escritoras escondiam quem eram e dissimulavam o facto de serem mulheres. Por isso, os anos 70 foram anos de descoberta dos trabalhos ignorados escritos pelas mulheres. A crítica dessa época reabilitou esses textos, e um dos seus objectivos foi justamente o de providenciar a existência de um suporte editorial para textos esquecidos e definir a esfera do feminino, através do veicular de experiências que nunca tinham sido reveladas e da publicação de tudo o que estimulasse a exibição desse “mundo paralelo e esquecido”. Às atitudes políticas e mais radicais dos anos 70 – que levavam a cabo os movimentos de emancipação das mulheres, herdeiros de 68 e da luta pelos direitos civis nos E.U.A., sucederam, nos anos 80, a publicação das vidas das mulheres. A autobiografia é uma marca importante nestes anos. Esta orientação deu depois lugar, nos anos 90, à escrita sobre o que as mulheres escrevem, sobre o trabalho dos seus textos. A perspectiva hoje não é tanto falar sobre feminismo, sobre

³³ Cf. *MDDO*, p. 34. Laura: “Must be something in the genes, this flair for embroidery”.

³⁴ Cf. *MDDO*, p. 111. Fiona: “(...) she (her mother) hates to cook”. Leninha não reproduz a imagem da mulher perfeita, finge adaptar-se.

política, mas talvez sobre a condição de uma escrita particular que revela as raízes espaciais, culturais e circunstanciais da identidade que se procura.

O enquadramento anteriormente descrito põe em destaque a audácia das mulheres de *My Darling Dead Ones*, narrativa em que elas actuam de forma autónoma e fora das regras socialmente aceites no que se refere ao comportamento das mulheres casadas. Têm amantes que simbolizam o amor ideal pretendido e geram filhos desejados, fora do casamento. Em “Beira, Portugal, 1936”³⁵ ficamos a saber que Helena decide ter o filho do amante e para tal nada melhor do que ausentar-se de Lisboa e partir para a província, onde a vida é mais calma, na quinta onde crescem os eucaliptos e os sobreiros e onde podia cantar ao vento e em liberdade o seu amor proibido – *gosto de ti, gosto de ti* – : “She thinks of her lover now, the man who had asked her to keep the baby at all costs” (...) “And she had wanted it, too, this mixture of their two bodies” (*MDDO*, 79). Helena vive na expectativa feliz de ter um filho do homem que ama, mas por outro lado, Annibal, o seu companheiro, “would watch her body grow heavy with a child that wasn’t his” (*MDDO*, 53). Helena ia dar à luz um bastardo.

Apesar de sofrer calado o desprezo de que é objecto, Annibal casa com Helena para legalizar o nascimento da criança que vai nascer – Leninha –, não apenas para legalizar o fruto das relações extra-matrimoniais da companheira, mas também para legalizar a união com ela, em relação ao olhar crítico da sociedade. Adivinhamos uma outra intenção subjacente a esta decisão que resulta na posse da mulher, assegurando-a junto de si e de afirmar o direito de marido – embora ignorado – de dono. De facto, Helena nunca lhe pertenceu e ela utiliza todos os subterfúgios para se furtar a qualquer relacionamento íntimo com ele; apenas existe entre os dois um jogo de tensões e tentativas de domínio que vão sendo superadas nos diálogos dispersos do convívio diário.

A identidade feminina transcende o conhecimento do homem, as múltiplas facetas da mulher surgem numa mistura física de funções e desejos: a

³⁵ Cf. a análise de Isabel Patim acerca do uso dos subtítulos. *Op. cit.*, p. 121.

função da procriação, a da continuação da família, e a da consumação do amor como traição ao vínculo matrimonial, se necessário for. Desta forma, as mulheres da família reúnem-se numa atmosfera de autodeterminação, defesa e direito ao corpo, demonstrando a singularidade feminina e a capacidade de agir e superar as consequências das suas opções.

Num exemplo de identidades alternativas, Magdalena, irmã de Helena, mostra-se igualmente firme e ousada, obedece a uma parte da sua natureza: a paixão. Para isso, aborta por várias vezes na intenção de proteger o estatuto social do seu amante e salvar a sua relação ilegal: “She has even aborted his children, on more than one occasion, knowing how much an illegitimate child would cost him” (One can only push the boundaries of scandal so far)” (*MDDO*, 26). Esta forma de actuar espelha uma sociedade de fachada, na qual a infelicidade impera e por norma as mulheres calam e aceitam a subordinação. Outras, poucas, procuram libertar-se dos preconceitos. Como faz Helena ao desabafar com Fiona, afirmando que não há muitas mulheres virtuosas na família, contradizendo as expectativas convencionais:

Someone laughs: a grey-bearded man sitting by himself at a corner table. He raises his glass towards us and smiles.

My mother raises her eyebrows. “You know what they say, Fiona, change is as good as rest.”

“Don’t be silly, Mom.”

“There aren’t many virtuous women in your ancestry, darling; you might not want to break with tradition”

“Will you stop it?” We laugh. (*MDDO*, 11).

Mais tarde, já em Toronto, anos 90, Fiona faz um aborto. O seu casamento anda à deriva, não suporta viver com o marido, e nega-se a aceitar um filho de uma união em vias de ruptura, mostrando, na escrita da autora, uma grande abertura à confidência, que ganhará a cumplicidade das leitoras. A este propósito Michelle Alfano, em conversa com de Vasconcelos, argumenta: “I think of your writing as being more lush than (Margaret) Atwood’s, more sensuous in

detail; but maybe the similarity is in an openness about women's lives that I think is attractive to a woman reader.³⁵

A relação mãe / filha ou as revelações entre mulheres expressas no romance de de Vasconcelos são também uma das estratégias mais persistentes no modo como a produção literária dos anos 80 articulou os diferentes modos de comunicação entre as mulheres e a história literária feminina, paralela à tentativa de descoberta da “maternidade” intelectual e do modo como funcionam os desvios e as revoluções relativamente a padrões, a temáticas e a códigos, ou seja, ao que há dez anos as americanas Sandra Gilbert e Susan Gubar deram o nome de “secret sisterhood” em *The Madwoman in the Attic*.³⁶ Aproximando-se à sua maneira de Harold Bloom e da sua conhecida definição da criação poética como expressão de *the anxiety of influence*,³⁷ Gilbert e Gubar procuraram mostrar que o modelo masculino de que as mulheres de algum modo partiram era uma influência a ser desconstruída, esfrangalhada, desmembrada, para que este atingisse uma nova coerência e organicidade. Foram no entanto suficientemente lúcidas para reflectirem sobre o papel relevante que o contexto social e as circunstâncias particulares tinham em cada uma das escritoras, e como aqueles funcionavam como uma mediação. Apesar de todo o seu activismo, mudaram as perspectivas mais ortodoxas ao chamarem a atenção para a circunstância de não haver um modelo uno e natural de mulher e para o facto de que existem também fricções e rupturas entre a própria tradição da escrita feminina e focaram uma realidade inegável: nem todos os textos publicados como resultado dos activismos dos anos 70 e 80 eram, de facto, grandes textos.

A escrita de de Vasconcelos é simples e sem rodeios, carece de metáforas, assemelha-se à própria vida. Os homens são periféricos, porque embora tenham um papel importante na vida das mulheres e das suas emoções,

³⁵ Michelle Alfano. *Op. cit.*, p. 3.

³⁶ Cf. Sandra Gilbert and Susan Gubar. *The Madwoman in the Attic*. New Haven: Yale University Press, 1979.

³⁷ Cf. Harold Bloom. *The Anxiety of Influence. A Theory of Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 96.

não constituem o alvo da escrita; a autora pretende narrar os factos vivenciais das mulheres, tal como eles acontecem, concedendo um aspecto mais real à sua ficção quase biográfica ou biograficção. Por isso no Capítulo IV “Sisters II (Album)” a narradora declara: “There are not men in the photographs. There are not men in this story.” (*MDDO*, 84). Eles surgem pela força das circunstâncias, mas não adquirem qualquer protagonismo ou são mesmo postos fora de cena porque surgem como traidores ao amor conjugal (pai de Fiona e marido de Magdalena); são brutais nas suas reacções (marido de Fiona); tornam-se “patrões” das mulheres (marido de Helena). Erika definiu: “I’m going to concentrate on the lives of these women in this family. I want to tell their story as opposed to the story of everyone in the family.”³⁸ Pretendia escrever um livro acerca do complexo sentimento de ser mulher e da arte de sobreviver num mundo patriarcal; por isso os homens aparecem através do olhar da bisavó Leonor, da avó Helena, da tia-avó Magdalena e da Leninha. Todas estas mulheres emprestam as suas vozes conhecedoras ao discurso narrativo. São mulheres desprendidas que também sonham; são românticas e acreditam no homem único, ideal, que surge nas suas vidas fora do contexto legal, levando-as a tomar decisões frias e brutais, que também as ferem. Em última análise, pretendem preservar a pouca felicidade que a vida lhes reservou.

O romance de Erika de Vasconcelos descreve situações comuns na vida das mulheres comuns; neste caso, uma saga familiar e dois contextos sócio-culturais diferentes, no tempo e no espaço. Existe uma construção cuidadosa que de início sugere um labirinto perante a acumulação de pormenores e da movimentação que nos é relatada. Todos os pormenores são importantes porque constituem o tecido da vida humana e, ao revelar o pensamento das personagens, aproxima-se da linha autobiográfica da obra, do amor e dos seus limites e contradições: “The subject of many of these stories is what is generally called

³⁸ Cf. Michelle Alfano. *Op. Cit.*, p. 4.

romantic love, either love that characters are doing their best to make work, or love they are recovering from.”³⁹

A perspectiva de ruptura do matrimónio de Fiona leva-a a praticar o aborto – acontecimento dramático na vida de uma mulher – sinónimo de uma amputação física e espiritual. E assim, ao visitar a galeria de arte onde decorre a exposição da sua irmã Laura, não consegue conter o sobressalto que os corpos cosidos das bonecas de pano lhe provocam. Fiona depara abruptamente com corpos de bonecas penduradas nas paredes. “They are meant to be babies (...) Around the necks, shoulders (...) the seams are very visible (...) Like wounds that have been sewn closed” (*MDDO*, 34). As costuras das bonecas evidenciam-se na sua apoderação dos corpos “feridos”, em cicatrizes ostensivas que colidem com a dor convalescente de Fiona, cujo corpo também transporta uma cicatriz que se recusa a sarar, constituindo um sinal do vazio que não consegue preencher: “Twice she had killed it. That baby.” (*MDDO*, 46). Estes pensamentos remetem para uma realidade semelhante à da tia-avó Magdalena; “(...) three children (...) three lives and deaths that she could carry inside her body, (...)” (*MDDO*, 154), mas ao contrário de Fiona, elas não nasceram por amor a um homem. Angustuada e agredida por aquelas representações, símbolo de uma outra forma de monstrosidade da sua irmã e uma reedição dos jogos cruéis que Laura inventava em criança, Fiona abandona precipitadamente o local.

As bonecas de Laura obedecem à sua inspiração de artista de vanguarda. Segundo ela a Arte é imprevisível, senão não seria Arte. Tudo é recuperável, até os pontos do quase bordado com que sutura “as feridas” das bonecas. Dir-se-ia uma recuperação dos bordados ancestrais e labor das mulheres.

Para Fiona, as bonecas, aqueles “dead, naked babies” (*MDDO*, 40), não constituem qualquer forma de arte, neles apenas consegue entrever a personalidade subversiva e sem complexos da irmã, que manipula a arte para a sua afirmação pessoal.

³⁹ Alice Munro. *The Moon of Jupiter*. New York: April 1995. Lee Lady Review. 4 Maio20 05. < <http://www2.hawaii.edu/~lady/faq/reviews/munro.html>>.

Laura explica: “Some people like to be surrounded by art, Fiona.” (MDDO, 40), implicando a ignorância de Fiona acerca das vanguardas artísticas, ao tempo que estabelece mais um desafio revelador das tenções que sempre existiram entre as duas irmãs.

Passado algum tempo após a discussão com a sua irmã Fiona, opta por regressar à galeria. Quase em forma de desculpa e tentando apaziguar os ânimos confia a Laura: “We are so different” (MDDO, 46). O mesmo pensa Joaquim, o pai de Fiona e Laura, testemunha do desencontro das filhas: “He has witnessed of these (fights) (...) He cannot understand them” (MDDO, 42). De facto, tanto na vida como na arte elas seguiram sempre percursos diferentes: “It’s O.K” diz Laura “It’s O.K that we are different” (MDDO, 46), num gesto de aproximação para com Fiona, que tenciona ficar com uma das bonecas na expectativa de recuperar em parte o filho que não quiz: “Fiona steps towards the wall and lifts one of the dolls from its hook, easy. Outside, she tucks the doll under her coat. It is light as feather ... light as a bean in water. That baby would have taken up too much space” (MDDO, 46). O monólogo é um acto de reconciliação consigo própria, um modo de apaziguar a sua angústia e continuar a viver, porque é preciso. Fiona transporta a boneca para casa e abraça-a num gesto melancólico: “carries it now in her arms, like a sleeping kid, up the stairs. She places it at the bottom of the hope chest” (...) “Good night”, she says” (MDDO, 47). Durante a noite Fiona sonhará com as férias em Portugal, na praia, num dia quente de verão. Na areia, a sua irmã escreveu o seu nome com “golden pebbles” F-I-O-N-A. A transformação das pedras implica a própria transformação do corpo de Fiona e o amadurecer das suas formas: “I’m afraid it didn’t work. The abortion didn’t work. (...) It’s your decision, darling, I’m not inside your body. Do you mind if I take a look?” (MDDO, 47).

1. 2. A Mulher e a Escritora

O romance, enquanto narrativa, evoca “um mundo concebido como real, material e espiritual, situado num espaço determinado, num tempo determinado, reflectido na maioria das vezes num espírito determinado que, diferentemente da poesia, tanto pode ser ou de uma ou de várias personagens como o narrador”.⁴⁰ O tempo e o espaço em que decorre a acção e as relações entre as personagens e o seu relacionamento com o meio, dão origem aos acontecimentos dentro de uma ordem dependente das técnicas narrativas utilizadas pelo narrador. Estas variam de acordo com o propósito final do autor que se encontra por trás daquele(s) que narram a história pretendida.

De entre as várias formas de narrativas, a denominada narrativa autobiográfica tem vindo a prevalecer desde o século passado, atravessando a fronteira do século XXI devido à sua qualidade de transmissora de experiências de vida localizadas em tempos e espaços específicos e diferentes dos centros literários onde são produzidas. A este respeito Nena Patim refere-se ao poeta e crítico canadiano Fred Wah :

“Wah addresses language, place and ethnicity, through creating a theory of “trans=geo=ethno=poetics”. As defined in the *Poetics of Ethnicity*, one of Wah’s critical works: *Immigrants, ethnic and native writers in Canada* have utilized most of the available public aesthetics in order to create a more satisfying space within which to investigate their particular realities.⁴¹

Estas *particular realities* ou diálogos de vida consistem na procura do *self* do escritor, através da utilização estética como meio de exprimir as suas experiências de deslocação/desterritorialização, aliando a ficção à realidade, contrariamente ao já comentado em relação aos livros de Laura Bulger e Sue Fagalde Lick, nos quais a transmissão da realidade vivencial constitui a intenção primeira da escrita. Considerando que na autobiografia o tema subjacente à trama

⁴⁰ Maurice-Jean Lefebvre. *Structure du discours de la poésie e du récit*. Neuchâtel. Éditions de la Baconnière, 1971, p. 116. *Apud*. Vitor Manuel de Aguiar e Silva. *A Estrutura do Romance*. Coimbra: Almedina, 1974, p. 41.

⁴¹ Isabel Nena Patim. *Op. cit.*, p. 114. Itálico nosso.

é a vida do narrador da história, esta narrativa foge sempre da realidade linear, pois tem como documento principal a memória humana, tal como opina Paolo Jedlowski no seu artigo “Autobiografia e Riconoscimento”,⁴² acrescentando que a memória humana distorce ou oblitera inadvertidamente alguns acontecimentos. O narrador cria a sua própria história de vida, consoante aquilo que pretende relatar ou mascara os dados para esconder-se por detrás das personagens ficcionadas.

No caso de Erika de Vasconcelos ficamos a saber, através da entrevista concedida a Michelle Alfano para a *Canadian Fiction Review* em 1997, quando da publicação de *My Darling Dead Ones*, que a autora teria referido que o romance em questão conteria dados biográficos, afirmação que terá intrigado Alfano, levando-a a fazer a seguinte pergunta:

(...) As I was reading it [*My Darling Dead Ones*] I wondered whether the incorporation of this detail leaves you feeling, as a writer, in a sense, vulnerable...Or is it liberating to be able to talk about some of the things that have happened?

De Vasconcelos respondeu:

(...) it's funny, but it doesn't make me feel vulnerable. The autobiographical element gave a release in the writing itself, on one level, because it was a story that I had to tell before I would be able to tell any others (...) It doesn't make me feel vulnerable because I still really think of the novel as a construct, as a work of fiction.⁴³

De facto, a narrativa que recolhe dados biográficos, memórias, cartas, objectos e fotografias para organizar a sua própria estrutura é também uma obra de ficção normalmente baseada num tempo que não o presente, o que faz com que as emoções veiculadas pelo narrador possam sofrer alterações desde a época dos acontecimentos até ao momento da escrita. Por outro lado, como comentam

⁴² Paolo Jedlowski. “Autobiografia e Riconoscimento”. Quinto Antonelli e Anna Iuso. *Vita di Carta*. Napoles: L’Ancora del Mediterraneo, 2000, p. 209-213

⁴³ Michelle Alfano. *Paragraph*. *The Canadian Ficiton Review*. Vol 19, nº 3: Winter/Spring 1997/1998, p. 4.

Sidonie Smith e Julia Watson,⁴⁴ o leitor faz confiança no narrador e acredita na verosimilhança da história, mas nunca chega a saber se o narrador está a relatar factos verídicos. Pode também acontecer que o narrador narre a sua história de vida quando jovem cheio de ilusões que já se terão perdido no narrador adulto. Finalmente, qualquer que seja o género de narrativa, esta depende sempre da estratégia do narrador na qual, em todo caso, está em jogo uma viagem ao reconhecimento. No romance de Erika de Vasconcelos esse reconhecimento interior tem um papel importante porque significa a localização das suas raízes e um encontro com ela própria. Trata-se de uma peregrinação às origens, não porque se sinta portuguesa, mas como afirmação da sua identidade e apaziguamento das suas dúvidas existenciais.

Para cumprir esta viagem, Erika de Vasconcelos serve-se das vozes das antepassadas portuguesas que chegam até nós através de Fiona, a jovem canadiana apaixonada pela vincada personalidade das mesmas, que as torna diferentes do comum das mulheres do seu tempo, afinal projecção de Erika. Tal como Fiona, também Erika tem uma irmã, duas filhas, uma avó e uma tia falecidas e também os pais emigraram para o Canadá residindo nas mesmas cidades: Montréal e Toronto.

Estas vozes reinterpretadas pela autora-narradora surgem numa história de família tecida de amores, paixões, decepções e segredos. A este respeito, Alfano comenta o seguinte:

All of us have family stories to tell; some of us don't have the words, some are too timid, and some can't transform the bare facts into imagined world. *Erika is as bold as a thief with her family history, snatching anecdotes and love affairs as though they were so many silver candlesticks to be melted down and remoulded.* 'Ever since I was a little girl of six or seven', she says, '*I can remember spending summers in Portugal visiting my great-aunt and my grandmother, and thinking that these two women were extraordinary and that one day I would tell their story*'.

⁴⁴ Sidonie Smith and Julia Watson. *Reading Autobiography. A Guide for Interpretive Life Narratives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. 12.

What she didn't anticipate was that she would be telling their story in conjunction with her own.⁴⁵

A ficção de de Vasconcelos avança por entre as memórias e os relatos de Leninha, a figura feminina que se instala na sociedade canadiana na qual se integra, afirmando não pretender o regresso a Portugal. A importância concedida às casas, ao lugar de proveniência e ao relacionamento entre mães e filhas sedimenta esta introspecção geobiográfica composta de lugares familiares e longínquos. Também envolve uma narração do quotidiano igualmente típica de uma literatura escrita por mulheres, onde se dão pistas concretas para a recuperação do enredo. O que está em jogo é a capacidade de não apenas contar ou narrar, mas também, de reinventar a realidade com novas formas. Jadowski associa a criação da narrativa à criação de uma casa de palavras que duplica a casa física, abrindo novos espaços por onde transitar, conhecer e comunicar.⁴⁷ O recontar seria uma outra forma de compreender e conservar melhor a vida, porque incorporada numa trama cuja capacidade consistiria na interligação dos eventos.

Desta forma, as personagens de de Vasconcelos também estão interligadas e fazem parte de um colar reluzente de vidas que não se fecha em torno do colo de uma mulher – que poderia ser Fiona –, representando antes uma jóia de família com os extremos poisados em ambos os lados do Atlântico. Ele permanece aberto, em exposição, numa representação do futuro da nova geração canadiana, as filhas de Fiona e de Laura.

Erika de Vasconcelos faz uma reconstituição quase histórica e reescreve o passado através dos restos temporais que já não eram dela, mas que tinham pertencido à família. Os objectos que a tia Magdalena envia para o Canadá após a morte de Helena irão ser guardados como memória futura, irão falar por si próprios e, de um certo modo, manterão palpável a vida das mulheres portuguesas da família que as terceiras gerações canadianas desconhecem. As fotografias do

⁴⁵ Entrevista de Sandra Martin a Erika de Vasconcelos. “Death becomes her”. 12 Janeiro 2005. < http://www.quillanquire.com/authors/profile.cfm?article_id=710>.

⁴⁷ Paolo Jadowski. *Op. cit.*, p. 211.

álbum são personagens vivas que falam para quem as olha e contam passagens das suas vidas. Contemplá-las significa querer saber como elas eram, qual era o seu aspecto, se eram afáveis, duras, boas conversadoras, excelentes cozinheiras, que outros talentos tinham. Trata-se de uma recuperação afectiva dessas mulheres que nos olham do passado.

A história oral assume um papel preponderante, as mulheres comunicam-se, apoiam-se ao longo da vida, como é o caso de Helena e Magdalena. O seu entendimento íntimo, como que um casamento entre estas mulheres, imprime uma maior aliança contra as agruras da vida e a defesa das suas posições. Os seus casamentos falhados e a sistemática vontade de vencer por oposição ao desespero, une-as pela vida fora, fazendo com que os seus percursos sejam quase similares. As uniões representativas do amor romântico de ambas são socialmente ilegais, por isso se torna mais premente o mundo murmurado das confidências, as vozes silenciosas.

Erika reconta as histórias de uma outra forma através de Fiona, em voz alta, sem pejos, com uma linguagem sucinta e livre, quebra *tabus* e relata-nos as mais íntimas preocupações e dilemas. Somos assim convocados a partilhar estas recordações íntimas – emoções e vicissitudes de mulheres – numa relação com as vozes interpostas do narrado. A intenção da narradora é a de dar a conhecer a voz das mulheres e do seu passado a fim de mostrar que elas eram importantes, fortes, quase incontornáveis. Desta forma, ela procura quebrar o silêncio do mundo feminino que durante muitas décadas não teve voz pública. As mulheres não votavam, não tinham cargos públicos, muito menos de chefia, nem saíam de casa para trabalhar; o espaço doméstico convertera-se no espaço de clausura: “(...) the waste of brilliant feminine minds forced into the monotony of needlework and tea parties” (*MDDO*, 155). A tia Magdalena invoca este passado como justificação das suas vidas: “You must understand, in my time, love was all that existed. We women had no jobs, no television. It was our pastime, we lived for it. There was

nothing else” (*MDDO*, 155).⁴⁸ Existe na narrativa a consciência de uma traição redimida pelo vazio de uma existência sem propósito nem objectivo. Se o que resta é o amor/paixão, então a pobreza interior afirma-se como um dos cancros do regime. Contudo, as mulheres de Erika são muito avançadas para a sua época e isso torna-as diferentes; elas quebram as convenções e a narradora admira-as. Fiona deixa para trás um casamento estável e envolve-se numa relação puramente erótica com um homem; trata-se de uma paixão sensual, uma atracção apenas física. A sua visão dos homens é muito independente e muito actual: é uma mulher do século XX proveniente de um país aberto, tolerante e de uma sociedade moderna.

A crónica familiar que nos chega através de Magdalena também foi transmitida a Fiona e a sua irmã Laura quando da visita a Lisboa. Aí visitaram o espaço depositário das recordações de família, a casa com o corredor ao meio e os muitos quartos já praticamente vazios, dispostos em forma de ferradura, onde uma peça de mobiliário adquire o valor de um cofre – a velha secretária que o sogro ofereceu a Magdalena como prenda de casamento e onde ela guarda o testamento e memórias cuidadosamente catalogadas numa capa de plástico. A casa, cujo soalho range e a cozinha é antiga, “the third story old building” (*MDDO*, 19-20), que Fiona reconhece como tipicamente portuguesa, é outra referência ancestral, talvez por oposição à casa canadiana de Montréal, onde habitam, composta por outras divisões e uma diferente aparência física.

A história escrita, como se de uma crónica se tratasse, substancia-se nas cartas que Magdalena envia à sua sobrinha e às suas sobrinhas-netas do Canadá, e nas memórias cuidadosamente escritas por Magdalena, a guardiã do passado familiar que ao valorizar a história da família, assim como os seus objectos, os preserva, transmitindo-os às gerações seguintes, para criar o vínculo generacional onde Fiona se revê. Magdalena escreve a Leninha fazendo-a depositária dessa mesma memória “(...) our memory consists in little more than illusions.” (*MDDO*,

⁴⁸ Magdalena: “He was (...) the greatest leader of the nineteenth century. A brilliant man. (...) Salazar was no angel, but in some ways we were better off back then,” (*MDDO*, 23).

154); a tia sabe que a memória é falível, ela altera-se ou perde-se. A escrita reflectida no diário é uma subversão da realidade e assume a forma de um romance, num jogo entre o real e o imaginário dos ritos femininos.

A fidelização da(s) leitora(s) e a credibilidade necessárias à aceitação do reofabular das múltiplas memórias que *My Darling Dead Ones* constitui, dão origem à colagem das memórias do realmente vivido – como a recordação do sabor das bolas de Berlim comidas com gosto nas manhãs de praia, que o passo infra veicula –, a par do reconto que Fiona faz de memórias, de experiências e de factos vividos por outras personagens femininas, os quais não viveu, mas cujo sentido compreende profundamente, sendo portanto capaz de os reofabular:

(...) the beach is fairly crowded, and Fiona meanders around several families before reaching the water. Around her are all the beach sounds, mothers chasing their children with offering of food, the squeals of warm bodies immersing in cold water, the calling out of vendors selling sweets and ice-cream, their voices trailing up and down the beach in a rhythmic chant. These vendors are one of the few things Fiona truly likes about Portugal. They carry with them the warm pastries that her mother buys each morning, soft, giant balls of dough covered in white sugar in which Fiona sinks her teeth: the taste of happiness. (*MDDO*, 39).

(...)

I have come for fountains shaped like quatrefoils, trickling in courtyards. For the smooth stones of pavements, walked in courtyards. For the smooth stones of pavements, walked on for centuries. For the taste of sugar in my mouth. (*MDDO*, 194).

Em obras congéneres, os autores incluíram, como exemplo, um livro de receitas para um casamento, notas quotidianas, as despesas mensais, os livros das mercearias, o registo do nascimento dos filhos e as certidões de óbito,⁴⁹ todos eles documentos que refletem modos de vida, costumes, classes sociais, épocas determinadas: tudo em função da reconstituição das gerações anteriores e que cada vez mais adquire importância nas sociedades multiculturais, onde as famílias pretendem reencontrar as origens, do mesmo modo que Erika de Vasconcelos se revê no seu passado familiar através da escrita.

⁴⁹ Cf. Lisa Alzo. "Silent Voices". *Family Chronicle. The Magazine for Families Researching their Roots*. Toronto: September / October 2004, p. 52-54.

De Vasconcelos fala dos homens na vida das mulheres do enredo, sempre com uma perspectiva que não é tradicional nem convencional. A infidelidade masculina é vista através do olhar de Magdalena quando revela às sobrinhas-netas, a sua descendência de mulheres fortes e ousadas: lembra, quando de noite, o pai não se dirigia ao quarto da mãe mas a outro: “his footsteps ended at another door down the hall, near the kitchen” (*MDDO*, 22), também quando conta a Fiona e Laura o episódio das cartas de amor que o pai enviava a outra mulher e que a sua mãe, Leonor, descobrira, devido ao endereço errado, e que deixara na secretária do marido sem comentários: “He had written to some other lady but sent the letters to his own address!” (*MDDO*, 22).

A crítica ao poder institucionalizado do homem surge nos comentários de Fiona que, de regresso a casa, após ter jantado com os pais, imagina a sua mãe, só, na cozinha, a tirar a loiça da máquina “(...) as she has [done] for the past twenty years, while everyone else either sleeps or waits” (*MDDO*, 120). Estas funções que lhe foram impostas pela sua condição feminina constituem um fardo que Leninha suporta, julgando ser seu dever e que as filhas não compreendem. A este respeito Edite Noivo comenta o facto de, como consequência das desilusões e frustrações originadas no casamento e nas relações conjugais afectivas com o esposo, muitas mulheres intensificam a sua dedicação aos trabalhos domésticos e aos filhos. “Eventually with a little gratitude for a mother’s hard work”:⁵⁰ a mulher na função ‘que lhe foi destinada’ não teria uma outra saída senão a incompreensão do marido e dos filhos, como vimos em relação à mãe de Laura e Fiona. Desta forma, Leninha vai ao extremo de cumprir a sua missão de mulher na escolha cuidadosa do *menu*, na disposição das iguarias sobre a mesa com inigualável arte, no centro de mesa com as flores frescas do jardim, sem descuidar o arrumo da cozinha “[which] is spotless” (*MDDO*, 111). Comprovamos que a personagem Leninha, ao ordenar meticulosamente o espaço que lhe diz respeito,

⁵⁰ Cf. Edite Noivo. “Women’s Roles”. *Family Life-Worlds and Social Injuries: Three Generations of Portuguese-Canadians*. Montréal: Tese de Doutoramento em Sociologia. Universidade de Montreal, 1992, p. 48.

está ao mesmo tempo a ordenar o mundo que o ‘destino lhe impusera’, pois o seu mundo é todo o mundo.

Por seu lado, Joaquim, o marido, recebe os “*real business people*” (MDDO, 112) para jantar e leva-os até à mesa como se fosse o arquitecto de toda a harmonia criada, “the creator of all its splendours” (MDDO, 112), o fazedor por excelência, por oposição à esposa a quem está reservado o governo da casa e a preservação abnegada da harmonia. Leninha tenta cumprir a sua missão e após ter tirado o avental senta-se com o melhor dos sorrisos, que ultrapassa o dever do labor, já interiorizado, “as if they meant nothing, her hours of suffering in the kitchen” (MDDO, 112).

A noção de *perfect lady*, embora particularmente teorizada através do pensamento de John Ruskin,⁵¹ acaba por tornar-se um conceito que se aplica à condição feminina ocidental, princípio que se projectou e disseminou não só na velha Europa culta, mas também nos novos países, devido à transmigração cultural advinda da poderosa civilização anglo-saxónica. Tal como se vê no romance de de Vasconcelos, a mãe da personagem principal é um espelho da mulher prendada, especialmente vocacionada para o trabalho doméstico, uma personagem aqui representada como a sombra positiva do seu marido – “(...) whose many qualities included the possession of such a charming and talented wife” (MDDO, 113) –, uma personagem que acaba por pertencer a alguém, espécie de propriedade não transmissível nem para outra vida, nem para outra condição. Tanto assim é que os louros do seu trabalho, conforme nos diz Fiona, revertiam para o pai e eram sempre as pessoas de fora que a elogiavam: “It was always the guests who offered her thanks, and compliments” (MDDO, 113).

A tia Magdalena, de visita a Montréal, também mostra apreço pela cozinha de Leninha comparando-a com uma familiar: “You know, Leninha, cousin Amelia used to cook this way”. “Every plate was a picture, poor thing” (MDDO, 113). A expressão “poor thing”, utilizada pela tia, abre uma incógnita rapidamente

⁵¹ Cf. John Ruskin. “Of Queens’ Gardens”. Lecture II – Lilies. *Sesame and Lilies*. New York: John Wiley and Sons, 1986, pp. 72-73.

esclarecida pelas tias: ela tinha sofrido muito com o marido: “He was a mean man”, “A horrible creature” (*MDDO*, 113) e Magdalena acrescenta no seguimento dos seus pensamentos: “And she died, of course. She died long ago”. Amélia tinha morrido cumprindo a sua função, a criação do espaço ideal familiar, boa cozinheira e fiel companheira da “horrible creature”.

Com o mesmo intuito de denúncia, resultante da reflexão sobre a apagada condição pública da mulher portuguesa, Erika de Vasconcelos pretende sublinhar que, nas gerações anteriores a Fiona, as mulheres da burguesia não falavam de assuntos íntimos com o à-vontade com que se exprimem as suas personagens. A escrita de de Vasconcelos permite ver que, tal como em *My Darling Dead Ones*, as suas antecessoras manteriam conversas que saravam, quase “terapêuticas”, num sinal de convivência e entajada num mundo essencialmente doméstico e amordaçado; se esse universo contrasta vivamente com o quotidiano egocêntrico e desprezado em que Fiona se fez mulher, esse mundo passado é paradoxalmente sedutor porque se vislumbra coeso na sua força, especificidade e conhecimento partilhado, tal como observa Joanna Price na análise feita aos textos escritos por mulheres na América do norte a partir dos anos noventa do século XX:

[these texts are] a mourning for mythical stabilities and certainties now seen as belonging to the past: stabilities such as familiar gender-formations; fixed class positions and unified family structures, with their concomitant grounding of ‘home’ and ‘community’. Transacting each of these is the desire for a determinate history, a meta-history perhaps, which could offer the subject a belonging in time and space. The characters in these novels are navigating their way through a consumer culture which, as represented by these authors, must create in its subjects a perpetual sense of loss, a desire for the restitution of an impossible, lost object through which the fantasized wholeness of the subject might be recovered. Travelling through this labyrinth of perceived losses, these texts articulate a desire, primarily a desire felt by women, for a cohesive subjectivity as might be formed through identification, particularly through identification with a group which might offer an *image* of shared knowledge and values through discursive integrity.⁵²

⁵² Cf. Joanna Price, “En-gendering Communities: The feminist Turn”. *Engendering Identities*. Ed. Susan B. Castillo. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996, pp. 14-15.

A linha de escrita de *My Darling Dead Ones* está dirigida para o universo da família, dos objectos, de factos virados para o passado. Pouco sabemos de Fiona, da sua vida profissional, o modo como ganha a vida e o mesmo acontece com as suas parentes portuguesas; apenas Helena irá trabalhar durante algum tempo. O texto permite perceber que a autora está mais interessada em mostrar atitudes e sentimentos. Também não faz descrições das cidades de Montréal, Toronto ou Lisboa. O espaço remete-se sempre à esfera familiar. Fiona está muito ligada às casas, às flores e aos jardins, que são uma continuação das casas, tal como o novo jardim de Toronto: “Leninha has come from Montreal to help get the garden started.” (*MDDO*, 143). Esta tarefa criativa envolve as duas mulheres num acto de aproximação e de apoio num espaço livre e novo que dá início a uma nova etapa na vida de Fiona. Simbolicamente, uma árvore de fruto ergue-se no centro do jardim, ela produz frutos na mesma linha de continuação das gerações femininas e fornece sombra sob a qual as mulheres conversam. “Leninha says: “You know, this place reminds me of a garden we had in Beira, when I was a girl.” (*MDDO*, 142). O espaço paradigmático do jardim pode ser visto como um dos eixos principais da narrativa, pois podemos constatar as profundas implicações que o espaço do jardim oferece. Construir o jardim não se limita a um gesto de evasão ou de mero passatempo. Este possui, sem que o leitor disso se aperceba numa leitura imediata, uma implicação simultaneamente subliminar e cultural, pois a construção do jardim e a ideia do jardim implícita no texto ultrapassa a circunstância meramente familiar e social. Em primeiro lugar, o jardim surge na narrativa como uma tradição familiar. Esse pormenor é-nos transmitido através de uma referência que a narradora nos dá no momento em que a personagem Leninha faz a citada referência ao seu jardim da Beira, remetendo o leitor para um passado distante e no qual o jardim sempre ocupou um lugar primordial. Em segundo lugar e penetrando na questão subjacente ao mencionado espaço, este assume uma dimensão simbólica na relação que a personagem Fiona, com ele estabelece, tal como tinha acontecido com a mãe. A circunstância de Leninha ir ajudar a filha a

construir o jardim na casa de Toronto constitui algo que podemos aproximar a uma passagem de testemunho da mãe para filha; dir-se-ia que se trata da aquisição de um “ceptro real”, uma herança simbólica que transporta em si todo o peso dos antepassados. A noção de “ceptro real” remete-nos para uma concepção vitoriana da mulher como rainha no seu jardim privado. Esta ideia preconizada por John Ruskin, na segunda metade do século dezanove, pretendia elevar a condição feminina a um domínio mais activo no contexto social.

Este princípio defende a importância do espaço feminino como edificador do restante espaço masculino.⁹¹ Sem que Ruskin o explique directamente, deduz-se das suas afirmações, uma concepção da cultura clássica que associa à vida familiar a presença dos “lares” ou deuses do lar, figuras mitológicas que contribuíam para o equilíbrio da vida doméstica, ajudando as mulheres na tarefa fundamental de permanecer no seu jardim privado, dando-lhe vida e imprimindo-lhe a sua graça feminil. Esta concepção clássica, mais propriamente latina, prolonga-se no tempo como princípio unificador que contribui para a base da cultura ocidental. O princípio vitoriano de Ruskin, que encara a mulher como uma rainha no seu jardim, acaba por funcionar na narrativa de de Vasconcelos como a expressão subjacente a uma tradição marcadamente europeia que atravessa o Atlântico e se fixa numa nova cultura e num novo continente.

A narrativa de de Vasconcelos não nos explica de uma forma explícita o peso desta herança cultural – embora a narradora nunca ponha de lado as implicações psicológicas da mãe como elemento fundador da sua narrativa. Por este motivo, a presença simbólica do jardim funciona aqui como uma herança implícita, ou seja, o jardim é uma força secreta que esconde um conjunto de elementos que ficaram por resolver ao longo da história recente da sua família. De uma forma não explícita, o jardim surge não como um espaço aberto, mas sim como a casa ideal, a casa espiritual no qual a mãe de Fiona concentrou todo o seu

⁹¹ Ruskin. *Op. cit.*, “(...) the man’s work for his own home is, (...), to secure its maintenance, progress, and defence; the woman’s to secure its order, comfort, and loveliness. (...) what the woman is to be within her gates (...) that she is to be without her gates, as the centre of order (...). P. 72.

poder, toda a sua energia feminina, todos os seus recalamentos, sendo igualmente o espaço onde ela explora toda a sua liberdade. O jardim é o espaço ‘metafísico’ no qual podemos imaginar muitos quartos: “Leninha’s is a garden of many rooms, created over the years (...)” (*MDDO*, 122), mas prevê também passagens secretas, verdadeiros alçapões da memória que ajudam a caracterizar, não apenas as particularidades da personagem, mas também, toda a complexidade da natureza feminina.

O jardim é o centro do mundo, o lugar da origem, o espaço privilegiado do imaginário e o palco da referência aos conhecimentos culturais da escritora, que subrepticamente os vai tecendo na trama.

Leninha também tem um jardim na sua casa de Montréal, o seu suporte e confidente onde ela tenta sepultar a sua raiva nascida da carência do amor que a mãe lhe negou. Os pensamentos acodem-lhe, o seu imaginário lembra-lhe a mãe intransigente e pouco afectiva que nunca se interessou verdadeiramente por ela e até a interna num colégio, após a morte de Annibal, durante seis anos; a falta de amor – o trauma que a persegue – uma fúria que ela descarrega ao desfazer os torrões de terra do seu jardim. Fiona sente o drama da sua mãe: “(...) all the unarticulated love that her mother has craved” (*MDDO*, 128), transporta-o como uma segunda pele que não consegue abandonar mas não se sente capaz de o minimizar.

A escritora evidencia desta forma a relação ambivalente da mãe com os filhos: Aceitá-los ou renegá-los. É muito ténue e a qualquer momento pode desaparecer, a linha que separa o correcto do incorrecto. De certa forma, as crianças são uma limitação para a liberdade. A criança é uma responsabilidade para a vida toda, um compromisso, uma obrigação permanente que a mãe tem a par de uma simultaneidade de coisas que a não deixa ter o seu espaço próprio e a sua liberdade com tanto vigor. Também em relação à maternidade, Fiona vê as bonecas como crianças, pois ela também é uma espécie de boneca, uma vez que também é filha, também tem cicatrizes e também foi suturada. As relações com a mãe e com as tias também são de conflito e ambivalência, porque as relações

humanas são complexas e as mulheres nem sempre pactuam nos seus actos. Tal acontece também com a sua irmã Laura, deixando transparecer a rivalidade existente entre ambas e que o pai nunca chega a compreender.

Helena e Magdalena também são artistas como Laura e, como ela, fazem Arte embora numa dimensão doméstica. Magdalena gosta de História e é a transmissora dos episódios históricos que Fiona evoca.

Ao longo do romance comprovamos a procura do mundo feminino de forma mais intensa que a do masculino, tal como a escritora afirmou ser a sua intenção. Eduardo, primo de Fiona, bêbedo, jogador e homossexual, mal aparece na narrativa e acaba por desaparecer quando a sua mãe, Magdalena, resolve esquecê-lo de igual modo que a Eduardo – o marido que a deixou ao partir para África –, eles constituem apenas um ramo da árvore da família, a situação periférica dos homens no romance.

Considerámos que a linguagem da narradora é contida, linear, utilizada para contar os factos das suas personagens; contudo, pretende ser parcial no que se refere ao recordar dos acontecimentos. Porém, há momentos em que nos sobressalta e surpreende pela sua intensidade e desafio, colocando-nos perante situações cruéis, perversas e de verdadeira encruzilhada. A escritora utiliza fugazes efeitos de surpresa, como o referido no início deste capítulo acerca da cadeira onde a avó (talvez viesse a morrer), ou quando após a morte da avó e já no cemitério os coveiros – que estão a abrir a sepultura – projectam inadvertidamente um osso no ar “(...) landing with a white thump beside the open grave” (*MDDO*, 14). Embora não reagindo será esta imagem representativa da mãe, que Leninha guardará. “What she remembers is the bone” (*MDDO*, 14). Este momento catalizador da memória funciona como reconstituição do passado e como sinal indistinto do passado que ficou, o resto apagou-se e o indício que permanece é “the bone”.

Presente-se uma projecção da autora na personagem, quando Erika de Vasconcelos apresenta Fiona como uma mulher corajosa e honesta que não se coíbe de mostrar a sensualidade das mulheres de uma forma chocante e totalmente

física sob o domínio da paixão: “They had made love during her period. (...) She had stood dripping blood and semen on the pale bedroom carpet”. (*MDDO*, 164); ou sob o paroxismo do desespero: a dança sensual que acaba no orgasmo solitário de Fiona que cai enrolada e desfeita sobre o seu próprio sexo.

Os mortos, os entes queridos, que dão o nome ao romance, são convocados como testemunhas de uma vida que passou, tornando-se companheiros de Magdalena, que os procura na falha familiar que se abriu na sua existência. Sente o espírito deles, reconhece-os, sentindo a aproximação do tempo final da sua vida: “We only live until a certain point, after which we are merely vegetating, watching the ones who are still living, who still have stories to tell. (...) I loved and I was loved.” (*MDDO*, 157). E assim resume-se a vida a amar e ser amado num determinado tempo que se apresenta sempre curto quando se olha para o tempo que passou e para além do qual parece não haver mais nada. As mulheres vivem em função das suas famílias com os seus amores, ódios, rejeições e traumas, sempre ocupadas no destrinçar de emoções e remetidas ao seu espaço de não opção. Resta visitar os mortos – como ela visita o jazigo de Alberto no dia seguinte à sua morte – porque eles evocam a vida, funcionando como ponto de referência de um olhar sobre o passado e na recuperação de um presente no seu papel de testemunhas.

No fim do romance, Fiona, numa outra viagem a Portugal, vai ao cemitério para recuperar os ossos da sua avó Helena. Faz parte da tradição portuguesa o respeito e a veneração pelos mortos. Os cemitérios são uma outra cidade onde os mortos também vivem e contam as suas histórias, frequentados pelos vivos que por elas se interessam. E é aí que Fiona vai encontrar acidentalmente o jazigo de Alberto Francisco Machado (1877–1951), Juiz do Supremo Tribunal em Lisboa, que evoca a tia Magdalena.

Em *My Darling Dead Ones* os mortos fazem parte da história do livro, da vida de Erika e da sua família: “They are all here: Leonor, my great-grandfather; Magdalena, my grandmother. I walk between rows and rows of

graves (...) covered in flowers (...) the place is covered in sunlight. They call it Cemeterio dos Prazeres (...)" (MDDO, 194).

A constante alusão aos mortos, que se faz logo a partir do título do romance, revela-nos também que a narradora possui uma dimensão espiritual; não se trata apenas da procura das raízes, mas também do encontro da narradora consigo mesma. Verificamos uma consciência de perda que é também a consciência de que a vida não pertence ao ser humano. Magdalena comenta entre risos a Leninha que o único evento futuro na sua vida será o seu funeral, pensando por momentos na injustiça / *unfairness* da vida: "You know something, I would rather never have been born than know that I am going to die" (MDDO, 83-84). O facto de existirem mortos no nosso percurso existencial constitui a revelação da perda da inocência e a aquisição do conhecimento da vida. É esta experiência que conforta Fiona quando regressa ao cemitério onde tinha estado havia cinco anos com a sua mãe; o amor provoca sofrimento, nada é novo e tudo se repete, esta experiência aproxima-a das mulheres da família.

O revisitar de objectos, lugares, cheiros ou sentidos de um universo predominantemente feminino não é claramente uma novidade sob o ponto de vista da escrita, ou do progresso temático das literaturas europeia e norte-americana, mas é antes, um processo de escrita que resulta da apropriação, quer da dinâmica jurídico-política em favor da Mulher, desde o século XIX, quer do profundo (re)conhecimento e enraizamento das características e estruturas do romance psicológico o qual, também desde o início daquele século, tinha vindo a destruir a necessidade de presentificar pormenorizadamente um mundo exterior ao sujeito histórico, como se de um objecto de um cenário se tratasse. A ficção interioriza-se na sua busca de um Eu que procura a identificação e o conhecimento de si.

A procura de identidade, face à destruição das certezas do que se é num determinado país, o qual pode não se configurar como nação, as idiossincrasias da recuperação da História pelo movimento estético-literário a que hoje damos o nome de Pós-modernismo, as oportunidades geradas pelas expectativas de um público leitor acomodado às "modas literárias" que, ao adquirir uma obra com um

tema actual, permite mais facilmente a continuação das vidas sempre instáveis das editoras, estão entre os factores que geram a produção de textos como *My Darling Dead Ones*, sem que com estas explicações se pretenda reduzir-lhes o valor como símbolos de memória geracional e, por extensão, colectiva.

O património cultural português – no sentido do reconto do modo de estar, sentir, viver e até encarar a morte de um determinado tempo / herança de uma nação – é o grande trampolim para a escrita de Erika de Vasconcelos, apoiada nas oportunidades que a vida editorial de Toronto, a lida académica e o grupo de escritores de outras proveniências étnicas a que pertence proporcionam. A procura das raízes é um fenómeno da multiculturalidade, gerado e alimentado pela sua própria dinâmica e existência nas macro-sociedades dos novos espaços do nosso tempo.

A estética modernista e as estratégias construtivas da narrativa e da poesia que surgiram na época em que tal postura filosófico-estética se assumiu como vanguarda fracturante estão, de algum modo, ainda ligadas à concepção da identidade singular, da personalidade única e da individualidade, de quem se espera gerar, de alguma maneira, a visão idiossincrática do mundo e o forjar do seu estilo inigualável e irrepetível. Mas o Pós-modernismo explora a noção de que esse tipo de identidade é já um elemento do passado e que o velho sujeito individualista morreu: era apenas uma construção, uma mistificação cultural que pretendia persuadir os narratários de que era realmente um indivíduo, ou que possuía esta ou aquela identidade específica.

No final do milénio, o Pós-modernismo instaurou a instabilidade ao tornar relativo o que é o conhecimento e depois ao discutir o que é a autonomia do sujeito, o que é a subjectividade, ao elogiar a diversidade, a ambivalência e o múltiplo. Apesar das preocupações que unem a crítica feminina e o Pós-modernismo, a descontinuidade e o esfacelamento do conceito de subjectividade e identidade do Pós-modernismo são tão problemáticos para as mulheres como o problema de definir o que é a sua própria identidade; essa procura é evidenciada pela textura de *My Darling Death Ones*.

O Pós-modernismo, na sua atitude de desconfiança e descrença nos valores ainda julgados irrefutáveis, trouxe a instabilidade na definição do que é a autonomia do sujeito, desconstruiu a subjectividade, mas também tornou relativo o que é o conhecimento e a separação clara entre o feminino e o masculino. E tudo isto trouxe à mudança filosófica do fim do milénio um problema adicional. É que a reabilitação dos textos escritos por mulheres e a tentativa de definição do próprio conceito de mulher que sustenta essa reabilitação, coincidem exactamente no tempo com o aparecimento da postura do vazio, da indiferenciação e da descontinuidade que o Pós-modernismo proclama. O género feminino deixou de ser visto como um termo unificador e como uma experiência universal: factores como a emigração, a aculturação, raça ou a colonização, fizeram pôr de lado a tendência universalizante que tinha servido os estudos femininos nos anos 70 e 80. O ser feminino é um ser do aqui e do agora, mas também das raízes do passado, de outros seres femininos que se recordam, e reeinventam, como em *My Darling Dead Ones*.

De Vasconcelos tem raízes no país distante que é Portugal e tornou-se enquanto escritora, agente da cultura do país em que os seus progenitores foram acolhidos; produz literatura canadiana e para ela contribui no país onde nasceu; o tema que desenvolveu possui uma riqueza particular pois constitui um fenómeno de universalismo transcultural, uma aglutinação de universos diferentes no seu imaginário particular. *My Darling Dead Ones* é a história fundadora de todas as que a autora irá contar a seguir. Erika de Vasconcelos considera que é uma história básica, fundamental e se não a contar, não será capaz de contar outras, porque não se encontrou a si mesma; nasce como escritora através das outras mulheres. Trata-se de um nascimento múltiplo, não só da mãe, como da avó e da tia e de outras figuras femininas que lhe dão origem, como se ela fosse filha de todas elas.

My Darling Dead Ones é a afirmação de Erika como mulher independente, romance no qual nasce como escritora, assim como nasce como agente de todas essas vidas. Ela parte à procura de si mesma através das vidas que

as outras viveram e este romance é o melhor testemunho disso, pois nele nasce emocionalmente.

Capítulo III

**Eduardo Bettencourt Pinto, *A Casa das Rugas*.
Persistência da Língua Portuguesa
nos Movimentos Migratórios**

A memória é como uma veia que nos atravessa o coração, deixa-nos essa nostalgia, funda, sem delta.

Eduardo Bettencourt Pinto, *Um Dia Qualquer em Junho*.

Quero contar as coisas tal como me surgem na memória, ou melhor, tal como forem ocorrendo, à medida que as folhas de papel escrito crescerem sobre a minha mesa de trabalho.

Rogério de Freitas, *Memória Destruída*.

A cor da minha pele, que muitas vezes questionei
é na verdade, a cor do amor entre dois mundos diferentes.

Eduardo Bettencourt Pinto, *A Casa das Rugas*

III. 1. *A Casa das Rugas*. África e Portugal. O Confronto entre dois Mundos.

De entre as memórias de Bettencourt Pinto recolhidas nas suas obras em prosa, resgatamos variegados dados biográficos que o escritor retoma na elaboração de *A Casa das Rugas*, fazendo desta narrativa uma memória (re)construída, uma rememoração transformada pelo discurso lírico, que recupera vestígios.

Desta forma, avançamos por um terreno (re)conhecido em que Gabela deixa de ser uma cidadezinha do interior de Angola para se transformar na cidade

natal de Bettencourt Pinto e de Mamã Carminha, a principal personagem feminina daquele romance.

Habitado aos espaços amplos, ao cheiro do café em flor, à melancolia da paisagem nos fins de tarde em que a neblina envolvia as casas de adobe,¹ o autor do livro percorreu um caminho interior feito de miragens nostálgicas. Foi o que ficou de uma vida de menino e adolescente nessas paragens as quais resolveu abandonar para recuperar a paz perdida a seguir à Guerra da Independência:

Angola sob o jugo da manigância política ardia. Na mala levava os escassos pertences da minha descomprometida juventude. Os mais valiosos eram um álbum de fotografias e as minúsculas sandálias da minha infância.²

Depois foram tempos de errância até chegar a Lisboa em 1976. A seguir foi para os Açores, terra da mãe, à procura da casa de família onde ainda vivia a avó e onde ele também cresceu um pouco mais, ouvindo o mar na companhia do fulgor das olaias do quintal dos tios, naquela casa que tinha sido majestosa.³ É esta viagem real à procura de um poiso e com o olhar perdido num passado abandonado involuntariamente que faz com que Bettencourt Pinto traga até ao presente aqueles com quem conviveu. *A Casa das Rugas* é um tecido de ficção e realidade adaptada ao tempo que transcorreu entre o ano de 1975 e o de 2004, uma narrativa em que nos dá o sabor da África que conheceu. E em “A Língua, Oceano da Fala”, ensaio de 2001,⁴ conta-nos o autor: “Em álbuns velhos, ordenados com a paciência e o candor de minha mãe, regresso algumas vezes ao contacto com as imagens dessa África onde tudo era grande e interminável.”⁵ São os documentos que reavivam os anos passados; cada fotografia converte-se num espaço ou num tempo nos quais qualquer coisa se passou e permite voltar a falar

¹ Eduardo Bettencourt Pinto. “Biografia”. 10 Maio 2004. < <http://www.geocities.com/ebpinto> >.

² Bettencourt Pinto. *Op. cit.*

³ *Ibidem.*

⁴ Eduardo Bettencourt Pinto. “A Língua, Oceano da Fala”. *Conference Proceedings: IX Encontro de Professores de Português dos Estados Unidos e do Canadá*. Toronto: 21 de Abril de 2001, p. 18.

⁵ *Op. cit.*, p. 19.

com as personagens da cartolina, como se os seres de outrora estivessem junto de si – a família, os amigos, as aldeias e os rios, como o Chila, perto do qual viveu. A natureza, nas suas mais variadas formas, é uma constante da memória sensorial do autor que nos transmite a sua extrema comunhão com a terra através de evocações como o ciciar do vento nas folhas das árvores, o cantar dos galos, o azul do céu, o branco e azul do mar e o cheiro das mangas e do café em flor, o que vem relembrar o afirmado por Sidonie Smith e Julia Watson acerca da materialidade da memória: “Memory, apparently so immaterial and personal and elusive, is always implicated in materiality (...). Memory is evoked by the senses – smell, taste, touch, sound – and encoded in objects or events with particular meaning for the narrator.”⁶ É esta codificação que encontramos nos textos de Bettencourt Pinto, onde as portas da infância abrem uma polifonia de sons e odores das terras do Sul. África é o eco de momentos felizes passados na infância; pronunciar o seu nome evoca uma torrente de fragmentos de vida, tal como aconteceu com a perturbação sentida pelo narrador do romance *A la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust, ao saborear a madalena que o transporta até uma cena no passado.⁷ Os sons, no primeiro caso, e o sabor, no segundo, são os “Abre-te Sésamo” existenciais destes autores.

De entre as personagens mais importantes na narrativa, pela intimidade que tem com Pedro Rico, encontramos Realtino Josué, o mecânico que opera milagres no Fiat 600 de Rico e com quem ele fica a conversar durante horas perdidas enquanto o português repara o velho carro. Josué, por outro lado, assemelha-se ao senhor Celestino, o vizinho luandense da família Bettencourt, aquele que rejuvenesceu a Cacilda – “uma carrinha Renault, 4 cilindros, motor de 800cc, azul, de 1945.”⁸ Após a leitura das crónicas de Bettencourt Pinto e sem

⁶ Sidonie Smith and Julia Watson. *Reading Autobiography. A Guide for Interpretive Life Narratives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. 21.

⁷ Cf. Marcel Proust. *A la Recherche du Temps Perdu. Du Côté de chez Swann. Combray*. V. 1. Paris: Gallimard, 1949, pp. 65-69.

⁸ Eduardo Bettencourt Pinto. “A Cacilda”. *Um Dia Qualquer Em Junho*. Lisboa: Instituto Camões, Coleção Lusófona, 2000, p. 85.

pretendermos associar permanentemente as personagens à vida real vivida pelo autor em Angola num passado não muito distante, vemos contudo, que as personagens da ficção têm nela a sua fonte. Se bem que a veracidade dos factos não é o objectivo do trabalho, estes guardam a importância de um documento, de acontecimentos vividos que emprestam maior interesse ao romance, à narrativa quase autobiográfica. A este propósito diria Alfred Kazin em “Autobiography as narrative”:

(...) to recognize that there is a kind of narrative in our day which is fiction that uses facts, that deliberately retains the facts behind the story in order to show the imaginative possibilities inherent in fact, and yet which is designed, even when the author does not say so, to make a fable of his life, to tell a story, to create a pattern of incident, to make a dramatic point.⁹

A reafabulação da vida do autor a que Kazin se refere pode não ser intencional. É próprio do escritor inserir no romance que escreve acontecimentos da sua vida, experiências que o marcaram ou locais que visitou, sem se propor escrever uma biografia – daí a aceção lata de “narrativa autobiográfica” utilizada desde há alguns anos, isto é, aquela que pretende (ou não) basear-se em dados pessoais que no fundo não são reconstituídos com rigor, porque a fragilidade da memória altera o visionamento dos acontecimentos que compõem a vida humana, subjacente à ficcional. Isto sucede porque existe a necessidade da escrita, ainda segundo o conceito de Alfred Kazin:

There is in fact a kind of autobiography, very characteristic of our period and usually written by novelists or poets, that has no other aim, whatever the writer may think he is doing, than to be enjoyed as narrative.¹⁰

Encontramos este tipo de narrativa em *A Casa das Rugas*, pois trata-se de uma ficção que incorpora factos e os mantém deliberadamente por detrás da história de forma a mostrar as possibilidades imaginativas inerentes aos mesmos

⁹ Alfred Kazin. “Autobiography as Narrative”. *Michigan Quarterly Review* 3, 1964: 210-216.

¹⁰ *Op. cit.*, p. 214.

e, até quando o autor assim não o afirma, a intenção de fabulação da sua vida surge nos diálogos e descrições da narrativa que permitem visionar a História de um tempo no país onde nasceu e viveu e a História de Portugal antes e após a colonização. Explorando novamente a teoria de Kazin:

There is an imaginative space that every true writer seeks to enlarge by means of his consciousness. The writer *seeks to press his consciousness into being*, to convert his material openly and dramatically into a new human experience.¹¹

Ao lermos este romance ficamos com a certeza de que houve intenção deliberada do autor de evidenciar o povo angolano, não só durante a colonização e a descolonização, mas também durante a Guerra Civil – após o Acordo de Lusaka em 1994. Bettencourt Pinto viveu em Angola até 1975, tendo experimentado a turbulência social e a desordem provocadas pela revolução e pelos tempos da pós-independência de Angola, em Novembro desse ano. Bettencourt Pinto confessa-nos: “Recordar tem sido, admito, uma fonte e um harmónico espelho de errâncias.” (...) “Em Setembro de 1975, no caótico e depressivo aeroporto de Luanda, eu era um jovem de 20 anos com uma mala de cartão e 45 dólares rodesianos no bolso. Ia para a Rodésia, um país desconhecido. Não me ausentava da minha terra à conquista do Mundo. Procurava paz.” (...) “Sentia-me cercado por um deserto de horror e loucura.”¹² E são estes os factos históricos que surgem como testemunhos de um tempo durante o qual as personagens Mamã Carminha e Pedro Rico se conhecem, se apaixonam e casam.

O filho de ambos é a personagem que parte à descoberta para a reconstrução de uma vida, de uma presença que se mantém viva no quotidiano da mãe, patente nas lembranças e nos gestos, como quando ela lava e passa a ferro as

¹¹ *Ibidem*, p. 214.

¹² Eduardo Bettencourt Pinto. “O Descalço Retrato da Poesia”. Comunicação apresentada no “Encontro de Poetas”. Teatro Angrense, Angra do Heroísmo, Novembro de 2004, texto entregue por Bettencourt Pinto à autora deste trabalho, quando da sua vinda a Lisboa para o lançamento de *A Casa das Rugas*. Cf. *Crónicas*. 8 Dez. 2005. < www.geocities.com/ebpinto>.

camisas do marido, num intento de dar vida às peças de roupa, numa vontade de cheirar o corpo do homem que amou:

Quando ela vai ao fundo das gavetas e retira as roupas do meu pai, cheira-as como se fossem a pele nua do homem a quem ama e não vê há mais de vinte anos.” (CR, 37). (...) “Oíço a água correr no tanque da roupa. Molha, ensaboa, esfrega com imensa ternura. Tenta, possivelmente, reviver os momentos em que o viu com aquelas camisas, aquelas eternas calças de algodão (...) Passadas a ferro com esmero, dobradas, acarinhadas pelas suas mãos negras, as roupas do meu pai voltam ao silêncio da gaveta. (CR, 38).

A presença desta personagem-narrador torna-se imprescindível porque elelenciona contar a história dos pais, a qual nós, leitores, somos levados a partilhar: “Estou neste livro como uma silhueta num olhar de soslaio. Tenho consciência de que reinvento vidas” (CR, 13). A intenção é uma (re)invenção da vida do pai a partir da mensagem oral e das fotografias que ficaram e o descortinar de algumas passagens da vida da mãe, que o narrador ignora e que a mãe guarda ciosamente; isto será realizado através da escrita. No propósito do narrador, filho de Carminha, relembramos a evolução natural da passagem do conhecimento e da oralidade à forma escrita, no que poderíamos ver dois momentos representativos da cultura africana – o saber dos patriarcas familiares que vai sendo transmitido oralmente e as novas gerações que tudo registam e reproduzem, como fazia Carminha em relação às notas diarísticas de Denise Thompson. (CR, 31).

A casa de família – da Mamã Carminha e de Pedro Rico – e as fotografias que estão sobre os móveis são objectos mudos que nada contaram ao filho durante a infância porque faltou a vida do quotidiano de um núcleo familiar e apenas Carminha pode revelá-lo com as suas palavras.

De início, a narrativa – cronologicamente situada no ano de 1996 – é uma história incompleta cujos vazios iremos preencher com os relatos das várias vozes intervenientes. O filho de Carminha inicia o relato elaborado no presente, tecendo comentários e observações que explicam a história e funcionam como elementos

de coesão. Neste relato, o narrador conta a razão de escrever o livro e os planos futuros, a curto prazo. Esta narrativa vai sendo interrompida por um regresso ao passado para resgatar imagens da vida da mãe, na qual se integram as histórias que ela conta ao filho acerca do pai e que fazem com que ele possa imaginar essa figura que nunca conheceu. Trata-se de enfoques parciais que vão sendo reunidos para urdir a trama da narrativa. O passado do pai encontrava-se ancorado no passado da mãe, preso pela corrente da vida.

Surge desta forma a outra perspectiva da história a desvendar, a partir da qual nos abeiramos de Carminha. Mamã Carminha conta a sua infância, o encontro com Pedro Rico, mostra fotografias e guarda objectos todos eles testemunhos de uma vida passada e feliz, através dos quais ela evoca os momentos vividos com Pedro Rico, tal como o velho carro no qual passeou com o marido e que ela guarda no quintal da casa onde morava, debaixo do embondeiro.

A história do pai que, como afirmámos, se entrelaça nos episódios da vida da Mamã Carminha, é descontínua, surge dos momentos essenciais, tal como a memória recorda os factos vividos em cenas soltas, quase filmicas e que se vão reproduzindo e vendo pela vontade do narrador.

Pedro Rico e Mamã Carminha conhecem-se quando ele vai comprar laranjas ao mercado de Kinaxixe, onde ela tinha uma banca. Carminha sentiu-se atraída por ele logo de início, talvez pelo seu aspecto tímido e a sua voz doce. Ela tinha então 32 anos:

“ela era uma mulher de bronze, alegre, cheirando a frutos tropicais” (...). “Os homens cobiçavam-lhe o corpo..” (...) “Mas o olhar do meu pai era diferente dos outros homens”. “Os olhos do branco pareceram-lhe duas mãos perdidas, tristes, feridas pelo estranho silêncio que encerravam.” (...) “Enquanto se afastava, vulnerável como um pássaro numa gaiola, Mamã Carminha soube que ele voltaria. (CR, 47).

Passado um tempo ele regressou para comprar mais laranjas. Ela respondeu: “– *Desculpe-me senhor, mas já não tenho mais. Só abacate e banana. Também são frescos. Mamão, se gostar.*”(CR, 49). Pedro Rico permaneceu

indeciso, sem palavras, ignorando os clientes que também aguardavam. Carminha, apercebendo-se da frustração de Pedro Rico e pretendendo ajudá-lo, disse-lhe: “– *Está a ver aquela minha colega ali? Ela tem laranjas. Também são docinhas.*” (CR, 49). Pedro Rico respondeu: “– *Depois de comer as melhores laranjas do mundo, quem se atreve a comer outras? Por favor guarde-me o saco. Volto amanhã.*” (CR, 49).

Foi assim que teve início a história de amor que deixou um filho como testemunha – cujo nome o autor oculta até ao último capítulo do romance. Ele confia-nos: “A cor da minha pele, que muitas vezes questionei é, na verdade, a cor do amor entre dois mundos diferentes.” (CR, 37). O mundo dos brancos e o mundo dos negros, Europa e África, o colonizador e o colonizado, os costumes, as religiões, a natureza e as línguas. Um mundo rico e complexo que consegue sobreviver através da integração dos brancos e da assimilação dos negros; na mistura de raças que irão forjar uma nova sociedade, unidas por uma língua imposta pelos colonizadores.

Segundo Bettencourt Pinto, *A Casa das Rugas* é sobretudo a “metáfora às minhas mais profundas utopias. Sempre desejei uma África multirracial. No livro, que é uma história essencialmente de amor, levo ao extremo essa preocupação, esse lirismo, esse sonho”.¹³

A história em si é a de um amor conseguido que a tragédia interrompe fisicamente mas que permanece sólido através dos anos. O narrador relembra: (...) foi pelo amor que eu nasci. E em mim ela [a mãe] continua a amar esse amor.” (CR, 64). No que diz respeito a Pedro Rico, o homem branco rendido perante essa mulher negra, “cheirando a frutos tropicais”, esse sentimento ganha concretização e esperança quando ele lhe propõe: “Peço-te que te cases comigo perante África, sob o rumor e a bênção de um embondeiro.” (CR, 79). Nesse espaço livre onde Deus está na brisa, na voz dos ramos e no azul do céu onde as aves passam – nas palavras de Pedro Rico – e o mundo da natureza está em perfeita comunhão com o

¹³ Eduardo Bettencourt Pinto. “Perguntas”. *E-mail to Maria Laurentina Vaz*. 12 Dezembro 2004.

amor, este surge como algo de permanente sólido que interage com a vida humana. A natureza imprime importância ao acontecer efêmero, ao integrá-lo na sua permanência, reforçando os laços que mais profundamente unem os humanos. Cumpre-se assim no romance o desejo de Bettencourt Pinto de uma sociedade multirracial em África. O pedido de casamento ressoa num continente pejado de histórias pouco gratas entre brancos e negros que o autor parece querer redimir através desta união, num momento em que o caos se apodera do tempo tranquilo do mato angolano, afirmando: “só o amor pode trazer a ordem porque ele liberta o mundo.”¹⁴

E é esta expressão fraterna, imbuída de religiosidade num homem que procurava ver Deus naqueles que o rodeavam.” faz com que Rico se ocupe de Afonso Domingos; conheceu-o em pequeno e tratou-o como um filho, proporcionou-lhe estudos e educou-o até à idade adulta. Mais tarde, vemo-lo ressurgir já homem, na figura do pastor que realiza a cerimónia do casamento de Mamã Carminha e Pedro Rico. Aquele foi um dia especial, reuniu o português Realtino Josué, a mestiça Kianda – que lhe dera três filhos –, Dona Isaltina de Albuquerque, proprietária do anexo que Carminha habitava, e Ricardo da Silva, o português do Minho convertido em agente imobiliário novo-rico.

Foi nesse dia, no fim do jantar, que Dona Isaltina proclamou Carminha como sua herdeira; afinal era a sua única família. Poucos dias depois, Afonso Domingos viria a morrer, vítima da crescente violência na cidade. Começa assim a desenhar-se a tragédia.

A seguir ao casamento Pedro e Carminha passam a viver no apartamento da Rua dos Combatentes; ela logo estranhou a exiguidade do espaço; faltavam-lhe as mangueiras sob a música das quais dançara enquanto pequena, o cantar do galo e a cor das buganvílias junto do anexo. Foi aqui, neste prédio, que uma vizinha apaixonada pelo marido tentou matá-la com um bolo envenenado, e é da varanda deste apartamento que Mamã Carminha observa, de longe, o que acontece na rua;

¹⁴ Eduardo Bettencourt Pinto. Entrevista ao *site* “Novos Livros”.

ela não participa na vida da cidade porque esta lhe resulta estranha e apenas um objecto de curiosidade; o seu papel é de mera espectadora: “A sua varanda era o camarote de um teatro” (CR, 94), limitava-se a ver o que acontecia “lá em baixo” na rua, como o episódio do negro que roubou a mala a uma senhora, e o do homenzinho de óculos que tinha pregado um calote ao sapateiro da *Luís XV*. Ambas as cenas são da vida quotidiana e mostram o dia-a-dia de uma cidade aberta à desordem e à proliferação dos pequenos larápios.

Dona Isaltina – que legara a sua casa a Mamã Carminha e que fora madrinha do filho – morre quatro meses após o casamento. A casa irá ficar vaga como recordação de uma amizade, mas os anexos serão alugados a um velho mecânico português, o tio Martins, o qual, após a Independência, tinha regressado a Lisboa fugindo “das carências e das vicissitudes que a guerra trouxera.” (CR, 17) Voltara novamente, já viúvo, passando a ser tratado como família. Mais tarde o narrador irá ocupar a casa tornando-a no seu espaço de trabalho preferido e estando aí decidiu escrever um livro sobre a vida dos pais.

Pedro Rico não teve muito tempo para gozar a sua felicidade. Uma noite um telefonema do seu amigo Ricardo da Silva iria comprometé-lo numa aventura inesperada: o tráfico de diamantes. Na sua fuga para Portugal, Ricardo disse-lhe: “Encontramo-nos em Lisboa daqui a uma semana.” (...) “Pensa que é [o conteúdo do saco que lhe entrega] uma segunda prenda de casamento.” (CR, 107). A noite fechou-se sobre Pedro Rico enquanto ao longe: “Angola despedia-se aos tiros do jugo colonial” (CR, 99). A desordem, a incompreensão, o medo e a fuga descontrolada para fugir à vingança dos novos credos políticos percorriam as ruas da cidade como um vento agoirento.

A Casa das Rugas utiliza os dados históricos para sustentar a veracidade dos acontecimentos ficcionais veiculados pela narrativa e, tal como é afirmado por Elizabeth Wesseling, estes servem para ilustrar a perspectiva política de um tempo que estava prestes a desmoronar-se: o do colonialismo português em África. Através de pequenas histórias, assistimos ao reconstituir da grande História: “Reconstruindo assim uma época através dos fragmentos textualizados, os autores

vão-se movimentando entre personagens referenciais e personagens inventadas, dando primazia a umas ou a outras consoante as suas convicções.”¹⁵

Os locais estão historicamente referenciados: Luanda, Lisboa, Gabela, Amboim e o Ebo. Eles existem, são como documentos, estão visíveis. Desta forma percorremos o tempo histórico que subjaz ao tempo ficcional e andamos pelo *Saúde Hotel*, o Mercado do Kinaxixe, a Marginal e a Baía de Luanda, onde as personagens deambulam no espaço colonizado. E, tal como afirma Linda Hutcheon, o passado no romance histórico pós-modernista aparece como uma construção humana “pelo que a narrativização desse passado, (...) se torna condição imprescindível para o aparecimento da História e do romance.”¹⁶ Angola e em especial a capital, Luanda, e Gabela, são os espaços onde vivem as personagens do texto em análise, um português que optou por ficar a viver por lá e uma africana educada por uma missionária americana. Ao acompanharmos o relato não nos apercebemos da rápida passagem do tempo. Não obstante, entre o início da relação sentimental de Pedro e Carminha, até ao momento em que o filho vai para Portugal, decorrem 20 anos. “Vinte anos antes o marido desaparecera em circunstâncias misteriosas” (CR, 16). Este é o tempo de vida de Carminha, entre o presente de Alexandre, o narrador principal, e um passado mais longínquo cujo desenrolar vai sendo interrompido pelos relatos que ela faz ao filho. Carminha é também personagem principal – faz parte do trio familiar que comunica com o leitor para dar a conhecer os acontecimentos – e a sua voz percorre a narrativa, fazendo-nos conhecer as restantes personagens de acordo com os desígnios do autor.

Desde a partida de Alexandre para Lisboa, onde vai estudar Direito e procurar vestígios do pai desaparecido, até ao seu regresso de avião a Luanda para gozar as férias, poderíamos contar um ano lectivo. Partiu e regressa para relatar à

¹⁵ Elizabeth Wesseling. *Writing History as a Prophet-Postmodernist Innovations of the Historical Novel*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, 78. *Apud.* Maria de Fatima Marinho. *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999, p. 36.

¹⁶ Linda Hutcheon. *A Poetics of Postmodernism – History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988, 16. *Apud.* Maria de Fátima Marinho. *Op. cit.*, pp. 38-39.

mãe o que descobriu acerca do pai quando visitou a avó paterna. O leitor atento vai seguindo a voz narrativa, que se vai tornando familiar no seu discurso directo, sentimental e nostálgico, não revelando contudo o nome. Como já afirmámos, apenas o ficamos a conhecer na antepenúltima página do romance:

Chamo-me Alexandre Bartolomeu Rico e regresso de férias a Luanda. Abstráido de tudo, a quase dez mil metros de altitude os meus pensamentos quebram-se como uma jarra de vidro (...) Voo, sem dúvida, sobre as ruínas dos meus sonhos. (CR, 135).

É desta forma que o narrador conclui a sua história, reconstruída ao longo de trinta e seis capítulos anacrónicos, numerados mas sem título, de extensão irregular e numa linguagem com características líricas onde se sente a presença do poeta Bettencourt Pinto. A anacronia permite perceber o *flashback* utilizado pelo narrador que sai do continente africano à procura do pai europeu e da própria identidade, à procura de um rosto do qual ele é, paradoxalmente, o retrato: “És o retrato do teu pai, meu filho. Parece até que estou a vê-lo quando tinha a tua idade” (CR, 127), diz-lhe a avó quando eles se encontram na casa paterna em Portugal.

Nesta procura da história da família, Bettencourt Pinto valoriza a figura do pai, o cidadão português que se integra na sociedade angolana e acaba por constituir família. Os portugueses sempre se adaptaram aos locais onde chegavam e mais ainda àquelas paragens já percorridas por outros conaturais e que fazem parte da História portuguesa desde o século XV. Pedro Rico, que espelha essa atitude, fez o serviço militar em Angola, como sucedeu durante vários anos a tantos outros jovens que foram obrigados a defender as colónias portuguesas das insurgências populares que começavam a fazer-se sentir contra o regime de Lisboa. Topógrafo de profissão, sem compromissos e bem integrado na vida africana, decide ficar em Angola quando a sua comissão de serviço chega ao fim, o que de facto aconteceu com muitos jovens que, não tendo possibilidades de emprego em Portugal, preferiram ficar em África.

Angola, sobretudo Luanda, é o palco da acção deste romance em que Portugal é apenas um lugar de passagem. Para além da história central, toda a trama evoca assuntos portugueses usando as personagens para, em eco apenas, lembrar a história do espaço onde se movimentam e que seguiremos de forma clara e sintética. Encontramos a presença do português remediado que se insere na vida africana e que trabalha a par dos africanos. A referência directa à colonização não existe, sendo ilustrada por atitudes do racismo existente numa parte da sociedade branca da época.:

O porteiro do hotel, muito teso no seu fato chique, parecia estar a observar uma comédia. (...) Nunca tinha visto um branco acompanhado de uma senhora negra, vestida tradicionalmente: belos panos coloridos e que lhe desciam aos calcanhares num rumor de brisa, os pés apertados em sandálias de couro negro, e um cordão de missangas caído do pescoço. (CR, 57).

Os tempos inseguros da revolução que em parte estão na origem da fuga compulsiva de Pedro Rico para Portugal, assim como daqueles localmente chamados “desalojados”, deram lugar a um grande fluxo populacional para Portugal, ocasionando alguma perturbação social no espaço de onde tinham partido os primeiros descobridores, ocupantes e colonizadores.

O domínio português sobre Angola remonta a 1483, ano em que exploradores portugueses percorreram essas terras pela primeira vez. A colonização efectiva teve lugar quatro séculos mais tarde, após a conferência de Berlim de 1884-85 e como consequência dos movimentos de partilha de África por parte de países europeus. Durante esse tempo, Angola não passou de um mercado de escravos que ao longo do século XIX resultou em sucessivas revoltas armadas e movimentos de resistência de algumas tribos que foram sempre neutralizadas. A tentativa de estabelecimento de explorações, concedendo as melhores terras aos brancos, para ajudar à sua fixação, não obteve resultados significativos. Os nativos foram deixados à sua sorte sem se ter feito qualquer esforço civilizacional no sentido de uma efectiva ocidentalização. As colónias

ficaram esquecidas e o resultado desta discriminação praticada pela política portuguesa deixou marcas profundas na sociedade angolana, estabelecendo diferenças entre a população, dando origem às populares denominações de “português de primeira” e a “de português de segunda.”¹⁷ A desigualdade cívica presente nas leis, sobretudo no Estatuto dos Indígenas Portugueses,¹⁸ diferenciava as populações nativas de uma pequena elite, a dos “assimilados”, abrangidos por alguns dos direitos dos cidadãos portugueses. Com o início da luta armada de libertação o estatuto foi revogado mas as diferenças discriminatórias permaneceriam indeléveis na sociedade da época, originando tensões que aumentaram a instabilidade existente.¹⁹

Portugal pretendia rentabilizar a sua posição nas colónias através do trabalho forçado das populações locais e da obtenção de riquezas naturais, mais tarde exportadas e comercializadas. Era esta a suposta “missão civilizadora” empreendida pelo primeiro-ministro Oliveira Salazar, baseada no conceito de “lusotropicalismo”.²⁰ Este político defendia que a vivência que se verificava no ultramar, entre as diferentes etnias, era demonstrativa da diferença existente relativamente às outras colónias europeias – belga, francesa e inglesa. Por outro lado, essa mesma vivência pretendia negar quaisquer situações de colonialismo, de domínio e de exploração.²¹

O regime salazarista tinha impedido os movimentos migratórios para Angola, dando preferência a outros países do continente americano, entre eles o Canadá, objecto do nosso estudo, com o qual assinou um convénio para a

¹⁷ Mário Soares. *Portugal Amordaçado. Depoimento Sobre os Anos do Fascismo*. Lisboa: Arcádia, 1974, pp. 435-436.

¹⁸ *Op. cit.*, p.436: “O estatuto do indigenato foi abolido quando do início da luta armada em 1961. Juridicamente todos passavam a ser portugueses mas a realidade social era bem outra.”

¹⁹ Cf. “O Passado e o Presente de Angola”. 8 Julho 2005. <http://r.org/accord/ang/accord15_port/02.shtml-34k>.

²⁰ Lusotropicalismo: Forma supostamente portuguesa de harmonizar o modo de vida luso com os costumes dos povos dos trópicos. Origem da miscigenação entre brancos e nativos. Teoria do sociólogo brasileiro Gilberto Freire e por oposição ao conceito e movimento da negritude, definido como a afirmação e orgulho da raça negra formulado por Aimé Cesaire, Léopold Senghor e Léon Gontian Damas. 27 Julho 2005. <<http://www.kirjasto.sci.fi/cesaire.htm>>.

²¹ Cf. Mário Soares. *Op., cit.* p. 446.

emigração em 1953. Contudo, em meados dos anos cinquenta, as migrações dos portugueses para África foram incentivadas como solução para o desemprego existente em Portugal e tendo em conta a necessidade de um aumento da presença branca nas colónias. Estas dariam origem a uma descendência europeia de certa importância aos que passaram a ser, por direito, “novos” angolanos.

A pobreza e a diversidade económica entre o Sul e o Norte de Angola criaram dissensões entre as diferentes etnias, pondo em perigo o equilíbrio político-social e dando lugar a um amplo movimento de efervescência contra a assimilação cultural portuguesa. Tratava-se de uma luta em defesa dos valores da negritude e pela reabilitação do património cultural africano.

A sociedade angolana – também produto da miscigenação colonial – era constituída por um grupo diferenciado de famílias crioulas que falavam Português, composta por negros, mestiços e brancos, católicos e protestantes, estabelecidas desde há muito na colónia. Estas famílias distinguiam-se do resto da população negra, constituída por camponeses e trabalhadores agrícolas. Constituíam uma burguesia que vivia do comércio e dispunha de um confortável estilo de vida, de certa maneira interrompido pelo estabelecimento de pequenos comerciantes e burocratas vindos de Portugal e desejosos de novas oportunidades comerciais.

Este reforço de elementos europeus foi motivo de grandes mudanças na sociedade já estabelecida: na arquitectura e urbanização, no ensino e nas práticas religiosas, na agricultura e no comércio. Todos os sectores da sociedade sofreram estas influências com maior ou menor impacto, situação que ainda hoje pode verificar-se.

Em 1960 dá-se início à libertação das colónias africanas pelas potências colonizadoras. No entanto, o governo português continuava a não atender às pretensões de emancipação manifestadas pelos nacionalistas africanos cujas reivindicações requeriam a autodeterminação para os povos das colónias

portuguesas, o estabelecimento das liberdades cívicas e a retirada das forças armadas portuguesas e dos agentes da PIDE.²²

Por forma a melhorar o relacionamento de Angola com Portugal, foi engendrada uma falsa autonomia através da adopção do nome de “províncias ultramarinas” em desfavor do de colónias, sem que na prática se operassem quaisquer diferenças. Findou assim o “Império Colonial Português”.

Formalmente o início da luta pela Independência teve lugar em 1961, depois de uma violenta acção repressiva contra agricultores brancos e trabalhadores negros que protestavam contra as formas de repressão no Norte de Angola. A partir desse momento os movimentos nacionalistas ganharam importância e as suas táticas de guerrilha espalharam-se pelo território. Entretanto em Lisboa leva-se a cabo uma remodelação governamental. Salazar assume a pasta da Defesa e na tomada de posse dos membros do novo Governo declara: “A explicação é Angola, andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão.”²³

O estado colonial inicia desta forma a sua actividade de defesa desta província ultramarina, enviando jovens de todos os níveis sociais para uma guerra que se arrastou durante treze anos. Em 1972 Portugal mudou o estatuto de Angola de Província Ultramarina para a de Estado Autónomo.

Durante o tempo da guerra colonial o clima de insegurança e as tensões sociais aumentaram na Metrópole, assim como o descontentamento nas Forças Armadas, o que veio a provocar o derrube do governo, dando-se início ao processo de descolonização que conduziu ao Acordo do Alvor. Em 11 de Novembro de 1975 tem lugar a Independência de Angola, tendo Agostinho Neto, líder do MPLA,²⁴ como presidente do novo país²⁵ e sendo a FNLA²⁶ e a UNITA²⁷ expulsas da governação.

²² Cf. Mário Soares. *Ibidem.*, p. 443.

²³ “Dicionário Enciclopédico. O Portal da História. Cronologia da Guerra no Ultramar de 1961 a 1974.” 10 Setembro 2005. < <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/guerrafrica/cron1961.html> >

²⁴ MPLA. Movimento Popular para a Libertação de Angola. Criado em 1956.

²⁵ Cf. “Angola”. The Columbia Encyclopedia, Sixth Edition, 2001-05.

Como consequência desta viragem, a maior parte da população branca fugiu da convulsão político-económica surgida – movimento dos desalojados – e três anos depois teve lugar uma tentativa de golpe de estado, reprimido, mas que teve um efeito fatal no povo angolano: a repressão do negro sobre o negro e o regresso do medo das armas.

O medo e o silêncio já eram conhecidos por muitos habitantes de Angola. Vivera-se durante muitos anos num ambiente de conspiração e sobressalto, mas nessa altura a causa era a agência policial da autoridade metropolitana: a PIDE.²⁸ Agora eram os próprios Angolanos que, organizados em partidos políticos e lutando pelo poder, espalhavam o terror.

O ambiente de suspeição predominou antes e após a Independência. É assim que em *A Casa das Rugas*, de um modo coibido, o missionário Cerqueira conversou com a recém-chegada Denise Thompson – médica e missionária americana. João Cerqueira deixou bem claro que havia muito trabalho para fazer no Sul. Porém, os padres que faziam parte do grupo que apoiava o regime salazarista constituíam uma grande ameaça e Cerqueira sentia-se vigiado.²⁹ A jovem, que representava não só o espírito e os valores dos que já se tinham libertado do jugo colonial, mas também evidenciava uma concepção de mulher mais ousada e livre, apesar da forte educação religiosa, vinha cheia de projectos, “apoiava secretamente a Independência das províncias ultramarinas” (CR, 20); no entanto, não ousou confessar as suas ideias, apenas aflorou a questão: “– Até que

²⁶ FNLA. Frente Nacional para a Libertação de Angola. Criado em 1962.

²⁷ UNITA. União Nacional para a Independência Total de Angola. Criado em 1966.

²⁸ A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) foi criada em 1945, pelo Decreto-Lei nº 35 046, de 22 de Outubro. Nos termos do preâmbulo deste diploma, a PIDE é concebida como um “organismo autónomo da Polícia Judiciária”. Colocada na dependência do Ministério do Interior, a PIDE dispunha de competência para proceder à instrução preparatória dos processos respeitantes a crimes contra a segurança do Estado (entre outros), para sugerir a aplicação das medidas de segurança e, por fim, para a definição do regime de prisão preventiva e liberdade provisória dos arguidos. Em 1954, a PIDE foi reorganizada pelo Decreto-Lei nº 39 749, de 9 de Agosto. Criou-se o quadro para as Ilhas Adjacentes e o Ultramar e determinou-se que a PIDE seria a única entidade responsável pela troca de informações com serviços estrangeiros.

²⁹ Mário Soares. *Portugal Amordaçado. Op. cit.*, pp. 470-471: “Um certo sector da Igreja Católica aliada ao regime fingia ignorar a encíclica *Populorum Progressivo* (a qual) constitui uma condenação inequívoca do colonialismo”.

ponto a evangelização poderá perturbar o regime?” (CR, 20). Em Roma, a Igreja não aprovava a posição colonialista de Lisboa e assim pretendia fazê-lo saber a fim de minorar a concorrência das Igrejas Protestantes num território importante para a implantação da fé católica.³⁰

Em *A Casa das Rugas*, tanto Cerqueira como Denise Thompson eram missionários protestantes os quais, dentro da orgânica dos seus movimentos, procuravam implementar escolas e serviços médicos de apoio à população mais pobre: os negros. Denise era pelo trabalho em prol da comunidade: “No seu conceito, a luz divina irrompia através do gesto humano mais solidário, que espelhasse a claridade e o eco bíblicos com exemplos de amor e fraternidade.” Cerqueira sentiu-se “hipnotizado pelos pensamentos da jovem” (CR, 21) mas, perante os tempos que se viviam, preferiu não emitir qualquer opinião pois sabia-se da existência de agentes infiltrados da PIDE, particularmente bem camuflados. Conforme explica Benedict Schubert,³¹ existiam em Angola duas igrejas protestantes, a congregacional e a metodista as quais, durante a época da descolonização e após a Independência, se aliaram aos movimentos nacionalistas para participar na construção da nova nação. “A revolução dos Cravos em Lisboa em 1974 significou o fim do projecto colonial de «portugalização», no qual as igrejas protestantes eram consideradas como factor perturbador.”³² Sem dúvida que o Protestantismo tinha sido fecundo, pois comprovou-se que uma percentagem relativamente alta dos militantes nacionalistas eram protestantes e que existia uma estreita relação entre a UNITA e a Igreja congregacional cujos bens foram mais tarde nacionalizados pelo MPLA. Alguns líderes e crentes partiram enquanto outros ficaram, continuando a manter os seus contactos através de um vaivém clandestino de crentes e utilizando também as ligações às suas agências no Canadá e nos Estados Unidos.³³ Por seu lado, a Igreja Metodista deu

³⁰ Mário Soares. *Op. cit.*, p. 470.

³¹ Benedict Shubert. *Lusotopie 1999*, pp. 405-413.

20 Agosto 2005. < www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr.schubert.pdf >.

³² Benedict Shubert. *Op. cit.*, p. 406.

³³ Mário Soares, *Op., cit.* p. 407.

o seu apoio ao MPLA. Já na época actual, tem-se verificado uma divisão entre as várias Igrejas Protestantes que não conseguiram desempenhar um papel independente no processo político de Angola.

Os dados sobre a história recente de Angola com que procurámos compreender as entrelinhas de narrativa de Bettencourt Pinto constituem também objecto do nosso trabalho, pois um tempo real subjaz ao da ficção, ajudando a entretecer os dados que nos são fornecidos pelos diversos narradores cujas vozes intervêm para acompanhar o leitor na sua viagem – nem sempre linear – pela história pensada e organizada por um autor minimalista como é Bettencourt Pinto, o qual não fornece deliberadamente todos os pormenores relativos à acção do romance.

O desenrolar da narrativa nem sempre é sequencial; contamos com avanços e recuos no tempo que obrigam a uma leitura mais atenta, intervalada por episódios de uma certa comicidade, retirando por vezes a dimensão trágica da cena em que se inserem, instituindo-se como estratégia que possibilita uma visão comum e mais plural da vida e do quotidiano. Tal é o caso da cena do “homem do ascensor” que sobe e desce sem conseguir escapulir-se com as caixas que roubara, impedindo os inquilinos do prédio de entrar, o que resulta numa revolta e numa chuva de “murros e pontapés” sobre o ladrão. (CR, 42). As personagens do romance deslocam-se num espaço (re)conhecido pelo leitor, devido aos documentos que até ele chegaram à data dos eventos narrados e que constituem uma memória histórica apenas evocada mas a preservar. São eles artigos de jornais, de revistas, livros, filmes, fotografias, relatos de testemunhas ainda vivas, que fazem parte de um todo num período importante da vida portuguesa que ainda hoje lembramos e que continua a ser fonte de escrita para muitas narrativas de cariz luso-africano.

É esta historicidade que conseguimos entrever na trama de *A Casa das Rugas*, assim como a realidade que a vida de Eduardo Bettencourt Pinto constitui. Ao abrirmos o livro, reparamos na fisionomia gráfica e no seu potencial semântico. A dedicatória à família – mulher, filhos, mãe, irmãos – e os amigos

que fecham o círculo vivencial e sentimental do autor. Nos agradecimentos, o autor destaca o incentivo recebido pelo escritor angolano José Eduardo Agualusa para a escrita do romance, as leituras realizadas pelos escritores açoreanos Daniel de Sá e Joel Neto e o trabalho realizado pelo desenhador da capa do livro.

Na página seguinte encontramos dois motes: o primeiro, da autoria do jornalista e escritor nigeriano Ken Wiwa, extraído do livro que escreveu sobre o activista e prisioneiro político Ken-Saro Wiwa, seu pai; o segundo é um excerto de um poema de Fernando Pessoa sobre o sentimento único do amor que se gera e regenera em si próprio. Ambos os motes constituem um resumo dos temas que irão ser desenvolvidos no romance e enquadram-se no espírito tanto do autor como do narrador.³⁴ A primeira citação deixa transparecer o sentimento de perda e busca espiritual de um pai, já outras vezes manifestada pelo autor, como é o caso das palavras que transbordam o espaço da seguinte mensagem electrónica: – 10 de Setembro 1996 , “Na ilha (...) Não sentia este lago triste que é a ausência do meu pai e as velas de uma certa realidade onírica ainda me iluminavam por dentro.”³⁵ ou ainda: “Como redescobrir em ti, pai, todos os dias que se foram?”³⁶

O segundo mote veicula pensamentos acerca da importância do amor na relação humana, o sentimento do amor que Alexandre vai aprendendo a conhecer através das conversas com a mãe e que o ligará para sempre ao pai.

Verificamos assim que a memória evocativa funciona como elemento construtor da narrativa deste autor. O sentimento de ausência encontra-se sempre presente no espírito e na escrita de Bettencourt Pinto. Nem sequer os novelões do seu espaço na ilha canadiana de Pitt Meadows conseguem suprir “a geografia emocional onde estão registados, a sal e vento, os rostos dos meus antepassados

³⁴ 4 Setembro 2005. Lisboa. E-mail de resposta do autor “(...) a citação enquadra-se no espírito de ambos (autor e narrador) sobre o sentimento de perda e busca espiritual de um pai.”

³⁵ Onésimo Teotónio de Almeida. “A Palavra e a distância em E. (de exílio) Bettencourt Pinto”. 10 Setembro 2005. < http://www.geocities.com/ebpinto/onesimo_emails.html >.

³⁶ Eduardo Bettencourt Pinto. “Balada ao Pai”. *Um Dia Qualquer em Junho*. Lisboa: Instituto Camões, Coleção Lusófona, 2000, p. 76.

maternos.”³⁷ Porque na realidade o seu olhar vagueia entre África, Açores e a terra dos seus filhos e onde o seu pai morreu: o Canadá.

A narrativa é um regresso aos afectos da memória e à sua terra africana, aos tempos da infância feliz e de tudo aquilo que não se chegou a cumprir porque houve uma guerra de permeio que o afastou do espaço idealizado. Desta forma e ao percorrer algumas das suas crónicas, a evocação de África revela-se na recuperação das personagens em analogia com as do romance: O Senhor Leça, amigo do pai, é topógrafo de profissão, tal como a personagem Pedro Rico. Da mesma forma que J. J. Marques da Silva³⁸ – pastor pentecostal amigo da família Pinto que gostava de música e falava do espírito – se assemelha a Afonso Domingos, o jovem pastor educado por Pedro Rico que tocava harmónica com mestria e dissertava sobre o amor de Deus.

No romance, a melodia da música e a da natureza encontram-se interligadas à polifonia das vozes criadas e evocadas pela escrita. Elas vão orquestrando a existência de Deus reflectida no espírito humano, tal como Pedro Rico nos lembra: “A beleza de um ser humano é sobretudo intrínseca à formosura do seu espírito.” (CR, 89) e ao seu amor pelos outros numa (re)geração da criação do amor, fulcro da vida da narrativa.

A potencialidade de representação do real que a ficção nos garante, aliada à possibilidade que esta oferece de inventar vidas e experiências, enriquece-se com visionamentos dos diferentes momentos do quotidiano e do cruzamento com as mulheres e homens que se atravessam no nosso caminho – factores do imprevisto em paralelo com a obra humana. São estes elementos que forjam as histórias e os seus intervenientes, como nos conta Bettencourt Pinto ao referir-se ao “nascimento” de Mamã Carminha como personagem, a partir de uma enfermeira negra que, nos anos 70, o tratou com afabilidade durante o seu internamento num hospital de Moçambique. Da mesma forma, a personagem

³⁷ Eduardo Bettencourt Pinto. “A Ilha do meu Quintal”.

12 Abril 2004. < www.geocities.com/ebpinto >.

³⁸ Eduardo Bettencourt Pinto. “História Breve com Prefácio”.

3 Setembro 2005. < <http://manuelcarvalho.8m.com/EBPinto18.html> >.

Alexandre é quase o retrato de um companheiro acidental de viagem que regressava de Lisboa onde tinha ido conhecer o pai e os meios-irmãos brancos. Segundo o autor, a ficção deu-lhe a possibilidade de engendrar mundos e personagens, ao mesmo tempo que tentava encontrar respostas às perguntas que se lhe colocavam em relação ao amor, ao ódio e a outros sentimentos experimentados pelo ser humano.³⁹ De Pedro Rico, a personagem amada pela mulher, o filho e todos aqueles a quem brinda com a sua amizade generosa e altruísta, o autor nada nos diz. Porém, atrevemo-nos a pensar que a figura do pai se descobre nas suas palavras: “Meu pai esperava-nos no cais, calça e balalaica brancas, a tez escurecida pelo inclemente sol africano, óculos, os braços abertos. Eu sentia imensas saudades dele, de uma casa eterna no Sul.”⁴⁰ O Sul, Gabela e o homem branco de balalaica e calças brancas por quem Mamã Carminha se apaixonou, parecem assomar-se por entre as palavras. E é à volta de Pedro Rico que se tece a narrativa que poderíamos realmente classificar como principal.

A personagem de Mamã Carminha reúne em si várias representações: o amor idealizado, porque conseguido; a sua é uma história de amor feliz e responde ao objectivo do romance. Carminha é também África, responsável pela ligação do português Pedro Rico a África e das raízes africanas do filho, nascido em Luanda e para quem “A cor da minha pele, que muitas vezes azedo questionei, é na verdade, a cor do amor entre dois mundos diferentes.” (CR, 37). Olhando para a história de Carminha também poderíamos associá-la ao tradicional papel feminino do abandono, da solidão e da espera que surge em variadas narrativas desde a Idade Média, situação esta que também implica a separação dos amantes e dos esposos, responsável pelo sentimento da ausência e da nostalgia e, porque não, das traições amorosas proporcionadas por essa mesma ausência, o que não acontece no livro em estudo, porque tanto Pedro como Carminha são amantes fieis. Pedro Rico enobrece o seu sentimento amoroso ao agradecer a Deus a

³⁹ Eduardo Bettencourt Pinto. 6 Agosto 2005. < <http://www.geocities.com/ebpinto> >.

⁴⁰ Eduardo Bettencourt Pinto. “História Breve com Prefácio”. 3 Setembro 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/EBPinto18.html>>.

dávida proporcionada – a sua mulher – que “Ele me deu como um rio dá ao Homem o pão e a vida” (CR, 88). O rio – água em movimento – é o elemento da matéria que dá origem à vida, à criação e à procriação, à continuação da vida, sempre imparável e que está presente no filho gerado.

No romance não há traições nem há desonestidade, os sentimentos negativos não existem. Carminha ficará sempre à espera de Pedro Rico porque acredita que ele nunca a abandonaria e que a separação se deve a qualquer acontecimento trágico e insuperável. Este tema da espera tão recorrente nos relatos de viagens, migrações e guerras, está subjacente ao quotidiano feminino. Os maridos partiam por causa da pobreza, das guerras e da emigração e por vezes não voltavam como aconteceu com o pai de Carminha: “Contratado, o pai tinha ido para o Huambo, e nunca mais voltara” (CR, 31). E, no caso de Carminha, é tripla a solidão que esta mulher vem a sofrer. O pai desaparece, a mãe abandona-a porque não tem meios para a sustentar e o marido parte, obrigado a fugir e diluindo-se no espaço entre África e Portugal. Contudo ela tem força anímica para continuar a viver pelo filho e pela espera, mantendo a memória do marido ausente.

A personagem Mamã Carminha é um símbolo muito positivo porque foi sempre uma boa amante, boa mulher e boa mãe, que deu felicidade ao marido e ao filho e soube cumprir o papel que lhe parecia estar reservado na vida. Pedro Rico também não foi culpado do que lhe aconteceu, actuou com lealdade para com um amigo que o traiu e não consegue regressar a África para se juntar à mulher amada e ao filho que estava em gestação. Carminha não irá receber as cartas com os pequenos aforros que ele lhe envia e nas quais lhe conta as suas agruras em Lisboa, a falta de emprego, o parco subsídio do IARN com que magramente subsiste e as suas tentativas para encontrar emprego e juntar dinheiro. Ambos são vítimas do destino que separa os amantes, e torna os amores felizes em amores contrariados ou trágicos. Alexandre é o fruto desse amor fiel de pessoas que souberam respeitar as suas palavras e os seus sentimentos porque: “O amor, o verdadeiro amor, não morre nas mãos de quem o sente. Ele renova-se no

seguimento desse amor que é o filho, com o mesmo tom de voz e os mesmos traços fisionómicos. “O mundo somos nós, Carminha.” (CR, 79), era tudo aquilo que eles pretendiam fazer e que o acaso, e talvez uma certa ingenuidade da parte de Pedro Rico, contrariaram.

As três personagens principais complementam-se num destino comum, que vai sendo iluminado pelas várias vozes narrativas intervenientes de forma a criar a atmosfera necessária à vida que gira em torno deles.

O missionário João Cerqueira introduziu-nos no mundo das missões protestantes assim como Denise Thompson – a jovem idealista vinda de Boston ansiosa por criar uma missão no Sul, como já comentamos, que se vê confrontada com a PIDE a qual pretende comprovar o seu envolvimento com as guerrilhas e acaba por ser expulsa de Angola sem que nunca mais se saiba dela. A função de Denise no romance relaciona-se com Carminha enquanto criança; a mãe de Carminha tinha-a deixado na missão antes de partir para uma outra qualquer terra depois do marido ter desaparecido. A separação traumática da mãe – a quem nunca mais voltará a ver – irá ficar para sempre associada ao seu conhecimento com a missionária. Esta educa Carminha como uma filha, ensina-lhe a falar Inglês e a dactilografar enquanto Carminha vai frequentando a escolaridade básica. Esta criança, depressa adolescente, irá guardar as notas diarísticas, os relatórios e demais documentos em que Denise Thompson anotava as actividades da missão e da sua vida privada. Foi Carminha quem as salvou da fúria da PIDE, mas não conseguiu salvar Denise, e um dia encontrou-se só uma vez mais até que Belarmino Cardoso, o administrador da região, veio buscá-la.

Afonso Domingos, o “jovem do Sul”, já citado, constitui o símbolo do amor ao próximo praticado por Pedro Rico.

A personagem Realtino Josúe, representa o português integrado na vida angolana que gosta de muamba e vive maritalmente com uma mestiça chamada Kianda, nome de auréolas míticas e profundamente enraizadas na cultura africana, sobretudo a luandense. As Yànda estão ligadas aos primórdios da cultura Kimbùndù, povo da região da actual Luanda. Pressentimos desta forma a ligação

de Kianda à terra, de possuir poderes mágicos e de conseguir afastar os maus espíritos de “olhos fechados”. Os poderes para-normais de Kianda fizeram-lhe pressentir a face negativa de Ricardo da Silva, mas não teve a coragem de avisar Carminha, podendo ter assim evitado o seu fim dramático.

Dona Isaltina de Albuquerque, a senhoria de Mamã Carminha e mais tarde a sua madrinha de casamento, “era viúva de um cavalheiro da elite lisboeta” (CR, 74), aventureiro e pouco convencional que lhe tinha transmitido o gosto de estar e ser diferente dos outros como ela demonstrava ao fumar charutos e ao ler livros proibidos aos setenta anos, entrando em conflito com o modo de pensar do círculo social luandense. Também nos é dado perceber, na narrativa, um outro retrato de mulher – o de uma mulher desiludida com o seu casamento – que vê em Pedro Rico o ideal do amor e a quem semanalmente escreve cartas apaixonadas, que só terminam quando do estalar da guerra civil.

Encontramos também as personagens típicas, populares, representantes das classes mais desfavorecidas e sem valores: os basbaques, os vigaristas e ladrões, o caloteiro do sapateiro da *Luís XV* e o carteirista falhado.

Através dos comentários de Carminha apreciamos a sua visão em relação ao estereótipo do branco que vai para África. Aquele que busca fortuna para voltar à terra e fazer uma casa e é visto como um explorador e também o que busca estabilidade com conforto e se integra na sociedade angolana constituindo família, como foi o caso de Pedro Rico. Um outro exemplo de integração é o do Tio Martins, já mencionado, que fugira à violência da guerra em Luanda mas que, não se tendo identificado com o modo de viver europeu, acaba por regressar ao que considera a sua terra. Uma situação similar é a de Dona Linhares que trabalhava no Consulado de Portugal e que confia a Carminha: “Quando me reformar já não regresso a Portugal. Não me sobra ninguém (...) Sentir-me-ia perdida longe daqui.” (CR, 119). Dona Linhares passara a ser mais uma angolana, gostava da comida africana, tinha aprendido quimbundo com a lavadeira a quem deu abrigo quando ela fugira dos musseques apavorada com a delinquência e que, já velha, morre na sua presença.

A própria Carminha expressa a sua impossibilidade de viver num mundo só de brancos; tinha sentido a arrogância do racismo do branco nas várias tentativas que fez de encontrar um emprego, tendo sido sempre rejeitada. Apenas Ricardo da Silva consegue quebrar esse impasse – era o tipo de homem que fazia favores para pôr em relevo o seu poder de influência – e arranja-lhe um lugar correspondente às habilitações que Mamã Carminha possuía: a quinta classe.

Pedro Rico – que se considerava africano – e era contra o colonialismo, tinha uma visão utópica da sociedade baseada na igualdade de oportunidade para todos, uma outra faceta do pai que Alexandre vem a descobrir ao manipular os recortes de jornal que o pai guardara. Um deles era o texto de um discurso radiofónico do presidente Allende a partir do Palácio de la Moneda, em Santiago do Chile, dirigido ao povo que tinha conseguido sobreviver ao fascismo naquele país. A leitura dos recortes permite-lhe desvendar as emoções e os pensamentos do pai, constatando que a sua peregrinação “É um risco e uma plenitude” (CR, 13).

Mas nem sempre essa plenitude acontece, quer na constatação ficcional de Bettencourt Pinto, quer nas revelações que, no seu seio, os narradores veiculam. Há dúvidas, incertezas e falta total de informação a partir do momento em que Pedro sai de casa. No capítulo 28 ficamos a saber que ele fora interceptado por um mulato fardado à militar e um branco que lembrava os antigos membros da PIDE. Tiram-lhe os diamantes que transportava e obrigam-no a partir sob a ameaça de represálias, caso pretendesse regressar. O capítulo 35 informa-nos que Pedro chega a Portugal – seu país de origem – como um estranho, aloja-se numa pensão “ao Rato” onde partilha esse espaço caótico e despersonalizado com outros retornados de África e vive à custa de um magro subsídio do IARN.⁴¹ A sua vida fora truncada no momento em que ela se projectava na completude do amor conseguido – Carminha estava no início da

⁴¹ IARN: Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais. Foi criado para apoiar a integração na vida nacional desses indivíduos. Por Decreto-Lei Nº 169/75, de 31 de Março. In “ADVIS” Boletim Informativo. Viseu: nº 14, 2º trim., 2003, p. 3.

gravidez quando ele partiu. A fuga torna a sua vida num labirinto sem saída. Ele não confia em nem confia com ninguém. Não vai procurar a mãe por dignidade, não ousa contar-lhe as suas dificuldades. Carminha deixa de ter notícias a partir do momento em que ele entra no táxi que o conduzirá até ao aeroporto. O seu desaparecimento tornou-se um mistério, mas é um facto. É para desvendar esse mistério que o filho decide ir em sua busca.

A narrativa dos capítulos acima mencionados realiza-se na terceira pessoa; não sabemos quem é o narrador destes dois elementos tão importantes na trama. Trata-se de um narrador onisciente, senhor da totalidade do conhecimento da personagem assim como de tudo o que lhe acontece. Nesta óptica, podemos dizer que o narrador produz os eventos. Outra resposta pode basear-se na confissão de Alexandre: “Tenho consciência que invento vidas em cada sílaba (...)” (CR, 13) para justificar o conhecimento de acontecimentos menos clarificados.

Partindo deste ponto de vista, os dois fragmentos terão sido reconstituídos pela imaginação de Alexandre, coisa que não seria difícil pois ainda vivia em ambiente de guerra e violência tendo, além disso, informação da evolução que a sociedade luandense foi sofrendo. Sobre o deserto das certezas, Alexandre terá inventado os momentos mais angustiantes e dolorosos da vida do pai. Outra perspectiva seria a de que estaria a referir o que a avó lhe contara quando da sua visita à casa paterna, em Portugal. Não estaríamos perante o discurso directo da avó; mas sim de aquilo que o filho terá ficado a saber. Também poderá admitir-se a existência de uma terceira voz, incluída nas possíveis vozes que um romance tem.

Assim sendo, estaríamos finalmente perante a revelação do mistério do pai: “Em poucos minutos, a névoa de mistério que encobria a ausência do meu pai vai desaparecendo” (CR, 127); porém, o narrador nada mais explicita. Será que ficou na posse da informação que procurava? Como é que a avó soube o que tinha acontecido no aeroporto de Luanda? Como é que ela se inteirou dos pormenores da vida de Pedro em Lisboa, sendo que ele não a procurou? O narrador – que não

nos aparece como aquele que investiga a vida do pai desde Luanda – limita-se a compor, através da estratégia narrativa do *flashback*, os dois capítulos que abrangem o tempo desde que Pedro sai de casa com destino ao aeroporto até ao momento em que morre, como um vagabundo, dobrado de frio e fome junto ao café Nicola, sobre o jornal *O Retornado*. Qualquer destas respostas se situam no campo da ficção que é a narrativa em si.

A leitura pode ser mais ousada, com uma leitura ainda mais plausível e que tem a ver, não com a ficção, mas com a realidade. Trata-se de saber onde começa uma e termina a outra. Até que ponto o autor se funde ou se projecta na personagem narrador. Tudo depende da vontade que o autor sente em evidenciar, na narrativa, a evolução da sociedade angolana nos últimos cinquenta anos, para denunciar o clima de insegurança do colonialismo e os erros da descolonização; principalmente para retratar, em traços largos mas muito fieis, as situações dramáticas que a maior parte da população enfrentou depois de Abril de 1974. Afinal o verdadeiro conhecimento dessa sociedade faz parte da vida de Pedro Rico. E, a nosso ver, fazem de Rico a representação de todos os cidadãos cujas vidas terminaram tragicamente – não só em Portugal – vítimas do sistema colonial.

A tragédia vai prolongar até ao fim da vida de Carminha o seu amor por Pedro Rico e o reforço da ligação entre mãe e filho, na memória do pai.

A história não é contada com princípio, meio e fim, pelo que poderíamos afirmar que se enquadra nas características do romance aberto; para além das abundantes interrupções que exigem uma atenção reforçada a fim de se compreender a leitura, alguns segmentos da acção desaparecem simplesmente. Por vezes esses hiatos não causam transtorno para o entendimento da trama; podem mesmo servir como exercício criativo do leitor, pondo à prova a sua capacidade inventiva. Será este o caso do espaço temporal na vida de Carminha que se estende do momento em que Belarmino Cardoso a foi recolher à Missão até à sua presença em Luanda a vender fruta no mercado. Um outro exemplo verifica-se na quase total ausência de informação sobre o crescimento do narrador

Alexandre. Enquanto o nascimento se desenvolve através de inúmeros pormenores, constituindo uma secção narrativa que abarca várias páginas, não existe referência à infância mas apenas um apontamento da adolescência: “Eu tinha catorze anos quando Mamã Carminha me contou este episódio.” (CR, 61); “Nessa tarde, bebi café pela primeira vez” (CR, 62).

Porém, há outro caso em que essa descontinuidade deixa o leitor decepcionado. Trata-se da suspensão do diálogo quando a avó se decide a falar; para maior expectativa, o narrador exterioriza o sentimento de alívio à beira da revelação e depois pára. Talvez como compensação, segue-se a descrição do fim de Pedro Rico.

Analisadas separadamente, as sequências que constituem a vida de Pedro Rico são a narrativa mais curta, e constituem a história mais coerente, a que é contada com mais pormenor e com mais impacto do ponto de vista dramático, para tanto contribuindo os segmentos que descrevem o seu fim. Pedro é o ente procurado, levando a sugerir que o nome do livro pudesse ser *À Procura de Pedro Rico* ou *A História de Pedro Rico*.

Vista deste modo, a história de Pedro Rico, pode considerar-se uma narrativa fechada dentro do romance aberto *A Casa das Rugas*.

III. 2. A Procura do Pai e o Encontro com as Origens

Apesar das descobertas de Alexandre e do que parece inferir dos objectos e das vozes a que tem acesso, torna-se mais difícil conhecer a maneira de ser de Pedro Rico a partir dos escritos que deixou. O narrador não revela com rigor o conteúdo desses papéis. Mas ficamos a saber que a sua leitura fora suficiente para conhecer melhor o pai: “Analisando-os, foi-me possível desvendar inúmeros

detalhes da sua vida, das suas emoções e maneira de sentir e ver as coisas.” (CR, 87). Agora, não se trata da recordação das vozes e dos actos das mulheres de família, como em *My Darling Dead Ones*, mas da persistência de um jovem que, numa etapa da vida em que, de uma forma mais racional, procurando a sua identidade, a constrói, edificando-a através da força imaginativa que o leva a desenhar a identidade do pai ausente, há muito perdido no país onde nascera, e cujo fim dramático e verdadeiro destino ainda desconhece.

“Vou para Portugal estudar e em busca do meu pai. Diria melhor: do homem que descobri nas palavras e no reboar do amor de Mamã Carminha” (CR, 13). Na determinação de Alexandre Rico descobrimos um propósito, ou seja, encontrar o progenitor que ele viu num retrato: “Ele [o pai] estava com óculos de sol, o cabelo muito negro, penteado para trás, balalaica bege, calças brancas de algodão. As mãos abertas junto ao peito seguravam duas laranjas” (CR, 62) Pedro Rico tinha dado essa fotografia à mulher pelo seu aniversário e ela guardava-a ciosamente. Para Mamã Carminha as laranjas eram o símbolo do amor porque fora por causa delas que eles se conheceram originando um sentimento que nunca se apagou, e fala ao filho da beleza de um amor entre um branco e uma negra na sociedade colonial angolana pouco tempo antes da Independência.

O tema central do romance de Bettencourt Pinto, a procura do pai e o encontro com as origens, vai sendo construído pelo mesmo vazio que o gera – espacial e emocional. Alexandre, que não chegou a conhecer o pai e nasceu “(...) nas escadas do imprevisto e sob o signo da violência” (CR, 43), num país que se afundava na violência e destruição; um primeiro dia de vida pouco risonho que irá ensombrar as suas recordações fazendo-o resumir em palavras sem esperança o que porventura deveria ser um dia promissor. Na trama, Alexandre lembra-nos que: “Esta é a história do meu primeiro dia de vida” (CR, 43). O filho de Pedro Rico institui-se como estratégia narrativa que permite simultaneamente efabular a vida do ser que o gerou e, a um nível mais profundo e extradiegético, a identidade central e os segredos da sua interioridade, que escapam nas entrelinhas por entre farrapos de memórias, de situações, sentimentos e lugares vividos ou ouvidos ao

longo de uma vida. Poderíamos imaginar em Alexandre, uma projecção do autor o qual a partir de um espaço novo como o Canadá, vem também a Portugal procurar as suas raízes, e ainda aos Açores, lugar de origem da mãe, onde o autor viveu e assimilou memórias e narrativas. Eduardo Bettencourt Pinto revela-se assim, ocultando-se. Contudo a trama de *A Casa das Rugas* que, justamente por ser ficção, parece proporcionar-lhe a catarse dos seus próprios anseios, regressos e rugas, não é apenas um registo de historicidades. O romance é também um longo poema. A força da palavra é o meio de alcançar o amor. Trata-se da odisseia de um homem – epopeia pessoal e íntima que acarreta uma parte substancial de sofrimento o que contribui para que a odisseia se cumpra. Não existe odisseia espiritual sem a presença da dor. A epopeia faz parte da condição humana e o narrador deste texto está condenado a percorrer uma viagem iniciática, já que tem de ir à procura das suas raízes, da sua ancestralidade, para que possa cumprir-se como homem e como ser humano.

O acaso fez com que o pai tivesse que fugir de Luanda pouco tempo antes de o narrador nascer e uma semana antes da Independência de Angola, precedida por tumultos populares e pelo desvario da fuga da população branca para Portugal.

A revolução em Angola afectará para sempre a vida do narrador – Alexandre Rico – porque se ela não tivesse ocorrido, talvez a sua identidade não tivesse ficado estiolada. Assim sendo, a mesma revolução foi o começo de um estádio existencial que trouxe o narrador para a consciência de um mundo esvaziado, um mundo quase incompreensível que fez dele um ser solitário. Não lhe bastavam as recordações de Mamã Carminha pois era necessário ir além da memória para confirmar a verdade de si mesmo ou a verdade da sua origem.

Todo o homem é um ser situado, mesmo que seja surpreendido pela teia da História. Por vezes o homem é vítima da História e essa consciência pode permitir a luta pela clarificação da sua situação no mundo caótico, mergulhado nas trevas de uma ignorância inevitável. Era portanto necessário ordenar o caos no qual o seu ser se foi revelando progressivamente. O facto de a sua existência ter

emergido de uma situação revolucionária, fez com que a consciência da sua situação se tivesse acentuado. O narrador tem a consciência de que as coordenadas históricas em que surgiu possuem uma complexidade que só a sua busca pessoal poderá resolver em parte. Assim sendo, ele parte para duas aventuras complementares: a aventura da viagem até Lisboa em busca do pai e também a viagem da escrita, a sua odisseia espiritual.

Descobrimos em Alexandre a mesma intenção do pai, a procura da escrita como realização pessoal – a escrita de Pedro Rico, que o filho leu com dificuldade – não era objectiva e estava impregnada de um sabor poético. A personagem diz-nos: “Carrego-o muitas vezes aos ombros, rasgado por dentro, de rastos sobre as espinheiras e o pó das vicissitudes.” (CR, 89), palavras que traduzem uma missão ciclópica, plena de humanismo e amor fraterno.

Nos escritos de Pedro Rico, podemos encontrar uma curiosa alusão a dois dos mitos mais representativos da cultura ocidental: o mito de Atlas e o mito de Sísifo. Este passo remete-nos para uma certa condição do homem contemporâneo na sua relação com a história. Trata-se de uma condição que não despreza o sacrifício pessoal, mas que antes o valoriza como se carregasse dentro de si essa ancestral condição mítica propugnada pela poderosa cultura grega e do seu reflexo na história da humanidade. Desde que Atlas carregou aos ombros o peso do mundo, também o homem ocidental passou a carregar o peso da sua responsabilidade perante si e perante os outros. Não se trata apenas de carregar o peso do mundo, mas também, de o arrastar ao longo da vida, tal como Sísifo o fez ao arrastar uma pedra gigante ao longo de uma colina escarpada, a qual obriga o herói mítico a repetir o gesto até o fim da sua vida.

Esse sacrifício, embora inesgotável, é necessário pois é uma forma de confirmar o amor pelo qual também pautou a sua existência.

E a narrativa de *A Casa das Rugas*, simultaneamente odisseia íntima e odisseia poética, realiza-se sob o signo do amor. Reside aqui o elemento crucial que conduz um homem isolado à procura da sua identidade. É, repetímo-lo, sob o

signo do amor, que procura incessantemente a imagem difusa de um pai ausente, a imagem ao mesmo tempo fantasmática e real do ser tutelar que lhe deu vida.

Entramos no domínio dessa substância essencial que se radica entre o ser e a consciência. Ele, narrador, é o fruto do amor e é também o fruto da sua auto-consciência. É a partir de aqui que podemos referir à questão do ser, questão essencial nessa odisseia íntima que o narrador inicia, viagem que acaba por nunca chegar ao seu termo.

Toda a viagem iniciática é incompleta, mesmo que se afigure conclusiva aos olhos do leitor. O jovem Alexandre acaba por não encontrar o seu pai vivo, mas sente-se envolvido num contexto de amor – o pai não foi culpado do abandono. Vislumbra-se no texto do narrador/personagem, que Pedro Rico foi vítima de uma armadilha causada mais pelo contexto histórico do que pela vontade do outro homem. Nestas páginas é a história que é questionada e não a vontade individual.

No livro, pontuado de memórias, viajam três narrativas que se entrecruzam na história que se desenrola entre Gabela, Luanda e Lisboa. A primeira é-nos relatada no presente pelo filho de Pedro Rico. Ele surge na primeira página do romance para contar-nos que a partir desse momento irá reacender o passado com palavras a fim de contar a história dos pais: “Tento levantar aqui um pouco a cortina das tragédias e triunfos por que passaram os meus pais” (CR, 13).

O projecto de Alexandre bifurca-se na necessidade de criar a sua própria vida e (re)criar a do seu pai. “Vou para Portugal (...) em busca do meu pai” (CR, 13). Plural é também a sua estratégia: “recolher os restos do passado e reconstruir, (...) um retrato” (CR, 13). A mãe Carminha transporta uma dupla orfandade, perdera a mãe biológica e a missionária americana que tinha tomado o lugar desta, mas apesar de tudo: “nunca capitulou perante a tragédia.” (CR, 15) Ajuda-o nessa tarefa o romance do pai, Pedro Rico e a mãe, Carminha, é o encontro de um branco apaixonado por África: “Sinto que nesta cidade sou tudo o que posso ser.” Pedro vivia em Luanda havia catorze anos: “O que já faz de mim um africano”

(CR, 58), e de uma negra que suspeitava dos brancos: “[para eles] não passamos de uns selvagens e esta terra de uma conta bancária” (CR, 58). Pedro não tinha esta postura negativa e quando chegou a Angola, em 61, para fazer o serviço militar sentiu imediatamente uma enorme familiaridade com a nova terra: “Logo que troquei a farda pela roupa civil, nunca mais pensei voltar a Portugal” (CR, 59). A atracção que Pedro experimentou pela exuberância da terra angolana está na origem da sua fixação naquelas paragens por outros desprezadas, e é o motivo que o leva a pedir a mulher em casamento numa declaração humanística que valoriza a cultura ancestral africana e a animização da natureza, numa referência ao mundo natural e sensitivo dos africanos: “Peço-te que cases comigo perante o Amor, a savana, as chuvas, o odor do maboque e dos figos bravos, as nuvens, a silhueta do sol sobre as cubatas”(CR, 79) o que representaria um duplo casamento com África.

A morte, que é recorrente no romance, é o contraponto desse amor; Afonso Domingos, o missionário que celebrara o casamento de Pedro e Carminha morre por causa de uma bala perdida, poucos dias depois. O terror e o silêncio orquestraram um drama que prenuncia um ocaso na união dos amantes. Amor e morte veiculam o espaço caótico angolano em vias de adquirir a sua Independência: “Angola começava a tombar pelas ruas, gente a fugir por entre um mar de caixotes. (...) O caos, traçado à distância por demagogos do apocalipse, engendrava equívocos de toda a sorte.” (CR, 99).

Alexandre vai para Lisboa encontrar a avó paterna. É a primeira vez que sai de Angola, [Vou] “pela imagem de um pai que só existe em palavras (...) e no rumor cinzento de fotografias” (CR, 13). Desde pequeno que a voz materna efabulava o seu imaginário, criando realidades de um universo que era só dele, ao qual acedia através das ansiedades do seu espírito. Esse caudal cheio de sonoridades irá correr para o livro que Alexandre escreve para enaltecer o amor dos pais.

Alexandre enceta várias tentativas de procura, prévias à escrita do livro a que se obrigou. Tendo começado por uma revisitação dos documentos do pai,

parte a seguir para uma recuperação dos relatos que deambulavam na sua imaginação. Iniciou a narrativa por variadíssimas vezes, tentando ser fiel ao surgir das reminiscências que acorriam e tentou dar-lhes forma. A seguir, houve a procura geográfica, Alexandre vem a Portugal e no seguimento da viagem dá-se o encontro com as pessoas da terra do pai – que se lembravam deste e do irmão, com quem ele também se parecia – e da própria avó que Alexandre considerava a provável depositária do destino do pai. Estaríamos perante uma viagem através do conhecimento de personagens conhecidas e familiares e da memória destas, como é o caso do velho do café que o olha com uma expressão atónita: “Mal o vi, fiquei com a impressão de que tinha recuado no tempo. Nunca vi alguém tão parecido com o Pedro Rico. Nem o irmão dele, o Rui, que morreu tão novo, coitado.” (CR, 123).

São todas tentativas para recolher as recordações do progenitor porque não há infância feliz sem um pai a ver crescer o filho e, em Portugal, Alexandre irá encontrar um pai virtual no espaço que este habitou: “(...) é um lugar antigo, longe” (CR, 121). onde ele vê as oliveiras pela primeira vez, árvores que apenas conhecia das passagens bíblicas que Mamã Carminha lhe contara. São contudo as flores silvestres e o chilrear dos pássaros que melhor associam o espaço à infância longínqua da figura paterna. O jovem encontra-se perante uma realidade muito afastada da sua existência africana, e motivo de curiosidade das pessoas do lugar: “Sinto que reparam em mim, na cor da minha pele.” (CR, 122)

São todos estes passos que Alexandre terá que dar e deu, para iniciar a sua última tentativa: escrever um livro para contar o resultado das suas investigações; a procura da identidade através da escrita. Esta, apesar de difícil e sempre incompleta, tem a virtude de inventar suprimindo os dados em falta. A escrita é também um processo cognitivo de auto-consciencialização das personagens em função do narrador, uma viagem ao interior do sujeito que escreve.

A procura do pai envolve também uma procura de identidade. O pai é a origem familiar, é aquele que dá o nome e determina quem se é. Como já

afirmámos, procurar o pai é procurar-se a si mesmo; são linhas da mesma urdidura.

A figura paterna é uma referência para a passagem à vida adulta e sem o seu reconhecimento Alexandre continuará perdido e desorientado no espaço africano. O pai como fonte de identificação é insubstituível, o que implica que um pai ausente seja motivo de dificuldades na assunção da identidade feminina ou masculina, sobretudo no momento da adolescência em que se perde definitivamente a condição de criança, a identidade infantil. Desta forma torna-se necessário encontrar o progenitor para que o adolescente consiga um desenvolvimento harmónico da personalidade, daí que a boa relação da criança com a mãe, o que acontece no romance, irá favorecer a vinculação futura com o pai, contribuindo para o desenvolvimento da sua personalidade.

Alexandre Rico, já em casa da avó, logo a seguir à sua chegada, ainda cansado das emoções por que passara, olha-se ao espelho e subitamente compreende que aquela face era a do pai que ele sempre aguardara e da qual é a reencarnação: “Estou diante do espelho. Sou parecido com um homem que nunca conheci, de quem me faltou a voz de pai, os vigorosos ramos de um abraço, as confidências perante as primeiras inseguranças da juventude, as cumplicidades, os conselhos.” (CR, 126) Inesperadamente, esta parecença física desperta um sentimento misto de surpresa e alegria, suprimindo o sentimento de orfandade que o leva a pensar: O pai também sou eu, ele vive em mim. A incógnita desvanece-se e os seus mais profundos anseios levam-no a imaginar o pai a entrar em casa e dizer-lhe: “Vês, meu filho, és parecido comigo.” (CR, 63).

Num breve espaço e tempo a descoberta, a incerteza e o auto-questionamento desorientam o jovem que pretende saber “Como teria ele gostado da pessoa que sou? Como seria ele o pai que busquei no chão da minha infância? Onde estará ele agora?” (CR, 126) A aproximação do desvendar da incógnita é prenhe de dor e receio. As respostas que irá encontrar podem acabar definitivamente com as suas esperanças.

O encontro com a avó vai-lhe proporcionar a solução de um enigma: a sua identidade e o destino do pai que o abandonou. Os pensamentos do jovem agitam-se com o rumor das dúvidas e incertezas; interroga-se acerca do seu papel naquele momento tão importante da sua vida “Serei, no fim da história, o espectador que viu desenrolar diante de si o pergaminho do seu próprio drama, ou apenas o ávido leitor de um livro cujo enredo nunca termina?” (CR, 126).

Podemos constatar que o livro é a construção da sua própria face. A sua trajectória significou uma transformação e uma recuperação temporal. A confrontação com o seu próprio destino é uma manifesta procura do conhecimento. O próprio escritor procura conhecer-se através da sua escrita e através das personagens que cria; esse é o grande objectivo da literatura e do romance em questão.

Através da leitura de *A Casa das Rugas* apercebemo-nos de uma certa ambiguidade em Eduardo Bettencourt Pinto: o profundo amor por África e o seu amor por Portugal, país de origem do pai e dos seus antepassados paternos, tudo isto convergindo numa síntese em que sobressaem a valorização do passado português e a defesa da língua portuguesa como símbolo da identidade lusa no mundo:

Tentarei um dia indicar aos meus filhos o caminho do passado, do mesmo modo que o aprendi do meu falecido pai. Só vim a conhecer Verride, a sua terra, quando ele, já debilitado pela doença e pela idade, caminhava socorrido de uma bengala. Foi numa tarde de Junho, solar e quente, que seguimos vagarosamente pelas ruas da sua infância. (...) Socorrendo-se da sua memória prodigiosa, o meu pai parava de vez em quando e cantava enquanto as andorinhas cruzavam os espaços e um odor a vento seco, amando devagar a luz forte do dia, caía sobre os meus ombros como um casaco velho.⁴²

(...)

A língua é uma espécie de metafísica que transcende os triviais espaços da comunicação diária. Traz consigo a história de um povo, de um tempo...”
(...) A língua, que cresce connosco com o prodígio invisível de uma roupa que estica até ser parte do nosso corpo, demarca-nos uns dos outros no imenso mosaico cultural no mundo em que vivemos. Ela é uma identidade

⁴² Eduardo Bettencourt Pinto, “A Língua, Oceano da Fala”. *Op. cit.*, p. 23

(...) dá-nos o sentido do grupo... Não podemos fugir nunca dessa voz interior onde, nas artérias sensoriais, corre, límpido e incessante, o sangue da tribo.⁴³

É desta forma que Bettencourt Pinto, sem se assumir totalmente português, celebra a portugalidade através da cultura e do uso da língua comum a Portugal, Açores e a África de língua portuguesa, reconhecendo fazer parte da lusofonia espalhada pelos caminhos dos que partiram e que não esquecem as suas origens, reproduzindo, adaptando e difundindo os seus valores e tradições. É através de *A Casa das Rugas* que nos aproximamos da presença, na memória do autor, de uma África sensual e nostálgica e dos seus sentidos fabulosos e intensos, ilustrada por exemplo, pelo pregão das vendedoras de fruta oferecendo laranjas doces – imagem que, estaria na criação da personagem Carminha:

Sempre me fascinou o som de uma voz. Na minha terra, as quitandeiras – vendedeiras de fruta –, cantavam pela rua o nome dos frutos, sobre a cabeça, numa quinda. Eram a pobreza de pés descalços e dos *panos de chita cobrindo-lhes o corpo de bronze*.⁴⁴ Eram também a voz da cidade, das *laranjas* e dos abacaxis, o estrídulo do Verão. Oiço-as ainda, neste preciso momento em que as escrevo aqui.⁴⁵

Mais uma vez, a memória sensorial povoa o mundo do escritor que a muitos quilómetros de distância da África que (re)inventa, procura o seu conhecimento, inscrevendo-se nos movimentos denominados de literatura da identidade que povoam os espaços partilhados pelos ausentes das pátrias.

A pátria e a língua pátria, presentes no romance, são também elementos de integração e de união que funcionam como espaço de identificação em qualquer lugar. A língua pátria, que normalmente se chama língua materna, em *A Casa das Rugas* não é a língua da mãe, mas a língua do pai: no livro o narrador domina a linguagem de modo a interessar o leitor e mostrar a sua maturidade. A mãe é a que ensina o filho a falar; porém, a língua em que Alexandre fala com a mãe na infância é a língua do pai – que o representa mesmo quando ele está ausente –. A

⁴³ Eduardo Bettencourt Pinto. *Op. cit.*, p. 20.

⁴⁴ Itálico nosso. Refere-se à descrição que o narrador faz de Mamã Carminha, *CR*, 47; cf. ainda a p. 57.

⁴⁵ *CR*, p. 18.

criança cresce e desenvolve-se através da fala, veículo de reflexão, de expressão e comunicação que representa a sua maturidade.

A procura do pai é também a procura das suas origens linguísticas e é através desse caminho de procura que Alexandre se torna escritor e encontra na escrita a sua identidade.

CONCLUSÃO

As duas obras que acabamos de analisar permitem-nos considerar que a expressão “luso-descendentes” tem vindo a aglutinar os sucessores dos portugueses que, por motivos da diáspora portuguesa, nasceram e se radicaram no estrangeiro e também aqueles que optaram por regressar a Portugal – país dos antecessores. Esta designação é assim muito ampla, alberga variadas sintonias biográficas e geoculturais em consonância com os territórios portugueses de além mar. Ásia, África e América foram os continentes onde a língua e os costumes portugueses partilharam o espaço das etnias e línguas locais.

As influências vivenciadas nessas paragens estão patentes na criação das novas literaturas denominadas “étnicas” ou de segunda geração. Tal conceito parece-nos difuso se utilizado para caracterizar as idiosincrasias de obras que têm vindo a surgir nos grandes centros, inúmeras vezes referenciados como locais onde se elegem os premiados da vanguarda da criação literária como Londres ou Toronto, cidades do *Booker Prize* e dos *Canadian Booksellers Association Libris Awards*. A denominação “literatura étnica” não só é difusa como é exclusiva, no sentido de não incluir mas antes afastar essa produção literária de um centro canônico, do *mainstream*, quando, de facto, poderia ser considerada como uma fonte criativa paritária, originada na sociedade que se pretende igualitária e multiétnica. Os Estados Unidos da América foram os grandes incentivadores da ‘literatura étnica’ como estratégia de identificação do diferente representado pelos milhares de emigrantes que povoaram o seu território, muitas vezes por oposição à escrita considerada original desse espaço ou ‘pertencente’ ao espírito da nação.

Também no Canadá essas literaturas espelham as transformações sociais em curso num país pluriétnico por excelência que tem feito da integração um propósito principal.

Não estaremos perante a versão de Pico Iyer¹ de que o “Império contra-ataca” porque não é do fenómeno de inversão de poderes dentro dos antigos territórios coloniais que se trata, mas antes do direito que as vozes, descendentes das migrações que formaram o povo canadiano, ganharam, contribuindo com a riqueza e a diversidade das suas escritas. Já não se encontra razão para os *hyphenated citizens*, pois todos são canadianos. A própria sobrevivência da nação assim o requiere. No entanto, os caminhos e as razões da procura de identidade e do multiculturalismo continuam a ser discutidas e haverá sempre mais uma hipótese de explicação do fenómeno de movimentação de massas e das dificuldades de adaptação aos países onde se instalam.

Procurando conciliar a relação contígua da realidade canadiana dos lusodescendentes, a produção literária originada no seu seio e o explorar dos ecos do sentir e dos valores lusos nas palavras dos que atravessaram o Atlântico escolhendo o Canadá como porto seguro, analisámos aturadamente estes autores que, embora diferentemente marcados pela especificidade da sua personalidade e pela novidade da sua obra, nos pareceram paradigmáticos.

Neste sentido, tentámos que o percurso realizado no nosso trabalho traçasse uma linha condutora abrangente que contemplasse o espaço da emigração de que os objectos fundamentais fazem eco, embora diferido, já que se concentram no espaço português, *My Darling Dead Ones* e angolano, *A Casa das Rugas*. Assim, considerámos os dados históricos do Canadá; a experiência da emigração retratada na entrevista de um cidadão português emigrado para o Canadá em 1955 e os frutos culturais dessa emigração, representada nos romances que analisámos sob o ponto de vista da recuperação da identidade através da escrita e, por coincidência de temas, da perda da inocência perante a compreensão do efeito da morte.

¹ Pico Iyer. “The empire Writes Back”. *Time*, February, 8, 1993: 46-51. O título foi inspirado no livro de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, *The Empire Writes Back: theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London, New York: Routledge, 1989. Assume-se que a expressão “the Empire writes back”, no sentido em que a utilizamos, foi inventada por Salman Rushdie.

Poderíamos dizer que durante o percurso de escrita desta dissertação procurámos entender a grande saga da Família Portuguesa, cuja reconstrução remonta aos meados do século XIX – por exemplo nos relatos da vida de Joe Silvey, o pioneiro da British Columbia citado no primeiro capítulo –, passando por diversos testemunhos dos emigrantes, alguns deles ainda vivos, que surgem nos mais variados estudos sobre esta questão, citados na nossa bibliografia, saga que se vê retratada e (re)criada de forma diversa e original nos romances cuja leitura apresentamos, para a qual converge inúmeras vezes a compreensão dos factos históricos que emolduram a reafirmação das tensões e rupturas da vida do imigrante e do seu núcleo familiar. À entrevista que nos foi concedida por Joaquim de Matos, radicado no Canadá, atribuímos um valor documental, já que se trata de um sobrevivente do maior contingente de emigrantes portugueses para a América do Norte ao abrigo de um convénio entre Portugal e o Canadá.

Verificámos que a maior parte dos portugueses que partiram não regressaram, adaptaram-se ao clima inóspito das terras do norte do continente americano e à sua forma de vida, sem por isso perderem o seu apego à terra de origem, reproduzindo as tradições matriciais na nova sociedade. Fundaram famílias e os seus filhos são hoje cidadãos intervenientes na sociedade que acolheu os seus progenitores. E nesses espaços onde se radicaram e permaneceram ignorados durante muitos anos, acordaram a tempo para mostrar o que tem de diferente e novo a sua produção literária.

Poderíamos supor que a formação profissional de Erika de Vasconcelos e o convívio com o escritor Nino Ricci, seu ex-marido, poderão ter sido impulsionadores da sua escrita. Mas na realidade socorre-se no seu primeiro romance fundamentalmente das lembranças da família portuguesa, residente em Portugal e em especial das mulheres, avó e tias, que conheceu ao longo de férias passadas no nosso país e que lhe merecem grande admiração, transmitindo-nos o relato do ouvido, experimentado ou intuído por elas. Fiona na qual descortinamos a projecção de de Vasconcelos, mantém uma ligação estreita com as mulheres da família – Elas revelam-se uma fonte de inspiração e um modelo a

seguir: são fortes de espírito, independentes e inconventionais – no que constitui uma ilha sentimental, o lugar da identificação. Com elas estabelece uma relação de elo na transmissão dos seus segredos e, finalmente, constitui-se na depositária das suas histórias, ao guardar os diários da tia Magdalena.

De Vasconcelos nasceu e cresceu numa sociedade moderna, sem extremismos religiosos castradores e onde a actividade dos movimentos femininos é uma amostra da forte participação das mulheres numa sociedade que sempre nelas se apoiou, dado que tanto as mulheres nativas do Canadá como as pioneiras que para lá foram, se revelaram verdadeiras matriarcas.

Os antecedentes da autora e o seu percurso familiar e social reflectem-se no seu romance. Ele é cerebral e frio; a análise da vida familiar nem sempre é risonha e revela as incompreensões e traumas dos seus membros, ao mesmo tempo que pretende chocar e até desafiar o leitor a aceitar determinadas realidades que putativamente ferem o pudor da intimidade, livremente exposta na narrativa. Existe a intenção de banalizar o sexo remetendo-o ao lugar de uma acção fortuita, sem continuidade (recorde-se a cena em que a narradora Fiona, de visita a Portugal, faz sexo num lugar público, atraída por um desconhecido que não voltará a encontrar). Esta cena é conclusiva; indica-nos uma mulher à deriva, uma mulher endurecida por uma experiência negativa que não mostra envolvimento afectivo. Paradoxalmente, existe uma dimensão espiritual que se evidencia na procura de recolhimento de Fiona na Igreja de Notre Dame em Montreal – após a morte da avó – espaço único de meditação que não se chega a cumprir.

De forma determinada, a narrativa *My Darling Dead Ones* confere uma importância secundária às personagens masculinas, numa forte condenação do hierarquizado mundo patriarcal que enclausura a mulher no seu “garden” cercado, “if it is to enclose” dirá a personagem Leninha (*MDDO*, 122). O jardim, uma espécie de ilha bela, tinha de ter ‘muros’, como bem refere Laura Bettencourt

Pires: “throughout time and across cultures men have dreamed of turning every woman into an isolated island while they are part of the masculine mainland”.²

Com uma história de vida oposta a Erika de Vasconcelos, que *A Casa das Rugas* tão bem reflecte, Eduardo Bettencourt Pinto, nascido em Angola e residente em Pitt Meadows, na British Columbia, traz consigo o sangue português do pai oriundo de Montemor-o-Velho, da mãe, originária dos Açores e de África, a sua sempre procurada génese. Escreve de preferência em Português, tendo não obstante, começado a escrever poemas em Inglês. Estes antecedentes reflectem-se no seu contínuo olhar sobre o passado, sobretudo a infância a qual, segundo o autor, constitui o momento mais redentor e o reduto que tenta manter como território. Daí a afectividade que brota das suas palavras, das suas metáforas e da criatividade eufórica de cores, odores e espaços entre a terra e o mar, numa recuperação contínua da natureza.

A Casa das Rugas, de Bettencourt Pinto, tal como *My Darling Dead Ones* de de Vasconcelos, pelo poder evocativo de outras geografias, de outros tempos históricos, linguagens étnicas, expressões populares e costumes, trazem ao leitor experiências novas e diferentes o que, segundo refere Vamberto Freitas, concretiza uma estratégia comum às novas literaturas sem fronteiras que fazem parte dos movimentos literários dos novos centros geográficos originados pelos movimentos migratórios. Estas histórias de vidas privadas surgem como uma recuperação dos espaços perdidos, numa tentativa de exorcizar um passado que, na realidade, já não se recupera, consciência de que resulta uma crise de identidade, presente na procura do passado pessoal e do passado familiar subjacentes à construção e às estratégias narrativas de ambos os textos.

A escritora luso-canadiana, ou canadiana como se afirma e é reconhecida, vive e trabalha em Toronto mas não se relaciona com a comunidade

² Maria Laura Bettencourt Pires. “Every Woman an Island: The Insular Dream of Men”. *Engendering Identities*. Ed. Susan B. Castillo. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996, p. 149.

portuguesa no Canadá, e nem disso revela particular interesse.⁹⁴ Na afirmação plena da sua cidadania canadiana optou pelo uso do Inglês.

Em relação à obtenção de uma resposta para a procura de identidade, a história de *A Casa das Rugas* revela-se mais tecida, e portanto esta procura foi mais conseguida do que no livro de Erika de Vasconcelos que fica, de algum modo, em aberto “– Why have I come? I have come for fountains (...) for the smooth stones (...) for kings and queens. (MDDO, 194). A autora serve-se de factos históricos de Portugal, um velho país, com tradições e histórias para contar, que ela mal conhece, mas que actua como um marco ancestral na sua arte da escrita. O país é representado pelas imagens visuais que recolheu nas suas várias visitas e cenas empolgantes da sua história como por exemplo a tragédia de Pedro e Inês.

Por outro lado, experimentamos a sensação de que a autora não acabou de contar o que pretendia. A história vai prosseguir no segundo romance *Between the Stillness and the Grove*. Nas últimas páginas de *My Darling Dead Ones*, Fiona encontra uma mulher exilada, Zvedig, que irá ser a personagem do seu segundo romance, uma desenraizada, alguém em trânsito em que a autora se projectou.

O “Eu” que foi procurado não tem uma resposta última. No caso de Alexandre Rico em *A Casa das Rugas*, há uma maior pacificação e alcance relativamente ao objectivo: conhecer o pai. A sua figura será mais marcante, mais decisiva, mais forte e é por isso mais definidora do que a figura da mãe, da ancestralidade feminina que é mais difusa, mais complexa, mais difícil de definir, já que é uma história mais subterrânea, mais indirecta, a que não se tem acesso senão através de indícios, de restos, de fragmentos e vestígios que o pudor não deixa revelar.

Encontram-se também diferenças significativas entre os dois romances. Enquanto um é manifestamente a procura do pai português e o assumir de todo um passado, o outro percorre um passado vivido e contado que não é totalmente

⁹⁴ A mencionada autora não respondeu às mensagens enviadas quando do início deste trabalho.

assumido –. De Vasconcelos escreve em Inglês e cita algumas palavras em português ao tempo que manifesta não se sentir responsável pela continuidade memorial da família embora dela se sirva.

A história ficcionada de Bettencourt Pinto é profundamente afectiva, o que se reflecte no tom poético da escrita. A poesia latente exprime a afectividade, a nostalgia, o sentimento de perda, a ausência e o vazio. O livro de de Vasconcelos é o oposto, mostrando-nos o complexo mundo interior da personagem feminina com laivos de azedume e contrastes entre o amor e a morte.

Ambos tratam de histórias da vida privada de pessoas comuns, que se inscrevem numa história mais vasta.

Erika de Vasconcelos relembra costumes portugueses como o culto dos mortos, hoje talvez mais praticados nas aldeias e vilas portuguesas do que na urbe, ao tempo que valoriza as flores como o elemento da natureza, emblema de vida belo e harmonioso que sugere uma ressurreição efémera, um regresso ao mundo dos vivos, assim como o ritual do pano branco qual lençol que cobre as ossadas da avó numa recuperação de antigas tradições em que as mulheres bordavam os lençóis de linho destinados a guarnecer o corpo no caixão.

A vida e a morte estão também presentes no romance de Bettencourt Pinto que consegue conjugar o momento histórico angolano com o início da história da vida de Alexandre Rico nascido no imprevisto da guerra que iria dilacerar Angola e a sua adolescência. Alexandre nasce filho de pai desconhecido, não porque fosse essa a situação, mas porque verdadeiramente nunca o chega a conhecer, facto que irá implicar uma procura intensa e emocional da sua identidade.

Julgamos que a sensação de dupla pertença experimentada pelos autores não os parece estabilizar: por um lado enriquece-os, e por outro, desorienta-os. O indivíduo não possui uma geografia única de vida, equilibra-se entre dois espaços que não o reconhecem como “natural de” mas como “o outro”, não é originário nem estrangeiro. Será esta a causa da procura das raízes, a necessidade de um cordão umbilical que alimente um espírito sedento de si mesmo e ensimesmado no passado?

Várias seriam as hipóteses de resposta, que nós deixamos em aberto, da mesma forma que os romances dos autores tratados o são, por forma a obter tantas respostas quanto as perguntas que a emigração e o mundo multicultural canadiano em todas as suas facetas nos colocam repetidamente. O palco da escrita comum é o Canadá que não aparece de modo relevante no romance de Erika de Vasconcelos apesar de mencionar duas cidades, Montréal e Toronto. No livro de Eduardo Bettencourt Pinto nada nos faz pensar que foi escrito no Canadá; o autor pode estar a escrever num qualquer lugar, já que as vozes narrativas evidenciam um pendor lírico, evocando a África da sua infância.

Ambos têm em comum, a criatividade literária e a ancestralidade portuguesa; reconstituem um passado que não é a realidade linear, como estratégias que lhes permitam conhecer-se e reencontrar-se. A procura da identidade está registada tanto em Erika de Vasconcelos como em Eduardo Bettencourt Pinto e os seus romances projectam-na; ambos são criadores de um discurso feito de interioridades que acentua a mesma procura.

Bibliografia

Bibliografia Primária

PINTO, Eduardo Bettencourt. *A Casa das Rugas*. Lisboa: Campo das Letras Editores, 2004.

VASCONCELOS, Erika de. *My Darling Dead Ones*. Toronto: First Vintage Canada Edition, 1998.

Bibliografia Secundária

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. *A Estrutura do Romance*. Coimbra: Almedina, 1974.

ALFANO, Michelle. "Interview: By the Force of Their Own Will: The Women of *My Darling Dead Ones*". *Paragraph. The Canadian Fiction Review*. V. 19. 1998, pp. 3-9.

ALMEIDA, Carlos e BARRETO, António. *Capitalismo e Emigração em Portugal*. Lisboa: Prelo, 1976.

ALPALHÃO, João António e ROSA, Victor Manuel Pereira da. *Les Portugais du Québec*, Ottawa: Editions de L'Université, 1979.

ANDERSON, Grace M. and HIGGS, David. *A Future to Inherit: The Portuguese Communities of Canada*. Canada: Mc Clelland and Stewart, 1976.

ANDERSON, Grace. *Networks of Contact: The Portuguese and Toronto*. Waterloo, Ontário: Wilfried Laurier University Press, 1974.

ANTONELLI Quinto & LUSO Ana. *Vita di Carta*. Napoles: L'Ancora del Mediterraneo, 2000.

ARROTEIA, Jorge Carvalho. *Atlas da Emigração Portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração, 1985.

----- . *A Emigração Portuguesa: Suas Origens e Distribuição*. Lisboa: ICALP, 1983.

AUBIN, Henry. "A Little Bit of Portugal Brightens City Core." *The Gazette*. Montreal, Vol. I nº 3 (Dezembro 1974), pp. 76-84.

- BARMAN, Jean. *The Remarkable Adventures of Portuguese Joe Silvey*. British Columbia: Harbour Publishing, 2004.
- BERRY, John. W.; KALIN, Rudolf; Taylor, Donald M. *Multiculturalism and Ethnic Attitudes in Canada*. Ottawa: Minister of Supply and Services Canada, 1977.
- BERTON, Pierre. *The Promised Land. Settling the West 1896 – 1914*. Canadá: Anchor Canada Edition, 2002.
- BIRMINGHAM, David. *Portugal e África*. Lisboa: Coleção Documenta Histórica, Vega, 2003.
- BLOOM, Harold. *The Anxiety of Influence. A Theory of Poetry*. Oxford: Oxford Yale University Press, 1979.
- BOCHACA, Jordi Garreta. *La Integración Socio-Cultural de las Minorias Étnicas (gitanos e imigrantes)*. Barcelona: Anthropos, 2003.
- BULGER, Laura. *Vaivém*. Lisboa: Vega, 1986.
- . *Canadianos ou Étnicos? Em busca de uma Identidade*. Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1987.
- BURNAY, Shehla. *Across the Atlantic: The Story of Portuguese Canadians*. Toronto: Difference Press, 2003.
- CARVALHO DOS SANTOS, Maria Helena. *Emigração. Uma Constante da Vida Portuguesa*. Cadernos F.A.O.J. Série A., n.º 11. Lisboa, 1978.
- The Canadian Family Tree: Centennial Edition 1867-1967*. Ottawa: Canadian Citizenship Branch, Dept. of the Secretary of State and the Centennial Commission, 1967.
- CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering: Psycho-Analysis and the Sociology of Gender*. Berkeley, California: University of California Press, 1978.
- CID, Teresa. “Reading Katherine Vaz. Re-thinking the Portuguese Diaspora”. In *Feminine Identities*. Luisa M. Flora, Teresa F. A. Alves and Teresa Cid, eds. Cadernos de Anglistica 5. University of Lisboa Centre for English Studies. Lisboa: Colibri, 1999.
- CROCHANE, Jean. *Kensington*. Ontario: Boston Mills Press, 2000.

- CURTIS, Edward S. *En Kayak entre los Hielos. El Indio Norteamericano. Esquimales*. Vol. 20. Ed. José J. de Olañeta. Barcelona: La Pipa Sagrada, 1999 [1930], pp.21-22.
- DRIEDGER, Leo. *Race and Ethnicity: Finding Identities and Equalities*. Ontario: Oxford University Press, 2003.
- DUARTE, Maria de Deus. “Uma voz portuguesa em Vancouver”. *Anais*, III. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2004, pp. 263-269.
- . “História, Saga familiar e Auto-reflexividade romanesca: John Fowles e Lúcia Jorge”. *Anais*, II. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, pp. 295-307.
- DUBY, George. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XX*. Dir. Françoise Thébaud. Ed. Perrot Michelle. Vol 5. Porto: Afrontamento, 1995.
- Ecos do Canadá*, Lisboa, n.º 25, Outubro/Novembro 2005.
- FERNANDES Ferreira, Cristina. “Documentário homenageia pioneiros da emigração para o Canadá”. *Tempo Livre*. N.º 156. Lisboa, Janeiro 2005, pp. 38-39.
- FIGUEIREDO, António. *Portugal, Cinquenta Anos de Ditadura*. Lisboa: Dom Quixote, 1976.
- FREITAS, Vamberto. “Nova escrita da (Nossa) Experiência Transnacional: as Gerações Seguintes”. In *Arquipélago. Línguas e Literaturas*. N.º 17. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2001-04, pp.213-227.
- GAMEIRO, Aires. *Emigrantes. Psicologia Social Conflitos e Desafios Culturais*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1984.
- GEORGEL, Jacques. *O Salazarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- GIL, V. Manuel Lopes. “Emigrantes da Segunda Geração”. *Povo Rural*, nº 66, 1980, pp. 13- 14.
- GILBERT, Sandra and GUBAR Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman and Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven and London: Yale University Press, 1979.
- GILES, Wenona. *Portuguese Women in Toronto: Gender, Immigration and Nationalism*. Toronto: University of Toronto Press, 2002.

- HAMILTON, John. *Portuguese in Transition*. Toronto: Board of Education for the City of Toronto, 1970.
- HANSEN, Marcus Lee. *The Immigrant in American History*. Ed. Arthur M. Schlesinger. Cambridge: Harvard University Press, 1950 [1940].
- HANSEN, Marcus Lee. *The Problem of the Third Generation Immigrant*. Rock Island, Illinois: Augustana Historical Society, 1938.
- HELMES-HAYES, Rick and CURTIS, James. *The Vertical Mosaic Revisited*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.
- HIGGS, David (ed.). *Portuguese Migration in Global Perspective*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario, 1990.
- HIGGS, David and BUCKNER, P. A. (dir.). *The Portuguese in Canada*. Série "Canada's Ethnic Groups", Ottawa: Canadian Historical Association, 1982. (tradução francesa: *Les Portugais au Canada*. Ottawa, 1982).
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms*. London and New York: Methuen, 1985.
- . *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.
- . *The Politics of Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1989.
- HUTCHEON, Linda and RICHMOND Marion. Ed. *Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- HUTCHINSON, John and SMITH, Anthonhy D. Ed. *Ethnicity*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- JENNES, Diamond. *Indians of Canada*. Bulletin 65. Ottawa: National Museum of Canada, rev., 1955. *Encyclopedia Britannica*. Walter Yust, ed. London: V. 9, pp. 696-697.
- JOEL, António Augusto. "Literature of Portuguese Background in Canada". *The Portuguese in Canada*. Eds. C. Teixeira and V. da Rosa. Toronto: University of Toronto Press.

- JOSEPH, Rabbi Howard. *The Continuing History of the Spanish and Portuguese Congregation of Montreal 1768-1993: 225 Years of Renaissance*, Montreal, Robert Davies, 1996.
- KAZIN, Alfred. "Autobiography as Narrative". *Michigan Quarterly Review* 3, 1964, pp. 210-216.
- LOPES, Duarte Nuno. *Peregrinação: Uma História das Comunidades Portuguesas do Québeque, 1953-1999*. Açores: Direcção-Geral das Comunidades – Governo da Região Autónoma dos Açores, 2000.
- MARINHO, Maria de Fátima. *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- MARTINS, L. Augusto. "Emigração Portuguesa no Canadá". *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, (Jul.- Set), Vol. 89, pp. 219-230.
- MARQUES, Domingos and MARUJO, Manuela. *With Hardened Hands: A Pictorial History of Portuguese Immigration to Canada in the 1950's*. Etobicoke, Ontário: New Leaf Publications, 1993.
- MARQUES, D. and MEDEIROS, J. *Imigrantes Portugueses: 25 anos no Canadá*. Toronto: Movimento Comunitário Português, 1978. Tradução inglesa: *Portuguese Immigrants: 25 years in Canada*, Toronto: West End Y.M.C.A. (1980).
- MARUJO, Manuela. "Bilinguismo no Canadá – Desafios e Abordagens de uma Sociedade MULTICULTURAL, Multiracial e Multiétnica". *Actas do Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa: FCSH-UNL, 2001, pp. 499-512.
- MELO, Pedro Miguel. *The Life History of Portuguese Return Migrants: a Canadian-Azorean Case Study*. Dissertação de Mestrado. Ontario: York University, 1997.
- MIRA, Manuel. *Os Portugueses na Formação da América. Melungos e os Primeiros Pioneiros da América*. Franklin, Carolina do Norte: Fundação Luso-Americana de Pesquisa Histórica, Lda., 2001.
- MONTEIRO, George. *The Coffee Exchange*. Providence: RI, Gávea-Brown, 1982.
- MOURA, Manuel de Almeida and SOARES, Imitério. *Pionniers: l'Avant-Garde de l'Immigration Portugaise*, Montréal. Edição de Autor, 2003.

- MUNZER, R. Pereira. "Immigration, Familism and In-Group Competition: A Study of the Portuguese in the Southern Okanagan" in *Canadian Ethnic Studies*, Vol. III, nº 11, 1981, pp. 258-278.
- NENA Patim de Sá, Isabel Maria. "The Presence of Portugal and the Portuguese in the Fiction of a Canadian Writer of Portuguese Descent: Erika de Vasconcelos *My Darling Dead Ones*." *Portuguese Studies Review*, 11 (2) (2004), 109-132.
- NINETTE, Kelley and TREBILCOCK, Michael. *The Making of the Mosaic: A History of Canadian Immigration Politic*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.
- NOIVO, Edite. *Inside Ethnic Families: Three Generations of Portuguese-Canadians*. Montreal: McGill-Queen's University, 1999.
- , *Family Life-Worlds and Social Injuries: Three Generations of Portuguese Canadians*. Tese de Doutoramento. Montréal: University of Montreal, 1992.
- NUNES, Fernando. *Problems and Adjustments of the Portuguese Immigrant Family in Canada*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1986.
- , (coord.). *Luso-Canadianos de Costa a Costa*. Relatório Congresso Nacional Luso-Canadiano. Toronto, 1999.
- , *Portuguese-Canadians From Sea to Sea - A National Needs Assessment*, edited by Portuguese-Canadian National Congress Toronto. Ontario: 1998.
- , *Portuguese-Canadians and Academic Underachievement: A Community-Based, Participatory Research Project*. Unpublished doctoral dissertation, Ontario: Institute for Studies in Education of the University of Toronto, 1999.
- OLIVEIRA, Manuel Armando e TEIXEIRA, Carlos. *Jovens Portugueses e Luso-Descendentes no Canadá*. Oeiras: Celta, 2004.
- PATTEE, Richard. *Os Portugueses no Canadá*, Lisboa. Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Separata Bol. Acad. Internacional de Cultura Portuguesa, nº 4, University of Toronto Press, 2000, pp. 191-206.

- PETROFF, Lillian and TEIXEIRA, Carlos. "From Portugal". *Canada at the Millennium: A TransCultural Society*. Edited by C. J. Hunber. Mississauga and Toronto: Heirloom Publishing and Multicultural History Society of Ontario, 2000.
- PINTO, Eduardo Bettencourt. *O Príncipe dos Regressos*. Lisboa: Salamandra, 1999.
- . *Um Dia Qualquer em Junho*. Lisboa: Instituto Camões-Colecção Pontes Lusófonas, 2000.
- . *Tango nos Pátios do Sul*. Lisboa: Campo das Letras, 2001
- PIRES, Maria Laura Bettencourt. "Every Woman an Island: The Insular Dream of Men". *Engendering Identities*. Ed. Susan B. Castillo. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996.
- PORTER, John. *The Vertical Mosaic: An Analysis of Social Class and Power in Canada*. University of Toronto Press, 1992.
- PRICE, Joanna "En-gendering Communities: The Feminist Turn". *Engendering Identities*. Ed. Susan B. Castillo. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996.
- QUEIRÓS, Eça de. *A Emigração como Força Civilizadora*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- REIS, Carlos. *Técnicas de Análise Textual*. Coimbra: Almedina, 1976.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. e Jorge Arroiteia. *Bibliografia da Emigração Portuguesa*. Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1984.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. "The Portuguese Diáspora". *The Portuguese in Canada from the Sea to the City 1953-1966*. Eds. Carlos Teixeira and Victor M. da Rosa. Toronto: University of Toronto Press, 1999, pp. 5-33.
- . "Descendentes de Emigrantes". *Reunião Mundial do Conselho das Comunidades Portuguesas 4*. Lisboa: Ensino e Cultura., s.ed., 1985, pp. 7-17.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. e Maria. Christina Siqueira de Souza Campos. *Olhares Lusos e Brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

- RODRIGUES, Lourenço. *Os Bastardos das Pátrias*. Lisboa: Distribuidora O Século, 1976.
- RODRIGUES, Maria Aline. *Homenagem aos Pioneiros da Emigração Portuguesa para o Canadá, Residentes no Quebec*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. Centro de Estudos, 1987.
- ROSA, V. M. P. da e TEIXEIRA, Carlos. “Portugueses do Quebec e o Multiculturalismo Canadense”. *Canadart* (Revista do Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade do Estado da Bahia, Associação Brasileira de Estudos Canadenses). Salvador: Universidade Estadual da Bahia, 3, Janeiro-Dezembro 1995, pp. 15-39.
- “O Multiculturalismo Canadiano e o Futuro dos Açorianos no Quebec”, in *Arquipélago - Social Sciences* (Série Ciências Sociais. Revista da Universidade dos Açores). Universidade dos Açores, 9-10, 1996, pp. 217-237.
- “The Portuguese Communities of Montreal and Toronto: A Comparative Analysis”. *Ecos de uma Viagem*, edited by F. C. Fagundes, Providence, Rhode Island: Gavea-Brown Publication, Brown University, 1999, pp.215-228.
- “The Portuguese Community in Quebec”. *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Edited by V. M. P. da Rosa and C. Teixeira. Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- ROSAS, Fernando. O Estado Novo” in *História de Portugal*.Vol. 7. Coord. de José Mattoso. Lisboa: Estampa, 1994.
- RUSKIN, John. “Of Queens’ Gardens”. *Sesame and Lilies* New York: John Wiley and Sons, 1886, pp.
- SANDERSON, D. Anne. *What Would Canada be without the Portuguese and the Italians?* Toronto: n. p., 1996. (Estudo acerca do trabalho da mulher imigrante). in *Bibliografia da História de Toronto desde 1990*. Compilação de Carl Benn. 5ª edição. Toronto: City of Toronto and Heritage Services. Outubro 2005, p. 123.
- SLINGER, John. “Children of Portuguese Caught Between Two Worlds”. *The Globe and Mail*, Agosto. Toronto, 1971,
- SMARO, Kamboureli. Ed. *Making a Difference: An Anthology of Canadian Multicultural Literature*. Toronto: Oxford University Press. 1996.

- SMITH, M. Estellie. "Portuguese Enclaves: The Invisible Minority". *Social and Cultural Identity, Problems of Persistence and Change*. Athens, University of Georgia Press, pp. 81-91.
- SMITH, Sidonie and WATSON Julia. *Reading Autobiography. A Guide for Interpretive Life Narratives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.
- SOARES, Mário. *Portugal Amordaçado. Depoimento sobre os Anos do Fascismo*. Lisboa: Arcádia, 1974.
- SPINNER, Jeff. *The Boundaries of Citizenship, Race, Ethnicity and Nationality in the Liberal State*. Maryland, USA: The John Hopkins University Press, 1994.
- TEIXEIRA, Carlos. "The Portuguese in Toronto - A Community on the Move". *Portuguese Studies Review*, 4 (1), 1995, pp. 57-75.
- "Os Portugueses no Canadá (1953-1993). *Uma Longa Viagem: História da Emigração Portuguesa para o Canadá*. Edited by J. M. Lopes and M. S. P. Lopes Toronto: OISE Press - Ontario Institute for Studies in Education, 1996, pp. 1-10.
- "On the Move: Portuguese in Toronto". *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*, edited by C. Teixeira and V. M. P. da Rosa. Toronto: University of Toronto Press, 2000, pp. 207-220.
- "The Portuguese". *Encyclopedia of Canada's Peoples*. Edited by P. R. Magocsi, Toronto: University of Toronto Press, 1999, pp. 1075-1083.
- TEIXEIRA Carlos and MURDIE, Robert A. "The Role of Ethnic Real Estate Agents in the Residential Relocation Process: A Case Study of Portuguese Homebuyers in Suburban Toronto". *Urban Geography*, 18 (6) 1997, pp. 497-520.
- "The Suburbanization of Portuguese Canadians in Toronto". *The Great Lakes Geographer*, 4 (1) 1997, pp. 25-39.
- "Cultural Resources and Ethnic Entrepreneurship: A Case Study of the Portuguese Real Estate Industry in Toronto". *The Canadian Geographer*, 41 (3) 1998, pp. 267-281.

- . *Portugueses em Toronto: Uma Comunidade em Mudança (The Portuguese in Toronto: A Community in Transition)*. Tradução em língua portuguesa da Tese de Doutoramento do Autor. Angra do Heroísmo: Direcção Regional das Comunidades - Governo da Região Autónoma dos Açores, 1999.
- TEIXEIRA, Carlos and LAVIGNE, Gilles. *Os Portugueses no Canadá: Uma Bibliografia, 1953-1996: The Portuguese in Canada: A Bibliography 1953-1996*. Lisboa: Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, 1998. Estudo bibliográfico mais actualizado e abrangente sobre a presença portuguesa no Canadá (tradução inglesa: *The Portuguese in Canada: A Bibliography / Les Portugais au Canada: Une Bibliographie*, Toronto: Institute for Social Research, 1992).
- TEIXEIRA, C. and ROSA, Victor M. P. da. Eds. *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- TEIXEIRA, Carlos; LAVIGNE, Gilles, “Mobilidade e Etnicidade”, in *Boletim de Geografia Teorética*. (Brasil), 21(41). 1991, pp. 81-92.
- TORRES, Sónia. “Conclusão: Permanências e transformações na virada do século 20”. *Nosotros in U.S.A: Literatura, Etnografia e Geografia de Resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. 2001.
- WELMAN, Sharon Aronofsky. *Ruskin's Mythic Queen. Gender Subversion in Victorian Culture*. Ohio: Ohio University Press, 1998.
- WILLEMS, Emílio. J. “On Portuguese Family Structure”. *The Sociology of the Family: An Interdisciplinary Approach*. Ed. Kanwar Hahfooz. Hamden, Conn.: Linnet Books, 1971, pp. 222-239.

Webgrafia

Almeida, Onésimo Teotónio de. “A Palavra e a distância em E. (de exílio) Bettencourt Pinto”.
10 Setembro 2005. <http://www.geocities.com/ebpinto/onesimo_emails.html>.

BAGÃO, Germano. “Legislação referente ao Magistério Primário durante o governo de Salazar”. Decreto-Lei nº 11 731, de 15 de Junho de 1926. Decreto-Lei nº 13 619, de 16 de Maio de 1927, Decreto-Lei nº 16 077 de 26 de Outubro de 1928 e Decreto-Lei nº 28 081, de 9 de Outubro de 1937.

2 Maio 2005. <www.malhatlantica.pt/germanobagao>.

BEVERLY, Leeck. Canadian History . “Oh Canada”. Alberta University, Canada.
30 Outubro 2004. <<http://www.ualberta.ca/~bleeck/canada>>.

CARVALHO, Carmen. “Tempo de Entrevista com Erika de Vasconcelos”. *Vozes da Cultura*. 11 Março 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/carmen1.html>>.

CARVALHO, Manuel. *Saturnia-Letras e Estudos Luso Canadianos*. Revista virtual. Paulo da Costa.

5 Maio 2005. <<http://www.paulodacosta.com/interview.htm>>.

8 Janeiro 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/SATURNIA.html>>.

11 Março 2005.<<http://manuelcarvalho.8m.com/antologia,htm>>.

HUTCHEON, Linda. *A Crypto-Ethnic Confession*. Athabasca University.

Outubro 2005. Versão incluída em *The Anthology of Italian-Canadian Writing*.

Ed. J. Pivato. Toronto: Guernica Editions, 1988. 27 Maio 04.

<http://www.athabascau.ca/cll/writers/hutcheon_essay.html>.

<http://www.bbk.ac.uk/lc/LCCS/lccs_journal_folder/lccs_journal_folder_v18>.

MARTIN, Sandra. *Erika de Vasconcelos. Death Becomes Her*. Interview, April 1997.

12 Julho 2005.

<http://www.quillandquire.com/authors/profile.cfm?article_id=710>.

MUNRO, Alice. *The Moons of Jupiter*. April 1995. New York: Vantage Books. Lee Lady Review.

15 Maio 2004. <<http://www.2.hawaii.edu/~lady/faq/reviews/munro.html>>.

MUNRO, Alice. “A Conversation with Alice Munro”. Toronto: Vintage Books. The Reading Group Source. 19 Abril 2004.

<<http://www.randomhouse.com/vintage/read/goodwoman/munro.html>>.

NATIONAL LIBRARY of CANADA. Ottawa: National Library of Canada.

“Origins of Canadian Words”.

21 Outubro 2004. <<http://www.collectionscanada.ca./8/11/r11-203-e.html>>.

NESBITT-LARKING, Paul. “The Branding of Trudeau”. *London Journal of Canadian Studies*. Vol. 18, 2002-2003, p. 87. Ed. David Clark. Birckbeck, University of London. 6 Junho 2004.

<taxus.ccs.bbk.ac.uk/lc/LCCS/LJCS/Vol_18/Hunt.pdf>.

NUNES, Fernando. Departamento de Educação de Adultos. Universidade de Toronto, Tese “Portuguese-Canadians and Academic Underachievement”. 11 Maio 2005. <<http://ceris.metropolis.net/Virtual/20Library/communiy/fernando2 /C.4.html>>.

PINTO, Eduardo Bettencourt. “A Ilha do meu Quintal”. 12 Abril 2004. <www.geocities.com/ebpinto>.

Pinto Eduardo Bettencourt. “História Breve com Prefácio”. 3 Setembro 2005. <<http://manuelcarvalho.8m.com/EBPinto18.html>>.

Société Canadienne des Postes. 2005. “Celebrating Portuguese Canada’s First Letter Carrier”. 21 Outubro 2004. <<http://www.canadapost.ca/business/corporate/about/newsroom/pr/default-e.asp?prid=856 - 28k>>.

“The Stowaway: General History”
10 Outubro 2004. <<http://www.whitepinepictures.com/seeds/ii/22/history1.html>>.

THE 1998 CANADIAN & WORLD ENCYCLOPEDIA. Toronto: McClelland and Stewart, 1998. “Portuguese Emigration-Okanagan Valley 1950”
18 Outubro 2004. <<http://www.livinglandscapes.bc.ca/thomp-ok/ethnic-agri/conclusion.html>>.

TEIXEIRA, Carlos. “Building an Ethnic Economy in Toronto, Canada”. *Scripta Nova- Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 94 (77), 1 de Agosto de 2001. Migración y Cambio Social. Actas del III Colóquio de Geocrítica. 18 Outubro 2004. <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-77e.htm>>.

TEIXEIRA, José Carlos. “Portuguese Emigration to Canada”. In *A Key Study in Suburban Toronto*. Toronto: Consulado de Portugal. 11 Outubro 2004. <<http://www.cgportugaltoronto.com/emigration.html>>.

WIKIPEDIA. “A few acres of snow”, in Voltaire, François Marie Arouet. *Candide*. 3 Maio 2005. <http://www.canadiana.org/citm/imagepopus/nf-1759_e.html>.

ANEXO

ENTREVISTA

Joaquim de Matos nasceu em Grândola, onde o pai, natural da Póvoa do Lanhoso, era médico. Tem 81 anos e emigrou para o Canadá há cinquenta, em 20 de Abril de 1955. Tinha na altura 31 anos e vivia e trabalhava na zona norte de Portugal. Frequentou o Curso de Técnico Agrário da Escola Agrária de Santo Tirso. Joaquim de Matos conta-nos: “ – Éramos oito irmãos e só um é que morreu, de resto estamos todos vivos”.

Como referimos na Introdução deste trabalho, a entrevista realizada a Joaquim de Matos poderia constituir a fonte para uma narrativa de cariz biográfico na linha da trama de romances que se têm vindo a publicar recentemente no nosso país como *Bilhete de Identidade* de Maria Filomena Mónica ou *Cartas da Guerra* de Lobo Antunes. Esta coincidência temática das narrativas interiorizadas leva-nos a pensar que, para além da necessidade que os escritores experimentam em resgatar o seu passado – independentemente da estratégia utilizada – para o ficcionar, existe por oposição de equilíbrio um público ansioso por conhecer outras vidas a fim de fundamentar a sua própria existência.

A postura tranquila de Joaquim de Matos revelou-se enérgica e entusiástica ao relatar algumas passagens da sua vida, mostrando a aceitação do seu destino, o que nos leva a pensar que a sua adaptação ao Canadá não teve consequências traumáticas.

Contudo, quando as nossas perguntas se tornavam mais insistentes em relação a determinados aspectos, descobrimos que o passado ou a sua “intenção” obliteravam os momentos difíceis que experimentara até conseguir instalar-se definitivamente em Kitimat.

Convém, no entanto, ter em conta que Joaquim de Matos já tinha sofrido em Portugal as vicissitudes do desemprego, da vida árdua, do frio intenso, da falta de agasalho e do afastamento da vida familiar, como comprovamos através das suas declarações. A emigração foi o concluir de um deambular de terra em terra

no Portugal pobre Salazarista que, como já afirmámos no primeiro capítulo, não garantia o futuro das famílias rurais nem o dos seus filhos.

Ao escutarmos o relato de Matos com atenção, iamós “lendo” a sua narrativa calma e despida de ressentimentos – que se tornava ágil e alegre quando as memórias o empolgavam. Ele permitiu-nos tecer a seguinte conclusão: a vida tinha sido mãe severa para este homem obrigado a emigrar, a sofrer privações e o isolamento, e a perder a mulher quando já julgava ter a sua vida organizada. Não ouvimos queixas, falou antes em dificuldades, entre elas o frio intenso e a falta de comunicação provocada pelo desconhecimento da língua inglesa, aliada à estranheza do ambiente. Se aliarmos o imenso espaço sem fronteiras que a neve traduz ao mutismo que a ignorância linguística ocasiona, o resultado produzido teria sido a solidão.

Após termos dado por concluída a entrevista, ficámos a pensar que teríamos muitas outras histórias interessantes para ouvir, de outras épocas distantes, as quais constituem a ilustração viva de um marco na história do povo português, num reconto genuíno. Passemos então à entrevista:

LV: Qual foi o motivo que o levou a emigrar? Foi difícil obter a autorização para emigrar?

JM: Foi o acaso. Nese ano estava disponível. Tinha trabalhado nos Serviços Reguladores do Plantio da Vinha. E depois, é claro, eu trabalhava em regime de tarefa. Tarefa é: se há verba, há trabalho; se não há verba, não há trabalho. Ainda estive lá alguns anos. Estive no Douro, estive em Coimbra, corri aquilo tudo. E então, depois, foi um ano em que não havia verba, e então eu disse: “Olha, vou descansar”. E tínhamos uma quinta lá no norte, em Verin, Póvoa do Lanhoso, e eu estive para lá entretido, plantei uma vinha, plantei umas oliveiras e tal. O meu pai era dali, iamós lá passar as férias. E eu fui lá baptizado. A residência que a gente tinha era em Grândola porque o meu pai trabalhava lá.

Depois, um dia, encontrei um amigo em Braga, que me disse que tinha tentado partir para o Canadá não tendo sido aceite por ter mais de 35 anos, e que eu é que deveria ir. Levou-me ao Inspector da Emigração, para me apresentar.

Depois fomos à Câmara preencher os impressos necessários, entreguei-os na Inspeção, e passados alguns meses pediram-me o boletim de vacinas, radiografias, certificado de habilitações, o registo criminal, e outros. Não foi difícil obter a autorização, levou foi tempo.

LV: Era preciso dispor de algum dinheiro para entrar no Canadá?

JM: Precisávamos de levar 100 dólares canadianos. Todos, todos levavam 100 dólares.

LV: Falava Inglês ou Francês?

JM: Não, não falava e fez-me muita falta.

LV: Como viajou? Qual foi o porto de chegada? Como decorreu a viagem?

JM: Viajei no *Rose Star*, o barco ia cheio e a viagem demorou mais do que previsto. Levou nove dias. Toda a gente estava enjoada, a vomitar por todo o lado. Chegamos a Halifax.

LV: Uma vez chegado, como foram os primeiros tempos?

JM: Não foram maus, estive sempre acompanhado. Fomos logo para o Quebeque. Ficamos na Emigração e depois fomos entrevistados pelos oficiais da Emigração e fomos colocados na agricultura. Nesse ano ia tudo para a agricultura. Depois de aí, distribuíram-nos. Então veio um capataz que nos levou a mim e a um amigo de Braga para Levis, uma cidade do outro lado do rio São Lawrence. Fomos trabalhar para um colégio religioso que tinha internos, e fui trabalhar para a *farm*, onde produziam leite, carne, batatas tudo o que comiam. Estivemos lá uns meses, passamos o verão e quando chegou o Inverno o capataz disse-nos que já não tinha emprego para essa época. O meu amigo foi para Quebeque, para a Emigração, e ficou em Quebeque. Eu pedi para ir para outra *farm*. Queria ficar lá para aprender melhor Francês. Era para depois poder girar. E foi o que me valeu quando fui para a zona inglesa. Não falava Inglês mas havia pessoas que falavam Francês.

LV: Para que local foram?

JM: Então eles arranjaram para ir para Pont Rouge, que ficava a uns quilómetros de Quebeque. Fui para lá e estive com uma família que tinha dois filhos, eram crianças ... O dono de aquilo tinha uma família grande, que tinha muitos irmãos e irmãs, que todas as semanas a gente ia visitar, um irmão, depois uma irmã... Depois aquela gente ... tudo tinha muitos filhos, rapazes e raparigas e eu estive lá até ... Eu estive lá até Junho. Eu devo ter ido para Pont Rouge talvez em Agosto ou Setembro, ainda passei lá o Verão.

LV: E depois do Verão?

JM: Depois conheci alguém que me disse que procuravam pessoal para os Caminhos de Ferro. Achei que era altura de deixar as *farms*. E então eu fui a Montreal com outro português que era açoreano, da ilha do Pico. Depois fomos para cima, para trabalhar na British Columbia. [Na viagem] o comboio parou em Burns Lake e estávamos à espera que viesse outro comboio para nos levar para outro sítio; ora, já era noite, a gente estávamos maçados: “— Ah! Vamos mas é arranjar hotel!”. Eu e o outro fomos para o hotel e ficamos lá. Quando o comboio veio, já os outros tinham ido. A gente ficou, e a senhora do hotel disse-nos que havia um espanhol que nos podia arranjar trabalho.

LV: E onde ficaram?

JM: Ficamos em Burns Lake. E o espanhol foi falar com o gerente dele e lá arranjou trabalho na *sawmill*, na serração, onde cortavam madeira. Tinha umas máquinas muitos grandes! Metiam-se lá as tábuas rrrrrrrrrrrrrrrrrrr e a madeira saía de lá limpa, e depois estava lá o *boxcar* que levava a madeira. A madeira ia para os Estados Unidos.

Eu e o outro [o açoreano] alugamos uma “cabine”.

LV: O que é uma “cabine”?

JM: É uma construção de madeira. É só um quarto. Não tem divisões. Tem uma coisa para cozinhar, não sei como lhe chamam... lava-loiças, e duas camas, uma de um lado e outra do outro, mais nada. Depois esse rapaz, o açoreano, que era carpinteiro, esse rapaz fez um guarda-fato para a gente pôr a roupa. Não havia mais nada. Tinha luz. Não tinha era água! Parece-me que se pagava vinte e quatro

dólares. A água tinha lá ... tinha em frente, tinha lá uma torneira e a gente ia lá buscar uns baldes com água para levarmos para casa.

LV: E como tomavam banho?

JM: Ah! isso era fácil. Íamos ao hotel em frente. O hotel tinha lá em baixo uns balneários onde tomávamos duche e pagávamos um dólar. O dono das cabines era um alemão que trabalhava no hotel. Tinha uma ... duas ... mais três cabines nessa área. A mulher dele também trabalhava no hotel, no *lobby*.

LV: Estiveram lá muito tempo? Gostaram do trabalho?

JM: Estivemos lá quase um ano. O trabalho não era mau, mas ficava muito tempo de pé, eu trabalhava na *plainermill*, era cansativo, depois trabalhávamos ao ar livre, só havia um telheiro e fazia muito frio, passei muito frio. Depois um amigo falou-me dos Caminhos de Ferro, que procuravam gente. Escrevi-lhe, e ele respondeu que estavam em Terrace. Respondi-lhe, e fui lá ter com ele. Primeiro tive de ir à inspecção médica. Lá não deixam trabalhar sem ser visto pelos serviços médicos; fui ao hospital. O açoreano foi trabalhar para Fort Fraser, para os bosques, para a madeira.

LV: Quais eram as suas tarefas nos Caminhos de Ferro?

JM: Nos Caminhos de Ferro a gente trabalhava naquela zona que era de Príncipe Rupert, Príncipe George, até Jasper. E até, mais tarde, os escritórios eram em Príncipe George. Rupert é um porto de mar. E então o nosso trabalho era tratar aqueles edificios das estações, porque de dez em dez milhas havia estações dos caminhos de ferro. Nós eramos... *lets see*, um, dois... éramos cinco. Era uma “ganga” pequena. Havia duas “gangas”, uma pintava por fora, outra pintava por dentro. Agora, carpintaria e essas coisas fazíamos nós. Eu não sabia, aprendi lá, e foi o que me valeu. Quando comprei a casa fiz muita coisa pela minha mão.

LV: O que é uma “ganga”? E onde viviam?

JM: É um grupo de trabalhadores, de homens ... viviamos em vagões. Era um conjunto de vagões – aquilo chama-se *bankcar* – onde os trabalhadores comiam e dormiam. Comiam na cozinha, alguns, com muitos trabalhadores tinham cozinheira. Pagavam a comida, era descontada no cheque. Outras “gangas” mais

pequenas, as pessoas faziam a comida. A nossa “ganga” tinha três *bankcars* e coisa e tal, *ya*. Um *washroom*, duche e *laundry*; dormitórios e cozinha. Não tinham máquina, ela só vinha quando era preciso mudar. A maior parte dos trabalhadores tentava falar Inglês ou Francês, nós lá nos entendíamos.

Agora já não há “gangas”. Acabaram as estações. Queimaram as estações, a própria empresa ... porque fica mais barato os veículos percorrerem o caminho do que ter várias “gangas” espalhadas. Havia gangas especializadas”, umas trabalhavam em *bridges* e outras em *steelbridges*.

LV: Quanto tempo esteve nos Caminhos de Ferro?

JM: Depois de ali, então estive aiii, espere lá, estive alguns anos ali. Ah! estive lá até 1966. É verdade ... Em 66 houve uma greve. Ah! ... e então nós estávamos parados, e já estava duas semanas sem fazer nada e até me doía o corpo de estar na cama tanto tempo.

Depois falei ... Ah! a “ganga” estava ... nós estávamos parados em Kitimat. Estávamos em Kitimat a arranjar um edificio qualquer porque havia lá ... o pessoal que lá comia nessa coisa, ampliamos a sala de jantar.

LV: Era um vagão?

JM: Não, chama-se *bankhouse*.

LV: Era uma casa de madeira? Para muita gente?

JM: Sim, sempre de madeira. Não aquilo eram quê, aí ... umas seis ou sete pessoas, que eram para manter a linha. E então nós fomos a ampliar para eles ter mais espaço, e então foi em 1966. *Ya*, nós estávamos lá, houve a greve e eu falei com um amigo meu. E então fomos lá. Lá, a essa companhia, a essa fábrica: a Alcan; chama-se *Alcan Aluminium Smelters*, onde fazem o alumínio e até construíram uma grande barragem para produzir energia. Ainda hoje lá está. E então fomos lá, e deram-me trabalho. Fiquei lá, mandaram ir ao médico e tal, fiquei lá a trabalhar. Eeeee ... estive lá sempre. Estive numa casa alugada. Depois, em 67, comprei a minha casa, a *Alcan* ajudava e nós pagávamos o *mortgage* no cheque. E quando faltavam três anos para acabar de pagar, paguei tudo de uma vez para não pagar mais *mortgages*. Em 1971 casei, a minha mulher era de

Cantanhede. Casámos por procuração e o meu pai representou-me, o casamento foi em Fátima. Depois ela veio, e por infelicidade passados dois anos ficou doente, com um cancro, a doença levou doze anos. Então faleceu, e ela tinha-me dito que quando morresse queria ir para a terra dela. Até no enxoval trazia um lençol de linho bordado para pôr no caixão. E assim eu fiz, e agora está no jazigo, junto com o pai.

LV: Escolheu uma portuguesa para casar. Porque não alguém de outra nacionalidade?

JM: Porque já a conhecia, já nos namorávamos. E sabe que ela era irmã de um cunhado meu? Conheci-a quando foi o casamento da minha irmã, que casou com o irmão dela.

LV: Finalmente, quais foram as principais dificuldades que sentiu? O clima, o desconhecimento da língua, os hábitos diferentes ...?

JM: Foi a língua, não compreendia o que me diziam e eu não sabia falar Francês. Não me custou habituar-me ao país.

LV: E quando veio o frio? E a neve?

JM: Depois, quando veio o frio, a gente até julgávamos que era mais. Tinham dito que era “muito frio, muito frio”. Quando a gente foi lá em Abril ainda havia neve.

LV: Aqui em Portugal já tinha visto neve?

JM: Vi, Vi. Vi quando estive ali em Boticas. Há ali a Serra do Larouco e numa ocasião fomos lá. Eu estava num sítio chamado Barrocal e fomos numa camionete lá, que são doze quilómetros, e foi no Carnaval. Durante a noite começou a cair bastante neve. No dia seguinte, a camionete já não saiu. Já não pode. Eu fui a pé, mais dois polícias que estavam lá, que também iam, que estavam lá com a gente, tuc, tuc ... E eu aproveitava, o polícia tinha umas botas grandes e onde ele punha o pé, eu também punha o meu ali e lá ia, tuc, tuc, tuc ... Eh!!! mais um frio!!! Eu só tinha frio nas orelhas, nas orelhas é que era terrível! E fizemos isso. Parece-me que eram doze quilómetros e fizemos isso a pé, sempre a pé.

LV: Devia ter uns 20 anos nessa época, trabalhava naquela zona?

JM: Tinha mais! Isso devia ser, já lhe digo, devia ser em 1943, ainda não tinha acabado a Guerra. Fui lá visitar uns colegas meus que trabalhavam na selecção da batata. Seleccionavam a batata para semente, para plantar. Nos Serviços Fitopatológicos. E tinha lá uns colegas e fui lá visitá-los. Passei lá duas noites, ou coisa assim, e aí é que eu vi a neve pela primeira vez. Nos caminhos de Ferro é que senti mais o frio. Lembro-me de uma ocasião em que apoiei a mão num muro enquanto estava a pregar um prego e ia ficando com a mão gelada, é muito perigoso, é preciso ter muito cuidado. *Freeze*, como eles lhe chamam.

LV: Então quando chegou ao Quebeque não estranhou nem a neve nem as pessoas?

JM: Eu tive sorte. Dei com boas pessoas. Agora houve portugueses que tiveram dificuldades e principalmente com a alimentação. Eu não, porque cozinhava para mim. O português gosta de comer muito pão. Oh! Comem muito. E lá nas refeições eles nem põem pão na mesa porque têm sempre batata. E se tem batata não precisa de pão. Usam no pequeno almoço. O pequeno almoço é a refeição principal. Numa ocasião em que a patroa estava a cortar o pão um homem abalançou-se e agarrou duas fatias. Tinha uma ganância de pão! A mulher até ficou surpreendida.

LV: Teve alguma vez dificuldade em arranjar emprego?

JM. Nunca tive dificuldade em encontrar trabalho. Arranjei sempre por mim e nunca fui a nenhum “employment”.

LV: Na cidade onde reside vivem muitos portugueses? A que se dedicam?

JM: Alguns, já viveram mais. Era a primeira colónia de Kitimat. Sabe, a população tem diminuído. Esteve uns anos em que as pessoas reformavam-se e desapareciam, iam embora. Agora não, agora ficam. Fecharam quatro escolas e o hospital, que tinha sido construído para cinquenta mil doentes, foi demolido, e construíram um mais pequeno. A maior parte dos portugueses trabalhava, e trabalha, em *Alcan* ou têm lojas. Muitos portugueses foram para o Sul para as *farms* de fruta e legumes em Osoyoos, Pententon, Summerland ... compraram lá

propriedades. Outros foram para as cidades, para Vancouver, porque os filhos foram para a Universidade.

LV: Os filhos estudam em escolas portuguesas? Seguem estudos superiores?

J.M: Em Kitimat há escolas primárias e liceu. Não havia escolas portuguesas e o Português só era falado em casa, ou entre amigos, os jovens preferiam falar Inglês, para não serem assinalados como emigrantes. Como afirmei, muitos foram para Vancouver. Muitos trabalhavam no Verão na *Alcan* para ganhar dinheiro, para pagar os estudos. Dava para um ano. Outros tiraram Cursos Profissionais: canalizador, electricista, ou soldador. Todos têm que fazer o décimo segundo ano, e depois escolhem.

LV: Em relação à comunidade portuguesa, tem algum contacto?

JM: Sim, frequento o Clube *Luso-Canadian*. É o maior e o melhor construído. Está aberto todos os dias. Toda a gente pode lá ir, e muitos vão almoçar ao Domingo porque gostam da comida portuguesa. Fazem muitas festas e alugam o espaço a outras pessoas.

LV: Praticam desportos?

JM: Muito! São *fans* do hockey sobre gelo. Também jogam *football*, foi um português que organizou a primeira equipe, agora há várias.

LV: Há alguma Igreja católica?

JM: Sim, há uma. O edifício é novo, em forma de polígono, muito bonito! Há umas oito ou nove igrejas, uma para cada religião.

LV: Sente-se mais canadiano do que português?

JM: Sinto-me português. Eu cozinho à portuguesa.

LV: Tem autorização de residência?

JM: Nunca foi necessário. O único documento que pediam era a carta de condução. Agora, desde há dois anos, tenho o cartão de *Permanent Resident*, que é renovado de cinco em cinco anos. Mas agora a maior parte dos portugueses pede a cidadania canadiana.

LV: Segue os assuntos políticos e governamentais do Canadá?

JM: Sim, mas não sou fanático.

LV: Pode votar nas eleições Canadianas?

JM: Não, não posso.

LV: Há políticos de ascendência portuguesa na região onde vive?

JM: Não sei.

LV: Considera que os portugueses conseguiram subir na vida da mesma forma que os canadianos?

JM: Sim, sim, mas há que ter vontade de trabalhar.

LV: Há uma diminuição do uso da Língua Portuguesa no Canadá?

JM: Com o tempo vai havendo, os mais jovens não gostam de falar Português em público.

LV: Considera que existe uma perda das tradições e costumes no Canadá?

JM: Não. As festas portuguesas são sempre as melhores. A procissão de Nossa Senhora de Fátima e as festas do Santo Espírito são muito importantes aqui em Kitimat, e em Vancouver, em Toronto. ...

LV: Pensa que os portugueses devem integrar-se na vida canadiana?

JM: Sim, se querem lá fazer as suas vidas têm que aprender o Inglês e integrar-se na sociedade não podem fechar-se em comunidades.

LV: E os canadianos gostam de ouvir os portugueses falar Português uns com os outros?

JM: Não, não gostam, olham logo.

LV: Vem passar as suas férias a Portugal todos os anos, durante o verão. Regressa sempre em Outubro ao Canadá; porquê?

JM: Gosto de ver a família, mas não gosto do frio do Inverno. Assim que chega os meados de Outubro, vou-me embora. Aqui as casas são muito frias. No Canadá é que se está bem.

LV: Já pensou num regresso definitivo a Portugal?

JM: Não. Tenho lá a minha casa. Aqui não tenho. A minha mulher não está, mas as flores secas que ela arranjou estão lá tal como a minha mulher as deixou, não é preciso regá-las. Tenho a minha reforma. Reformei-me aos sessenta e cinco anos, gosto de lá viver.

